

**Ethos Anglicano e Movimento Carismático:
um estudo etnográfico de suas relações**



por

Cristiany Morais de Queiroz

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Ethos Anglicano e Movimento Carismático: um estudo etnográfico
de suas relações

Cristiany Moraes de Queiroz

Dissertação de Mestrado
Orientadora: Prof^a. Dr^a Roberta Bivar Carneiro Campos

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Antropologia da
Universidade Federal de Pernambuco
para obtenção do grau de mestre em
Antropologia.

Recife – 2004

Ethos Anglicano e Movimento Carismático: um estudo etnográfico de suas relações

Cristiany Morais de Queiroz

Dissertação aprovada pela Banca Examinadora composta pelos professores:

**Profa. Dra. Roberta Bivar Carneiro Campos
(Orientadora)**

**Profa. Dra. Maria Aparecida Lopes Nogueira
(Membro Titular Interno)**

**Prof. Dr. Paulo Donizéti Siepierski
(Membro Titular Externo)**

Recife, 29 de abril de 2004.

À minha mãe, sempre presente e amiga
nos momentos mais importantes da
minha vida. Eu te amo!

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter permitido a concretização desta vitória.

À minha família: meu pai Demócrito Albuquerque, minha mãe Gilda Morais, meu irmão Gustavo Morais e Bob Luís Júnior (o nosso mascote). Todos esses compartilharam comigo momentos de ansiedade, dúvida e felicidade. Eles significam o sentido da minha vida.

Às minhas queridas avós: vovó Gilda e vovó Maria (*in memoriam*), pelo amor e dedicação que sempre tiveram comigo.

À querida Supervisora Clínica e amiga Sônia Duarte, por ter sido psicanalista e antropóloga.

À minha Professora Orientadora Roberta Campos, pelo seu compromisso e dedicação como professora, pois ela sempre esteve muito presente na elaboração da minha pesquisa.

À Professora Cida Nogueira, pela sua amizade, paciência e sabedoria na teoria sobre memória.

À querida Professora Marjo De Theije, pelo seu incentivo e carinho em ter me acompanhado nos primeiros passos da pesquisa de campo.

Ao Professor Roberto Motta, por ter me transmitido algumas dicas importantes para o meu trabalho.

Ao Professor Bartolomeu Tito, pelo seu carinho e pela sua indicação em algumas leituras.

A

todas as funcionárias do Departamento de Antropologia (Ana, Ademildes e Mirian); dedico também um agradecimento especial à minha amiga Regina, que sempre me deu muita força, atenção e carinho. Você é muito especial, Regina!

A todos os colegas e professores do mestrado, especialmente a Isabela e Homero, pois compartilhamos bons momentos.

À minha querida analista Ana Beatriz Zuanella Cordeiro, pela sua capacidade de me dar força, estímulo e inspiração para crescer.

Ao casal amigo Marcela (a Maga de sempre) e Benes Sales. Vocês são muito importantes na minha vida!

À amiga Mônica Lamb, uma querida amiga que sempre está perto de mim, me incentivando a crescer;

Às amigas dona Luíza, Léia, Angélica e Heleniza, que torcem pelo meu sucesso.

Aos pastores amigos que contribuíram para a minha pesquisa: Sérgio Andrade, Edmar Pimentel, Frede, Fábio, Miguel Uchôa e ao bispo Dom Robinson Cavalcanti.

À família *Paterson* (dona Kathleen, Anthea e Marion) por ter me fornecidas valiosas informações sobre a Igreja Anglicana.

Ao Dr. Paulo Roberto Medeiros, pela sua atenção em contribuir com alguns dados para o meu estudo.

A Ana Lima, professora e coordenadora do Curso de Letras da UFPE, que me tratou com muito carinho no momento da entrevista.

Ao colega Eduardo Vieira, pelas suas críticas construtivas na correção e formatação deste trabalho.

Às amigas Edi Guaraná e Kátia Vasconcelos, pelas informações e carinho que sempre dedicam a mim.

Ao casal de amigos que amo muito, Jairo e Mafalda Calife, que sempre me acolheram com bastante carinho.

A todos os meus interlocutores, anglicanos e carismáticos, que se dispuseram a me ajudar nesta caminhada.

À CAPES, por ter financiado esta pesquisa.

ÍNDICE

RESUMO _____	11
ABSTRACT _____	12
INTRODUÇÃO _____	13
Metodologia	22
O Campo	24
Métodos e Técnicas	25
Dificuldades e Estratégias	27
Análise dos Dados	30
CAPÍTULO 01 – PANORAMA DO ANGLICANISMO _____	31
1.1 A Era Elizabetana e a Via Média	32
CAPÍTULO 02 – AS MUDANÇAS OCORRIDAS NA IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA: UMA RECONSTRUÇÃO _____	44
2.1 Uma Conversa com a Família Paterson	46
2.2 Encontro com o Dr. Paulo Roberto Medeiros	64
CAPÍTULO 03 – O DOM DE SER CARISMÁTICO _____	82
CAPÍTULO 04 – FOGO, ESPÍRITO SANTO, UNÇÃO CURA E EMOÇÃO: DE IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA À IGREJA EPISCOPAL CARISMÁTICA _____	109
4.1 Minhas primeiras impressões etnográficas e o Catch the Fire	110
4.2 Como os anglicanos entram em contato com o Espírito Santo	125
4.3 Sobre o “descansar ou repousar no Espírito” e a “gargalhada santa”	135
4.4 Quem são os Episcopais Anglicanos	140
4.5 Quem são os Episcopais Carismáticos	169
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	185
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA _____	193
ANEXOS _____	199

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 – “Combatentes Anglicanos da II Guerra Mundial”	52
Foto 2 – “Anthea nos braços de sua mãe”	53
Foto 3 – “Cerimônia das Bandeiras”	58
Foto 4 – “Primeira Igreja Anglicana do Recife”	60
Foto 5 – “Paulo Garcia no Grupo Familiar”	86
Foto 6 – “Casamento de Pelé”	88
Foto 7 – “Atual Paróquia do Bom Samaritano”	92
Foto 8 – “165 anos do Anglicanismo no Brasil”	96
Foto 9 – “Ex-Catedral Anglicana disputada na Justiça”	102
Foto 10 – “Sinalização da Igreja Carismática”	104
Foto 11 – “Convite para a Sagração de Bispo”	105
Foto 12 – “Dom Paulo Garcia”	106
Foto 13 – “Os Anglicanos clamam pelo Espírito Santo”	121
Foto 14 - “Descansar ou Repousar no Espírito Santo”	122
Foto 15 – “Jovens Anglicanos repousam no Espírito Santo”	123
Foto 16 – “Oração pelo Espírito Santo”	128
Foto 17 – “Membro da Igreja Anglicana no CVC”	153
Foto 18 – “Aos 76 anos, dona Naíse foi alfabetizada”	154
Foto 19 – “Campanha pela Paz”	155
Foto 20 – “Combate à AIDS”	156
Foto 21 - “Pr. Sérgio (camisa branca e jeans) a caminho de uma obra social em Umburetama (PE)”	157
Foto 22 – “Os Anglicanos lavam a ‘Nova Igreja’”	159
Foto 23 – “A Limpeza dos Banheiros”	160
Foto 24 – “O Cuidado com o Jardim”	161
Foto 25 – “Camiseta: Prefira o que é Certo, não o que é Oportuno”	162
Foto 26 – “Dom Robinson na Catedral Anglicana do Espinheiro”	163
Foto 27 – “Os jovens ajudam no Ofertório”	163
Foto 28 – “Carismáticas no Brechó”	177

Foto 29 – “O Grupo Carismático numa reunião do ‘grupo familiar’”	178
Foto 30 – “A Feira de Oportunidades”	179
Foto 31 – “Apresentação Teatral”	179

RESUMO

Esta pesquisa constou de um estudo etnográfico sobre o cisma da Catedral Anglicana da Santíssima Trindade, que ocorreu em setembro de 2002. Abordei as características do anglicanismo e a reconstrução da sua memória, além das mudanças ocorridas após a chegada do Pr. Paulo Garcia. Apontei para os sinais de uma religiosidade popular: unção, manifestação de cura, efervescência emocional e contato com o Espírito Santo. Nesse caso, a Igreja Anglicana mudou seu *ethos* tradicional atraindo um maior número de fiéis, o que a colocou na atual arena de um mercado religioso. Com a divisão do anglicanismo, a Igreja foi dividida em dois grupos: os que se mantiveram na liturgia anglicana e os que aderiram à resolução do líder religioso Garcia. Ambos os grupos apresentaram perfis peculiares, os anglicanos como os mais “racionais” na maneira de cultuar a Deus e os carismáticos como sendo os mais “avivados”, com mais testemunhos de cura em suas vidas.

ABSTRACT

This work is an ethnographic study about the division of the *Catedral Anglicana da Santíssima Trindade*, which happened in September of 2002. I analyze the characteristics of the Anglicanism, the reconstruct its memory and the alterations that occurred after the Pr. Paulo Garcia arrived. According to the research, there are indications of a popular religiosity: unction, cure manifestations, emotional effervescence and contact with Holy Spirit. In such case, the Anglican Church modified its traditional *ethos*, attracted more followers and became part of the actual religious market. After the division, the Anglican Church was divided in two groups: the group that stayed in the Anglican liturgy and the group that followed the religious leader Garcia. Both groups have different profiles: the Anglicans are more “rational” when they worship God and the Charismatics are more “vivified”, with more cure testimonies in their lives.

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Ao lançarmos um olhar para o atual campo religioso brasileiro, dois fatos nos chamam a atenção de imediato: 1) a transformação introduzida nele pelo fim da hegemonia — quase que monopólio — católica; e 2) a diversidade de igrejas, num cenário que é possível afirmarmos sobre a existência de “Igrejas para todos os gostos”.

À medida que os anos vão passando, as pesquisas a respeito do crescente número de evangélicos aumentam e as estatísticas se dispõem na direção de uma significativa redução da hegemonia Católica Romana, ou seja, na direção de um processo de *descatolização* (Motta, 1993). Aparentemente, parece-nos uma situação de irreversível declínio: em 1980, cerca de 88% da população nacional se declara “católica”; em 1991, 80%; e em 1994, 74,9%. Certas particularidades regionais seriam mais impressionantes ainda. Citemos, por exemplo, o Rio de Janeiro, a cidade “menos católica” do Brasil, onde não mais de 59,3 % se declaram católicos. Em situação parecida, encontram-se também os estados de Minas Gerais e Ceará (Sanchis, 1999).

Em qualquer passeio que realizarmos pelas ruas das grandes cidades brasileiras, especialmente pelas favelas e periferias, ficaremos impressionados com a quantidade de igrejas evangélicas. São templos, pontos missionários, galpões, prédios antigos, estádios de futebol, cinemas desativados e até portinhas de cubículos, que não há quem diga que ali funciona uma igreja.¹ O importante mesmo para esse povo é exercer a sua fé, ter um local

¹ Não se trata de uma crítica pejorativa da minha parte. São apenas comentários que enfatizam a diversidade religiosa no Brasil, colocando tais Igrejas numa concorrência por fiéis.

para compartilhar com os irmãos os obstáculos e as dificuldades, mas também como Deus tem agido para modificar as suas vidas. O interessante nisso tudo é que os 26 milhões de evangélicos brasileiros têm à disposição um vasto programa de escolhas para se filiar. Em muitas dessas igrejas, é possível observar um discurso corrente: “*Você está achando que a sua vida não tem jeito, que já teve de tudo e não tem mais nada? É com você que Deus está falando.*” Atraídas por esse discurso, multidões congregam-se nos mais diferentes espaços.

Os fiéis parecem não mais se fixar em antigas e tradicionais religiões; eles procuram algo que lhes desperte emoção e, ao mesmo tempo, pragmatismo com relação aos problemas do cotidiano: desemprego, alcoolismo, saúde etc. Em outras palavras, a promessa de felicidade deve ser imediata, pois o que importa é estar bem aqui e agora. Com a expansão do neopentecostalismo, a velha “mensagem da cruz” — discurso teológico que pregava o sofrimento terreno do cristão — caiu por terra e, sem qualquer compadecimento, foi sumariamente soterrada (Mariano, 1999).

Qual seria o “diagnóstico social” dessa realidade multireligiosa? Como afirma Brandão (1994), podemos falar de uma **crise das instituições tradicionais produtoras de sentido**. As Igrejas Protestantes Históricas e a Igreja Católica têm se manifestado no sentido de aderir a uma nova forma de cultuar a Deus, que é através do *misticismo*, de um “retorno do sagrado”: com manifestações de cura, louvores emocionantes, testemunhos chocantes etc. O misticismo passa a ser retomado para evitar a evasão de fiéis. Todo esse comportamento voltado para uma religiosidade “mágica” é utilizado como proposta das igrejas diante de um mercado de bens e serviços religiosos. Alguns autores entendem que a lógica passa a ser a mesma de uma empresa secular: seduzir o fiel com um produto atraente

e oferecer um bom serviço. Como afirma Ari Pedro Oro (1999), “os depoimentos de fiéis na TV e no rádio são o apelo de marketing para demonstrar a eficiência dos serviços”.

Um dos primeiros autores a mencionar na literatura sociológica sobre a lógica de um mercado religioso foi Peter Berger. Para ele, a causa desta lógica mercadológica está relacionada ao pluralismo religioso:

“A característica-chave de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes de seu pano de fundo histórico, é que os ex-monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão de suas populações. A submissão é voluntária e assim, por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser colocada no mercado. Ela tem que ser ‘vendida’ para uma clientela que não é mais obrigada a ‘comprar’. A situação pluralista é, acima de tudo, uma situação de mercado. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se comodidades de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser denominada pela lógica da economia de mercado.” (Berger, 1985: 149)

Para Guerra (2000), há uma transformação do campo religioso em mercado religioso:

“Os níveis de consciência entre organizações religiosas implicam, inclusive, na adoração de práticas semelhantes às utilizadas por empresas seculares para disponibilizar seus produtos para o consumo no mercado e o crescente poder da demanda dos consumidores na determinação da dinâmica dos discursos religiosos e das práticas a eles relacionadas.” (Guerra, 2000: 01)

Campos (1997), ao realizar sua pesquisa na IURD (Igreja Universal do Reino de Deus), demonstrou que no empreendimento religioso-organizacional reúne-se “templo”,

“teatro” e “mercadoria” simultaneamente, e que, por isso mesmo, é fundamental o investimento nos serviços de *marketing*.

A partir do momento em que os símbolos religiosos passam a ser encarados como mercadorias, percebemos um afastamento do *ethos* tradicional a favor de novas posturas religiosas, mas que, pelo menos, garantirão a sobrevivência de determinada linhagem de crença. É preciso aderir a novas estratégias de cultivar o divino, visto que a erudição, o racionalismo, a fixação nas velhas e “inquestionáveis” tradições e a fidelidade ao padre ou ao pastor protestante não mais respondem aos anseios dos novos devotos brasileiros. Assim comenta Mendonça (1994):

“Com as mudanças sociais que temos presenciado, não somente no Brasil mas também nos Estados Unidos, sociedades em grande efervescência, com mudanças sociais através de migrações internas e externas, é muito difícil uma instituição conseguir manter dogmaticamente os seus sistemas de sentido. É especialmente difícil porque, enquanto os teólogos começam a tomar conhecimento das coisas, a repensar as questões, a escrever, a fazer com que isto chegue aos Concílios para ser aprovado e comunicado, a coisa já mudou de novo. No mundo acadêmico, dizemos que, para acompanhar as coisas, temos que ler os periódicos e, para perdê-las de vista, lemos livros... Assim, ocorre que as pessoas que estão sujeitas a essas mudanças tremendas e rápidas destroem o sistema de sentido que elas gradativamente vão conseguindo formar. É necessário um sistema religioso que seja, em primeiro lugar, claro e, em segundo lugar, assimilável e mutável rapidamente.” (Mendonça, 1994: 48)

Percebo como se cada fiel brasileiro representasse um verdadeiro “laboratório” social e um protótipo das transformações que vêm acontecendo no nosso campo religioso. Transformações que coincidem com o processo de autonomização dos indivíduos em relação às instituições religiosas. Esta realidade se expressa através dos conceitos de

desinstitucionalização ou *desregulação religiosa* propostas por Hervieu-Lérger (1993). Neste sentido, haveria uma prioridade da experiência subjetiva sobre a organização religiosa. Ao questionarmos algumas pessoas, é comum encontrarmos um passado religioso bem diversificado, com uma busca incessante por religiões capazes de atender aos mais diversos anseios. Neste sentido, cito Brandão (1994):

“O religioso alternativo brasileiro é também um andarilho. Faz parte de sua agenda um deslocamento permanente entre formas de trabalhar a espiritualidade, em nome de uma busca sempre renovada de experiências místicas. Nada mais coerente, portanto, que a inconstância e a volubilidade. A devoção a crenças e rituais se dá, geralmente, sob o signo da experimentação. Itinerário indefinido, montado na travessia, o errante da nova era caminha solitário, raramente se une a procissões e, mais raramente ainda, identifica a sua viagem a uma cruzada. Em certo sentido, deseja o repouso de uma adesão definitiva, de vínculos estáveis. Mas tende a reconhecer, na própria busca, a essência de sua utopia e a natureza de sua devoção. O pêndulo da religiosidade, grosseiramente homogeneizada sob o rótulo precário ‘alternativa’, oscila entre movimento e repouso; solidão e comunhão; experiências fragmentárias e idealização da unidade e do pertencimento.”
(Brandão, 1999: 30)

Segundo Prandi (2003), a partir da oferta de serviços que a religião é capaz de oferecer aos consumidores religiosos, através de determinadas estratégias, faz com que as religiões mais tradicionais revejam seus antigos valores. Porém, não significa que essas religiões estejam preparadas para a nova realidade imposta, pois em algumas instituições religiosas só algumas facções é que renovam seus comportamentos, como é o caso da Renovação Carismática Católica.

O comportamento do fiel brasileiro deixou de ser fixo, rígido e leal, na medida em que a filiação a uma determinada igreja escapa dos moldes tradicionais, pois já não se tem a

preocupação em se manter uma postura imóvel dentro de uma determinada tradição familiar, mas os fiéis passam a optar livremente pela “linha religiosa” que melhor se insere na sua demanda, no seu perfil, ou seja, na sua subjetividade. Como ressaltou Birman (2002):

“... A inclusão social pela via religiosa deixou de ser dada e passou, conseqüentemente, a ser objeto de construções e de estratégias variadas.” (Birman, 2002: 63)

Para Hervieu-Léger (1993) as antigas e tradicionais instituições religiosas não mais se apresentam como eficientes para responder aos anseios dos novos fiéis. A memória é utilizada como um recurso que vai ativar uma “linha crente” ligando um passado mítico ao presente, ou seja, é como se a memória fosse um instrumento de “retorno às origens”. Mas, o conceito de tradição não é estático, imóvel e “acabado”; ele é dinâmico, ele acompanha a mobilidade sócio-cultural (Borheim, 1997). A religião que não se apresentar de acordo com esta dinâmica está fadada a morrer.

Sendo assim, realizei uma contextualização da Igreja Episcopal Anglicana neste ambiente macro-religioso da sociedade brasileira, haja vista a minha percepção, a partir de uma experiência etnográfica. Parece que este recrutamento (para a solução de qualquer ordem de problemas) dos fiéis não é privilégio, apenas, das Igrejas Neopentecostais, na medida em que pude identificá-lo numa denominação de tradição histórica e com adeptos da classe média e alta. Percebi uma aproximação do comportamento religioso anglicano com a religiosidade popular, com uma ênfase maior nos aspectos “mágicos” e emocionais. O que, conseqüentemente, acarretou na quebra de uma “uniformidade” e na formação de

dois grupos religiosos (anglicanos e carismáticos), expressando a atual demanda dos fiéis, que é de religiões mais “avivadas”. Este trabalho apresentou, essencialmente, uma transformação no jeito de ser dos fiéis anglicanos, demonstrando o caráter dinâmico da cultura e seu enraizamento no contexto sócio-histórico.

Portanto, de acordo com tais observações, apresentei um estudo sobre o Movimento Carismático na Igreja Anglicana. Parti das seguintes questões: Quais os fatores que fizeram o Pr. Paulo Garcia (da Igreja Anglicana) se vincular a uma Igreja Episcopal Carismática? A que devem essas transformações? Antes de haver a ruptura (setembro de 2002) do líder Garcia, eu percebia uma polifonia no espaço da Catedral Anglicana, convivendo lado a lado: os mais “fervorosos” e os mais racionais na maneira de se portar na crença religiosa. Porém, com o cisma, mais questões fomentaram o meu problema: Quem são os fiéis que preferiram aderir aos posicionamentos de Paulo Garcia? Quem é o grupo que fez a escolha de permanecer no Anglicanismo? Qual a postura de ambos os grupos em relação à divisão da comunidade? E quanto aos líderes religiosos de ambos os grupos, o Pr. Paulo Garcia e o bispo anglicano Dom Robinson Cavalcanti, como seus discursos se manifestam, em termos de uma liturgia carismática e anglicana, respectivamente?

Para responder a tais questões, dividi este trabalho em 4 capítulos. No primeiro capítulo, contemplei, de maneira geral, as características mais importantes da Igreja Episcopal Anglicana: a Via Média e a *Compreensividade*. Observei que estas foram muito relevantes na mudança de seu *ethos*, visto que, ao mesmo tempo em que dialoga de maneira ecumênica com outras religiões, também proporciona a introjeção de comportamentos mais “avivados” e, conseqüentemente, a vinculação do Pr. Paulo Garcia à Igreja Episcopal Carismática.

No segundo capítulo, com a finalidade de abordar o tema da memória e apresentar as transformações da Igreja Anglicana após a chegada de Paulo Garcia, realizei uma entrevista com a família *Paterson* e outra com o atual psicanalista Paulo Medeiros. Ambos os testemunhos me apoiaram na reconstrução do anglicanismo no Recife. Como enfoque teórico, utilizei algumas discussões de Halbwachs (memória coletiva) e Bergson (a importância da imagem-lembrança) e, em Hervieu-Léger, pontuei que a crise da tradição religiosa na modernidade é a crise de sua transmissão e do passado como referência para explicar o presente.

O objetivo do terceiro capítulo é apresentar, de maneira geral, alguns dados da vida do Pr. Paulo Garcia. Uma de suas principais características é o dom de congregar, de reunir uma grande quantidade de fiéis na igreja. Tal perfil coincide com o de vários líderes carismáticos que conseguem expandir o número de evangélicos no país. O carisma do líder Garcia se mostrou revelador para o crescimento do Anglicanismo no Nordeste.

Finalizo esta pesquisa com o quarto capítulo, onde relatei as minhas primeiras impressões etnográficas a partir do *Catch the Fire* e suas repercussões na vida dos membros anglicanos. Também abordei o cisma da Catedral Anglicana e a divisão desta em dois grupos: os anglicanos e os carismáticos. Ambos os grupos se mostraram semelhantes quanto ao perfil sócio-religioso, ao perfil sócio-econômico e à trajetória de afiliação. Contudo, o que os diferenciou foi à maneira como eles se posicionaram em relação ao cisma e, devido às suas experiências de vida, alguns se vincularam à Igreja Carismática, pois esta se mostrou mais “eficiente” para atender às suas demandas de avivamento, cura, união e fervor emocional.

É importante ressaltar que, neste trabalho, não há um capítulo que aborde apenas as questões teóricas, visto que ela está diluída ao longo do trabalho. Os dados etnográficos foram inspirados e pontuados teoricamente dentro de cada capítulo. A partir da exposição geral da divisão deste trabalho, aprofundarei sobre os temas da memória, do poder dos líderes carismáticos, da polifonia entre os anglicanos e os carismáticos e da experiência de êxtase ao entrar em contato com o Espírito Santo.

Diante dos temas abordados nestes capítulos, compreendo que a Igreja Anglicana faz parte desta realidade competitiva. Não se trata de um plano elaborado pelos líderes religiosos para se manterem no poder e para impedirem que suas igrejas “morram”, mas acredito que se trate de uma atmosfera natural, de um movimento social que vem, de certa maneira, desestabilizando as antigas e tradicionais instituições religiosas, não só entre os anglicanos, mas também entre os batistas, os presbiterianos, os católicos romanos etc.

Metodologia

A minha primeira experiência etnográfica se realizou no *Grupo de Oração Magnificat*, na Paróquia de Santa Cruz na Boa Vista, sob a coordenação da professora Marjo De Theije. Essa pesquisa fazia parte de um projeto maior, cujo nome era *A Caminhada do Louvor*. A minha participação se deu durante o segundo semestre do ano de 2001. Este estudo tinha por finalidade avaliar o alcance e a audiência da mídia católica, comparando-as com o sucesso do movimento carismático católico. A participação nesta pesquisa me deu um importante suporte teórico e metodológico para realizar o meu estudo na Igreja Episcopal Anglicana. O contato com os jovens deste grupo carismático, suas

trajetórias de afiliação, a maneira como se relacionavam, o momento da conversão e o contato com o Espírito Santo me ajudaram a formular algumas questões sobre o “movimento carismático no Anglicanismo.”

Sendo assim, além de haver realizado leituras etnográficas de diversos autores da área, fui a campo com bastante entusiasmo e desejo de ser antropóloga. Mas isso não significava o sucesso na pesquisa, pois o campo, muitas vezes, se mostra como uma “caixa de surpresas” e é preciso ficar atento aos imprevistos. Fui aprendendo que a intuição e a sensibilidade para analisar os fatos não dependiam apenas do arsenal técnico. Ao tomar conhecimento da obra de Malinowski (*Os Argonautas do Pacífico Ocidental*), eu queria observar os nativos com o mesmo olhar e eficácia da época, mas logo o campo foi me apresentando uma realidade bem diferente da que se colocava nos estudos etnográficos clássicos. A criatividade e a sensibilidade são requisitos básicos para quem se propõe a conhecer sobre o “outro”. Para Silva (2000) a magia de ser antropólogo é construída no próprio campo de pesquisa entre nativos e pesquisador, quando cada realidade se olha mutuamente e vai sendo possível construir as alianças, os acordos, as trocas e as compreensões.

Oliveira (2000) nos chama atenção para refletirmos em cima das principais “faculdades do entendimento”, ou seja, dos atos do ser humano: o olhar, o ouvir e o escrever. Ele acredita que tais atos são inerentes ao modo de conhecer das ciências sociais. É com esses atos que logramos construir o nosso saber. Assim, o autor procura indicar que, enquanto no olhar e no ouvir “disciplinados” (a saber, disciplinados pela teoria), realiza-se nossa percepção, será no escrever que o nosso pensamento será exercitado de forma mais cabal, como produtor de um discurso que seja tão criativo como próprio das ciências

voltadas à construção da teoria social. O trabalho do antropólogo se coloca nesta direção, pois ele é essencialmente dividido em dois momentos: 1) a coleta dos dados que envolvem o contato com os nativos, a observação dos seus modos de vida e a escrita no diário de campo e 2) este é o momento de analisar os dados e realizar as conexões com os outros estudos. É um momento de organização das informações que foram colhidas e de dialogar com as teorias que melhor se aproximam do nosso campo.

Geertz (1998) também nos oferece uma valiosa contribuição nessa perspectiva. Ele parte da idéia de separar e avaliar duas etapas bem distintas na investigação empírica: na primeira, ele procura qualificar a posição do antropólogo “estando lá” (*being there*), isto é, vivendo a situação de estar no campo; e na segunda, está em foco a experiência de viver, melhor dizendo, trabalhar “estando aqui” (*being here*), bem instalado no seu gabinete urbano. Nesses termos, o olhar e o ouvir seriam parte da primeira etapa, enquanto o escrever seria parte da segunda.

Baseando-se na compreensão das idéias de tais autores, apresento as minhas impressões no campo, levando sempre em consideração a relação dialógica entre pesquisador e pesquisado.

O Campo

A escolha da Catedral Anglicana da Santíssima Trindade se deu a partir de dois motivos principais: 1) esta Igreja sempre se mostrou como mais representativa em termos do número de fiéis ou de características mais relevantes, como rápido crescimento, popularidade, um líder bastante conhecido e os seus movimentos “avivados”; e 2) o fato de

fazer parte desta comunidade como membro, o que me possibilitou também ser aceita como pesquisadora (retomarei este item mais adiante).

Em literatura sobre a Igreja Anglicana, Aquino (2000) apresenta esta como uma das igrejas que mais cresce na América Latina: a quantidade de movimentos religiosos, o amor dos membros pela sua comunidade e a alta rotatividade de fiéis. Esses foram motivos marcantes que me chamaram atenção para um “olhar antropológico.” Como referiu um dos meus interlocutores:

“Se você for estudar mesmo aquela Igreja, ela já dá uma tese mesmo. Por quê? Porque ela se renova a cada ano, com alta rotatividade.”

Antes de acontecer o cisma (setembro de 2002), o meu campo se limitava ao Templo da Rua Carneiro Vilela; mas, após a ruptura do Pr. Paulo Garcia, com a divisão da comunidade anglicana, o meu campo também foi dividido em duas partes: na Carneiro Vilela (rua da Igreja Anglicana), eu convivi com os carismáticos; e, durante algum tempo, os anglicanos foram abordados na Paróquia do Bom Samaritano, em Boa Viagem, mudando-se só depois para a Rua Alfredo de Medeiros no Espinheiro.

Métodos e Técnicas

Com o objetivo de realizar os meus primeiros contatos com o campo de pesquisa, realizei, inicialmente, observações assistemáticas. Essas aconteceram na época do *Catch the Fire* e durante os cultos carismáticos, nos meses de setembro e outubro de 2001. Numa

segunda fase, optei por realizar observações sistemáticas de caráter semi-participativo, com anotações em diário de campo, além de outros recursos como fotografias e fitas de vídeo. Essa segunda fase começou em dezembro de 2002 e se prolongou até outubro de 2003. Somadas a tais recursos técnicos, utilizei entrevistas semi-estruturadas (vide anexo 1) com a finalidade de saber o posicionamento de ambos os grupos (anglicanos e carismáticos) a respeito do cisma e o motivo de suas escolhas. Para cada entrevista, os interlocutores responderam um formulário (vide anexo 2), que me possibilitou ter uma idéia do perfil sócio-religioso e sócio-econômico dos membros. Todas as entrevistas foram gravadas com a permissão dos meus interlocutores e, em todos os momentos da pesquisa, me identifiquei como pesquisadora. É importante salientar que a amostra foi de 34 entrevistas e 34 formulários², o que, conseqüentemente, não me permitiu generalizar os dados, pois as minhas conclusões limitaram-se à população que tive acesso. Todos os meus interlocutores tinham idades superiores aos vinte anos, sendo ao todo 13 homens e 21 mulheres.

Com relação ao local de sua realização, as entrevistas aconteceram de acordo com a comodidade das pessoas, sendo algumas na própria residência, outras na igreja, outras no ambiente de trabalho e em instituições ligadas à igreja, como CVC (Centro de Vivência Cristã) e SEARA (Serviço de Atendimento Comunitário). Nesses últimos locais, destaco o fato de ter me possibilitado participar mais de perto da intimidade dos interlocutores, saber mais dos seus gostos e avaliar o nível de participação nas atividades da igreja. Para colher os dados mais antigos da Igreja Anglicana no Recife, recorri a quatro entrevistas, além das 34. Essas foram feitas com a família *Paterson*, o atual psicanalista Paulo Medeiros, o Pr.

² No campo, fui percebendo, após um certo número, que as entrevistas tornaram-se repetitivas, saturadas. Apesar da maneira particular de cada um revelar seu discurso, observei que as 34 entrevistas foram suficientes para abordar o perfil de cada grupo e as suas escolhas.

anglicano Miguel Uchôa e a Pastora Ana Lima, que participou do Primeiro Encontro de Jovens da Igreja Anglicana, organizado pelo Pr. Paulo Garcia, em 1979. Para reconstruir o início do anglicanismo no Recife, utilizei os estudos de memória — tendo como idéia central o conceito de re-significação de Halbwachs — além de Bergson como contraponto para falar da imagem-lembrança dos entrevistados. A família *Paterson* também me cedeu algumas fotografias daquela época, cuja apresentação foi oportunizada nesse trabalho.

Halbwachs (1990) conceituou memória de uma forma geral e distinguiu a coletiva da individual. Também definiu história e lembrança, destacando vários exemplos e enfatizou a importância da afetividade na reconstrução da memória. Apesar de sempre trazer o social e o individual, é fundamental, para reconstruir a memória, uma exigência na força do social, no grupo, na coletividade, o qual o indivíduo se encontrou ou se encontra inserido. Por isso que se fala da memória enquanto re-significação, pois as experiências do passado serão sempre influenciadas pelas vivências do presente.

Dificuldades e Estratégias

O fato de fazer parte da Comunidade Anglicana permitiu-me ter livre acesso ao grupo, conhecer um pouco de sua rotina e colher muitos dados, pois, ao saberem da proposta da minha pesquisa, todos eles passaram a trazer sempre uma notícia, um artigo de jornal ou revista, a indicação de alguma leitura e até a apontar outras pessoas para se submeterem à entrevista. Também, por se tratar de uma pesquisa sobre essa Igreja, o grupo ficou entusiasmado para contribuir com um trabalho, que, para eles, futuramente, será um importante documento sobre a divisão da Igreja Anglicana no Recife. Contudo, ser uma

pesquisadora “de dentro” também me colocou em circunstâncias difíceis, visto que tive de olhar aquela comunidade de maneira diferente, de realizar um certo distanciamento a fim de que eles também me percebessem de outra maneira. No início não foi fácil e, em muitos momentos, cheguei a ser questionada sobre a validade da minha pesquisa, devido ao lugar que eu ocupava naquele espaço religioso. Gilberto Velho (1980) não nega a possibilidade da experiência de estranhamento dentro da nossa própria sociedade, pois o fato de partilharmos patrimônios culturais com os membros da nossa realidade não nos deve iludir a respeito das inúmeras descontinuidades e diferenças provindas de trajetórias, experiências e vivências específicas:

“Não creio que o estudo da própria sociedade seja uma heresia dentro da trajetória da reflexão antropológica mas significa, sem dúvida, uma ampliação e complexificação de nosso campo de estudos. Logo, é uma tarefa a ser assumida com todos os riscos e desgastes que envolve.” (Velho, 1980: 20)

Segundo Marc Augé é possível estudarmos o “outro próximo”. Ele se refere à obra de Mauss, onde este último traz a noção de inconsciente. Em outras palavras, se nos ativermos à psicanálise, observaremos que o movimento pelo qual ela descobre o outro em si-mesmo prolonga-se ou se realiza na descoberta etnológica. Fazer uma pesquisa “de dentro” não me impediu realizar o movimento de “descoberta do outro no si-mesmo”, ou seja, descobrir a pluralidade na singularidade.

Durante a minha pesquisa de campo, surgiu um comentário entre o grupo dos carismáticos de que eu estava sendo um “informante” do bispo Dom Robinson, e de que a minha função era colher informações e levá-las aos anglicanos, como se eu fosse uma

espiã. Não foi difícil compreender os meus interlocutores, visto que eles, de certa maneira, estavam se sentindo “ameaçados” porque o templo da Carneiro Vilela estava sobre jurisdição; e aparecer uma pessoa, mesmo que conhecida, entrevistando as pessoas e tirando fotografias pareceu um tanto constrangedor. Porém, tentei esclarecer todo o mal entendido e a pesquisa prosseguiu naturalmente.

Outra dificuldade apresentada no meu campo foi quando alguns dos meus interlocutores me questionaram a respeito de que lado eu estava (anglicanos ou carismáticos). Essa, sem dúvida, foi alguma das “armadilhas” que tive de enfrentar e responder enquanto pesquisadora. Interessante também foi perceber que, muitas vezes, a minha entrevista estava funcionando como um momento de desabafo para os meus interlocutores, pois, em muitos deles, percebi uma carência de ter alguém para escutá-los, sem que este alguém fosse julgá-los. Uma de minhas interlocutoras dizia: *“você precisa entrevistar Fulano, ele está precisando muito”*, dando a entender que a entrevista, além de colher dados para a pesquisa, funcionou para algumas pessoas com um sentido “terapêutico.” Muitos deles sabiam da minha formação profissional (psicóloga); não acredito que a demanda de escutá-los neste lugar tenha partido apenas deles, pois tive a oportunidade de rever o meu “descuido” ao escutar as entrevistas, o que me possibilitou uma tomada de consciência e o reforço, cada vez mais, de que a relação se constrói dialogicamente. Seja o extremo de abordá-los na função de psicóloga, seja o extremo de entrevistá-los jornalisticamente, o importante é que, a cada entrevista, fui, aos poucos, sendo mais antropóloga.

Análise dos Dados

Os dados da pesquisa foram analisados qualitativamente. As entrevistas foram transcritas e submetidas à análise do conteúdo: cada entrevista em si mesma, levando-se em conta a história particular e os fatores sociais específicos. Ao realizar esta etapa, comparei os discursos dos dois grupos (anglicanos e carismáticos), o que me permitiu apontar as principais características de ambos e suas opiniões sobre a cisão. De acordo com os dados coletados, os articulei com a abordagem teórica, ou seja, dei um sentido. Como referiu Geertz (1978), fazer etnografia é tentar ler, ou seja, “*construir uma leitura de*”.

Capítulo 01

Panorama do Anglicanismo



CAPÍTULO 1

PANORAMA DO ANGLICANISMO

Este capítulo contempla, de maneira geral, algumas das características mais relevantes da Igreja Episcopal Anglicana, como a Via Média e a *compreensividade*. Identifico que esses traços do anglicanismo foram muito importantes para a mudança que retrato ao longo deste trabalho, que diz respeito ao cisma do Pr. Paulo Garcia e a sua vinculação à Igreja Episcopal Carismática.

1.1 A Era Elizabetana e a Via Média

Foi com o reinado de Elizabeth I que a base da Igreja Episcopal Anglicana se formou. O seu reinado teve como característica principal a formação do *ethos* anglicano, o jeito de ser. Não podemos mencionar a estrutura do anglicanismo sem destacar a importância de Elizabeth.

Diferente de seus antecessores, a rainha Elizabeth adotou uma política religiosa não extremista, procurou dialogar entre as duas tendências religiosas da época: o catolicismo romano e o calvinismo continental. Esta moderação na forma de lidar com os extremos tinha como finalidade servir ao povo inglês, pois este já se encontrava muito cansado de lutas e perseguições, através dos reinados de Henrique VIII e da rainha Maria Tudor, que era uma fervorosa Católica Apostólica Romana e queimava em praça pública as pessoas

que se desviassem do catolicismo de sua época, sendo, por isso, denominada “Maria: a sangüinária”.

As primeiras resoluções de Elizabeth já anunciavam as suas mudanças futuras, a saber: renovou o Conselho Real, herdado de Maria, substituindo os católicos pelos protestantes moderados; nomeou para a catedral de São Paulo um pregador protestante; no dia de Natal, exigiu que fosse omitida a elevação da hóstia; no dia da sua proclamação (17 de novembro de 1558), retirou-se quando o bispo celebrante transgrediu as suas ordens; recusou-se a receber a comunhão segundo o rito tradicional; tratou com aspereza o abade e os monges de Westminster, porque eles a receberam com velas e incensos; no Ato de Supremacia restabeleceu o LOC (Livro de Orações Comum)³ de 1552 e obrigou a todos a comparecerem aos ofícios da igreja aos domingos, o que, conseqüentemente, fez surgirem os “papistas da igreja”, que iam aos cultos, mas, clandestinamente, assistiam às missas.

É óbvio que o Papa em Roma não ficou indiferente aos acontecimentos na Inglaterra. Se Pio IV, o Papa do início do reinado de Elizabeth, foi, de certa forma, tolerante para com as decisões da rainha, seu sucessor, Pio V, decidiu intensificar a luta contra o protestantismo, acompanhando o espírito do Concílio de Trento, que foi uma reação à Reforma Protestante.

Embora as decisões elisabetanas fossem contrárias à política de Maria, elas não introduziram muita coisa nova. Eis a justificativa do termo “Via Média”. Em outras

³ Este livro foi criado por Cramner em 1549 e tinha por finalidade: unificar os ritos existentes na Inglaterra; reunir vários livros e textos litúrgicos em apenas um, visto que durante a Idade Média, o sacerdote utilizava o Missal, o Breviário, o Sacramental, o Ordinal e etc., para celebrar o culto. Tal material eclesiástico era bastante restrito aos religiosos, ficando a congregação de fora, sem compreender o sentido dos ritos. O sacerdote poderá, agora, manusear apenas um livro que contém todos os ritos necessários para o exercício do seu ministério; oferecer a liturgia ao povo, eis o sentido da expressão “comum”, pois não seria mais privilégio do sacerdote. Os leigos, portanto teriam acesso aos textos litúrgicos anteriormente reservados a uma casta sacerdotal (AQUINO, 2000: 134).

palavras, não se desvincular totalmente de alguns rituais da Igreja Católica Romana, mas também ter uma autonomia em relação à Sé Romana, capaz de atender a demanda espiritual dos ingleses, respeitando as práticas religiosas dos protestantes, como o uso do LOC, por exemplo. A questão que agitava a mente e a crença dos ingleses era: Quanto tempo isso duraria? De um lado, estavam os conservadores, que esperavam uma reconciliação com Roma; do outro, os progressistas, que desejavam moldar a Igreja com o padrão presbiteriano.

No decorrer do seu governo várias igrejas foram restauradas e reconstruídas, havendo um crescente desenvolvimento à medida que o tempo corria. Sendo os bispos indicados pela rainha, eles estavam mais ou menos em consonância com a política do governo. Se antes a diversidade nos rituais religiosos demonstrava muito mais um caráter negativo e confuso, no decorrer dos 45 anos do governo elisabetano esta característica foi se tornando uma marca indelével e ao mesmo tempo selecionando os conteúdos positivos, possibilitando à Igreja Anglicana dialogar de maneira ecumênica com outras denominações religiosas.

Em seu livro, no capítulo que se debruça sobre o *Ethos* Anglicano, Aquino (2000) mostra uma analogia bem interessante, quando vai explicar sobre o jeito de ser dessa Igreja. O autor nos fala que cada comunidade de fé tem um jeito próprio de ser. Se, por exemplo, encontrássemos um grupo de homens carecas, vestidos com roupas longas alaranjadas e vendendo livretos nas rodoviárias e aeroportos, imediatamente nos viria à mente que se tratava de um grupo dos Hare Krishna. Por outro lado, se nos deparássemos com um grupo de paletó, com a bíblia na mão e pregando em praça pública, identificaríamos como um

grupo de pentecostais. Mas aí nos vem a seguinte reflexão: Como identificar os fiéis do anglicanismo?

Para Jorge Aquino, o que identifica este grupo vai muito mais além das vestimentas ou do formato arquitetônico de seu templo. Ou seja, o que caracteriza os anglicanos está muito mais vinculado na forma de agir, de crer, de se relacionar e de realizar seus rituais. Não há uma doutrina que seja exclusivamente anglicana, o que há é um *ethos*, um jeito de ser, uma forma de agir e dialogar com outras crenças religiosas. Este *ethos* está intimamente relacionado com uma única expressão: **compreensividade**. Vejamos sua definição, formulada pelo Guia Ecumênico da CNBB e citada por Aquino :

“Palavra inglesa usada para designar um certo espírito liberal existente na Comunhão Anglicana, especialmente na Igreja da Inglaterra, que permite a coexistência, no seu seio, de tendências protestantinizantes e catolicizante.” (Aquino, 2000: 123)

Ligada a este termo, estão mais duas palavras que se complementam e resumem o temperamento dos anglicanos, que são **inclusividade** e **diversidade**. Para Jorge Aquino, a *compreensividade* está ligada a um sentimento que tem implicações comportamentais (inclusivas) diante da abrangência (diversidade) do corpo de Cristo. Em relação a inclusividade, trata-se de uma palavra bastante viva no anglicanismo, seja na literatura que versa sobre a sua história, seja na fala dos próprios fiéis⁴. Este termo significa que a

⁴ Durante a minha pesquisa de campo, observei que muitos dos meus interlocutores da IEA (Igreja Episcopal Anglicana) se referiram a essa característica como motivo de orgulho, o que pode ser percebido na forma como eles se expressavam: “nós não discriminamos”.

Comunhão Anglicana⁵ não discrimina nenhum membro de qualquer denominação religiosa; sua postura é muito mais de aglutinar, juntar, reunir do que separar ou selecionar. Nos cultos, no momento da comunhão, o pastor faz questão de conferir: “todos estão convidados para a Santa Ceia do Senhor; não importa qual seja sua denominação religiosa...” Em outras palavras, a unidade na diversidade, é o seu lema principal.

Para muitas pessoas, a maneira de ser da Igreja Anglicana é motivo de confusão. Alguns questionamentos ilustram esse sentimento: Como ser católico e protestante ao mesmo tempo? O que significa incluir toda criatura na Comunhão com o Senhor? Ou ainda, como incluir conservadores e liberais sob o mesmo título denominacional religioso? Como ser uma igreja hierárquica (dirigida por bispos) e democrática (governada pelo clero e povo) ao mesmo tempo? Como entender o conceito da diversidade na unidade? Como aponta a ex-pastora anglicana Patriota (1999):

“Na prática, isso significa que a Igreja Episcopal não diz taxativamente aos seus membros: ‘Você tem de fazer isso ou aquilo.’ Ao contrário, adota uma atitude de conselho e recomendação: Para o seu bem e crescimento na vida em comunidade, convém que siga o que ensina a sabedoria da igreja, guiada pelo Espírito Santo e pelas Sagradas Escrituras.” (Patriota, 1999: 06)

Soares (2002)⁶ afirma:

⁵ Este é o nome que se dá à família de Igrejas autônomas que descendem da Igreja da Inglaterra ou que se identificam com o Anglicanismo e que se encontram em plena comunhão umas com as outras. Hoje, a Comunhão Anglicana consta de cerca de 70 milhões de fiéis, agrupados em 38 Províncias e 24 Igrejas Associadas, espalhadas por cerca de 164 países. As comunicações internacionais se mantêm através do Conselho Consultivo Anglicano, a Conferência dos Primazes e outros órgãos permanentes ou temporários. O Arcebispo de Cantuária representa histórica e espiritualmente esta união de interesses. (Retirado de uma apostila de Estudos sobre o Anglicanismo: *Conhecendo sua Igreja*, 2001, Ed. CETEC (Centro de Estudos Teológicos da Catedral – Recife)).

⁶ Este é um dos poucos trabalhos (seja dissertação, seja tese) que existe sobre a Igreja Episcopal Anglicana.

*“O modo de produção simbólica da **eclesia anglicana** é a **bricolage**, a saber, incorpora e mistura doutrinas do catolicismo e do protestantismo e, ao mesmo tempo em que manifesta tais recorrências, constrói **artesanamente** (e de forma original) um **ethos** peculiar: a ‘compreensividade’, o ‘sincretismo’, a acomodação/assimilação típica da instituição tipo ‘igreja’.” (Soares, 2002: 70)*

E continua:

*“O anglicanismo propugna com a ‘compreensividade’ (e esta parece ser sua proposta **sui generis**) a legitimidade da “diversidade”, mas sem recair nem no seccionamento protestante e nem no catolicismo hierárquico e monolitismo doutrinário católico romano”. (Soares, 2002: 71)*

Certa vez, durante o meu trabalho de campo, ouvi um membro da Igreja Anglicana, falar que “a Igreja Episcopal Anglicana é a mais católica das protestantes e a mais protestante das católicas”. Qual a mensagem implícita nesta simples afirmação? Percebo um resumo de tudo o que eu venho falando até agora, sobre o contexto da era elizabetana. É a Via Média. E uma pessoa de fora poderia se indagar: como podem ser vocês católicos e protestantes ao mesmo tempo? A princípio pode parecer contraditório e confuso, mas eis que se trata da essência do ser anglicano.

“O termo ‘protestante’ se usa para a Igreja Anglicana porque esta participou da Reforma religiosa do Século XVI e se identificou com muito dos seus postulados teológicos e bíblicos. E também para distingui-la de Roma e das Igrejas Ortodoxas que também têm bispos. Mas isso não significa que somos simplesmente uma das igrejas protestantes que surgiram da Reforma. Algumas dessas igrejas fizeram uma ruptura maior com o passado que a nossa. A

palavra 'protestante' não significa necessariamente o oposto a 'católico', é certamente oposto a 'papista'. Católico significa universal e nós somos parte da Igreja Universal de Cristo. Refere-se também a antiga Fé Católica expressa nos Credos Históricos – e nós sustentamos isso. De maneira que podemos afirmar, com todo o direito, que somos católicos e protestantes. Ou ainda que somos Católicos Reformados.”⁷

Mas, enfim, o que diferencia os anglicanos das outras Igrejas Cristãs, ou seja, qual é o mínimo preciso para se tornar um episcopal anglicano? Ou ainda, onde está escrita a sua Doutrina, a Teologia? É importante sabermos que a *compreensividade* tem seus limites. Toda a doutrina da Igreja Anglicana está contida, basicamente, no “Quadrilátero de Lambeth.”⁸

Este é o Resumo da Fé Anglicana. Em consequência deste caráter flexível e *compreensivo* é que o Anglicanismo Contemporâneo pode ser classificado em cinco correntes principais, a saber: Católicos, Protestantes (Reformada), Evangélico, Carismático e Liberal.

Cada uma dessas correntes elege alguns valores como sendo os mais importantes. É por isso que, em alguns parágrafos anteriores, me referi à “unidade na diversidade”. Se tivesse que falar de uma maneira menos polida, eu diria que na Comunhão Anglicana tem gosto para todo tipo de cristão. O interessante é o fato de, até o cisma ter ocorrido na

⁷ Retirado do *site* (www.ieabrecife.com.br) da Igreja Anglicana.

⁸ Através de uma convenção em 1886, a Igreja Episcopal dos Estados Unidos (EPCUSA) procurou elaborar um documento que oferecesse os pontos básicos para se dialogar com outras igrejas, sem descaracterizar a sua fé cristã. O tal documento ficou conhecido como o “Documento de Chicago”. Já em 1888, os pontos básicos desse documento foram revistos e declarados como “fundamentos inegociáveis no caso de uma aproximação entre a Comunhão Anglicana e alguma outra família de igrejas” (Aquino, 2000: 31), ficando conhecido, finalmente, como Conferência de Lambeth. Posteriormente, em 1920, nova negociação foi realizada, ainda com a finalidade de um maior aprofundamento deste diálogo com outras igrejas; os bispos da Comunhão Anglicana fizeram a chamada declaração a “todo povo cristão”, na qual os quatro pontos do Quadrilátero de Lambeth foram reforçados, como pontos imprescindíveis para caracterizar o perfil de uma igreja que faz parte da Comunhão Anglicana. Estes quatro pontos são: as Santas Escrituras; o Credo Apostólico e o Credo Niceno; os dois Sacramentos (Batismo e Ceia do Senhor) e o Episcopado Histórico.

Catedral do Recife, tais características do anglicanismo fomentavam a impossibilidade de uma divisão, pois esse acontecimento parece nunca ter sido uma preocupação dos fiéis, já que, pelo fato de serem **inclusos**, não havia motivo para divergências doutrinárias; além do mais, o fiel, mesmo tendo escolhido uma determinada corrente, também poderá transitar pelas outras.

Ainda fazendo menção a Soares (2002), ele afirma:

*“Na IEAB convivem lado a lado, numa mesma instituição, pessoas com as mais variadas tendências teológicas. Isto não significa que não haja conflitos ou que todos se respeitem, mas que a possibilidade de **cisão institucional** por causa de tendências teológicas é bastante remota”.* (Soares, 2002: 75)

Mesmo com toda essa diversidade teológica, a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, está imersa na sociedade brasileira, e isso, por si só, já é suficiente para um trabalho de mestrado. O que eu quero ressaltar é o seguinte: a Igreja Anglicana, fazendo parte do atual campo religioso brasileiro, não poderia estar isenta da questão de mercado, de competição por fiéis e, até mesmo, de abrir mão de seu *ethos* particular para se adequar ao novo mundo de valores, compartilhado com as mais diversas formas de cultuar a divindade. À medida que as religiões neopentecostais vão se expandindo e ganhando um grande número de adeptos, as igrejas tradicionais e o pentecostalismo clássico vão sendo obrigados a rever seus conceitos, seus valores e suas maneiras de se relacionar com o divino, como uma estratégia natural para não perder seus membros. Além do mais, a partir da referência que faço acima, a *Compreensividade* e a Via Média parecem trazer um aspecto contraditório, um paradoxo, pois, ao mesmo tempo em que tais características

impossibilitam o cisma, justamente pelo seu perfil incluso, também permitem que as mudanças aconteçam, já que dialogam amistosamente com outras igrejas cristãs. Ou seja, não terá sido essa tendência mais aglutinadora da Igreja Anglicana que lhe permitiu aderir a comportamentos mais “avivados”, com forte expressão emocional?

Como produto desta maneira de se relacionar com outras denominações religiosas, a Igreja Anglicana apresenta diferentes formas de rituais religiosos. Quem já teve a oportunidade de conhecer algumas igrejas anglicanas pelo Brasil dirá por exemplo: “ao visitar a Igreja Anglicana no sul do país, eu me senti no interior de uma Igreja Católica Romana, devido à quantidade de símbolos, à distância do pastor com relação aos fiéis e até vi algumas imagens de santos...” Esse discurso não é ficção, ele é justamente a lembrança viva do que é a Comunhão Anglicana. Ao entrevistar um membro da Igreja Episcopal Carismática, após a ruptura do Pastor Paulo Garcia do Anglicanismo, ele me confessou o seguinte:

“Eu nunca fui anglicano, até porque, conhecendo Igrejas Anglicanas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Maceió e Recife, não pude perceber nelas a identidade, a vida e a fidelidade à Palavra de Deus que temos na nossa comunidade. Parecia, a maioria delas pelo menos, igrejas de comportamento burocrático e fechado, dessas que vivem para dentro de si mesmas e por isso mesmo dependem da transmissão da tradição de pais para filhos para a sua continuidade. Dogmáticas e sem vida, suas atividades se limitam a cultos dominicais (pouco freqüentados é bom que se diga) onde a participação dos fiéis é limitada à leitura mecânica de orações (LOC – Livro de Orações Comum) e cânticos. É por essa razão que essas comunidades permanecem pequenas e minguantes ao longo do tempo”.

O depoimento desse fiel constitui uma justificativa de sua saída da Igreja Anglicana e de sua vinculação à Igreja Episcopal Carismática. Mas um outro fator também importante no testemunho do meu interlocutor é o aspecto “avivado” que a “Igreja de Paulo Garcia” já conferia. Esse exemplo só veio ilustrar a diversidade do que é ser anglicano.

Essa diversidade, mas ao mesmo tempo unidade, me fez dar um salto para a história, pelo menos do ponto de vista teórico. Hobsbawn (1997) logo no princípio de seu texto introdutório, nos faz pensar na seguinte afirmação: muitas vezes, “tradições” que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas, nos fazendo repensar em todas as práticas que estamos, de alguma maneira vinculados no nosso dia-a-dia, como por exemplo: ficar de pé ao som do hino nacional, o respeito e a reverência diante da bandeira da nossa nação, algumas expressões formais para determinadas categorias sociais etc. O texto desse historiador inglês tem por finalidade estudar o modo como as tradições surgiram e se estabeleceram, não se trata de analisar suas chances de sobrevivência.

Por “tradição inventada”, podemos enfatizar determinadas palavras-chaves, tais como: natureza ritual ou simbólica, repetição obsessiva e, finalmente, continuidade em relação ao passado, de uma forma artificial, pois se trata de valores que são criados, recentemente, para que a sociedade tenha a impressão de que seus comportamentos remontam a um passado longínquo, com estruturas já bem solidificadas. O objetivo é inculcar certas normas e valores na sociedade, preenchendo as lacunas deixadas pela tecnologia moderna, tendo como fio condutor à marca da identidade. A principal característica dessas “tradições” é a invariabilidade; por isso, há a importância da repetição e da ritualização de determinados comportamentos.

Percebo a política religiosa da rainha Elizabeth I como uma tradição inventada, de acordo com o que propõe Hobsbawn, visto que ela, ao mesmo tempo em que não absorveu totalmente as mudanças da Reforma Protestante, também não cedeu a todos os cânones do catolicismo romano, como por exemplo à submissão ao Papa. A rainha da Inglaterra criou uma maneira de lidar com as duas políticas extremistas, inventando, assim, a “Via Média”, ou seja, ela foi uma precursora dessa tradição no anglicanismo, o que possibilitou à Igreja da Inglaterra não perder a sua identidade religiosa, o seu referencial. Como Hobsbawn menciona, não há necessidade de inventar tradições quando os velhos usos ainda se conservam; só que, no caso da história do anglicanismo, estes sempre corriam o risco de se perder, com todos os reinados presentes. Esse risco, porém, deixou de ser uma ameaça com o reinado de Elizabeth, que trouxe uma forma de governo mais adaptável à crença religiosa do povo inglês, tentando recuperar o espírito patriótico para se impor diante do poderio católico romano.

O leitor conhecedor desta obra de Hobsbawn poderia refutar a minha reflexão, visto que uma característica fundamental das tradições inventadas é que elas não são coercitivas, não têm um valor punitivo e autoritário. Mas nós sabemos que, mesmo apresentando uma política de Via Média, a rainha Elizabeth punia severamente os que não cumpriam com as suas ordens. Nesta época, muitas cabeças rolaram. Porém, essa sua forma de administrar politicamente o país também favorecia uns aspectos muito importantes, que era inculcar nos ingleses alguns valores, como “patriotismo”, “lealdade”, “amor à Pátria”, “espírito escolar” etc. Em outras palavras, essas características são marcas fortes quando falamos das tradições inventadas. Essa é mais uma prova de uma forma de governo muito particular e própria, que só foi possível ser levada adiante no reinado de Elizabeth.

Toda essa história teve suas repercussões ao longo do anglicanismo: seja dialogando com as mais diversas culturas; absorvendo novos modelos ou até mesmo aderindo a novos movimentos. O meu interesse, a partir desta segunda parte, será apresentar as informações que consegui colher, a partir de entrevistas com a família *Paterson*, com o atual psicanalista Paulo Medeiros, com o Pr. Miguel Uchôa e a Pr^a. Ana Lima. O depoimento dessas pessoas é importante, porque permite acompanharmos, mesmo que de maneira geral, as transformações do anglicanismo no Nordeste brasileiro, mais especificamente em Pernambuco, após a vinda do Pr. Paulo Garcia.

Capítulo 02

As Mudanças ocorridas na Igreja Episcopal Anglicana: uma reconstrução



CAPÍTULO 2

AS MUDANÇAS OCORRIDAS NA IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA: UMA RECONSTRUÇÃO

Este capítulo contempla duas partes: 1) a entrevista que realizei com uma família de ingleses, cujo nome é *Paterson*; e 2) uma conversa que tive com um ex-pastor da Igreja Anglicana, que atualmente atua como psicanalista. Ambos os depoimentos me ajudaram a perceber as transformações que o anglicanismo sofreu após a chegada do líder Garcia, ou seja, aos poucos o Pr. Paulo foi rompendo com o *ethos* de uma igreja tradicional para aderir a novas práticas religiosas; práticas que coincidem com as manifestações emocionais das atuais Igrejas Neopentecostais, que têm como ênfase um discurso mais simples e carregado de forte carga emocional. Através do contato com essas pessoas, pude perceber certo saudosismo, quando eles se referiam: “na minha época a igreja era assim...”, confrontando-se com a contemporaneidade. Não se trata de um resgate fiel desse período, até porque isso seria impossível, visto que não estou trabalhando com “máquinas registradoras”, mas com seres humanos imersos numa sociedade, que reconstróem e re-significam seu passado com os olhos da atualidade, isto é, a partir de suas vivências no presente: alegrias, esperanças, desilusões, expectativas, incertezas etc.

2.1 Uma Conversa com a Família Paterson

Após as festividades de Natal, em 26 de dezembro de 2002, mais ou menos na época em que comecei a sistematizar as minhas observações no meu Campo Etnográfico, tive a oportunidade de entrevistar uma família de ingleses, cujo sobrenome é *Paterson*. A minha finalidade de entrar em contato com estas pessoas era, justamente, tentar reconstruir o período histórico em que elas (a mãe e duas filhas) tiveram a oportunidade de viver na Igreja Episcopal Anglicana, já localizada na Rua Carneiro Vilela, no bairro do Espinheiro, a partir da década de 1940. Não foi o tipo de conversa que eu esperava, pois todas as minhas obsessões de pesquisadora iniciante não me deixaram aproveitar mais; como sabemos, não é só o preparo teórico que influenciará na abordagem com os interlocutores, mas a experiência como pesquisadora e a sensibilidade para saber os aspectos mais relevantes. Contudo, posteriormente, tive a oportunidade de rever o meu “pecado”⁹ e aproveitar o que deu para ser aproveitado.

Mesmo se tratando de uma época do ano um tanto inconveniente, pois era um período de festas, eu me aventurei nesta vivência, aceitando todos os riscos que o campo poderia me causar – eis o ofício de todos os antropólogos. Marquei a entrevista por telefone e no dia 26 de dezembro de 2002, pela manhã, eu me encontrava no bairro dos Aflitos, num prédio cujo nome é *Gordon Paterson*. Esta família foi a primeira a habitar o local, pois, antes do prédio ser construído, o terreno era ocupado por uma casa da família,

⁹ Utilizo-me desta expressão, porque, antes de abordar a família Paterson, elaborei as perguntas para a minha entrevista, mas, infelizmente a nossa conversa foi tomando um rumo diferente, que não foi possível seguir a ordem do jeito que eu havia previsto. Foi após esta experiência que tomei como lição que devemos nos deixar levar pelo campo, sem ter a preocupação obsessiva de querer que só os fatos previstos ocorram. Acredito que também é importante se deixar levar pela demanda dos nossos interlocutores.

até que esta foi demolida, e dando origem a um moderno prédio de classe média, com dez andares.

Ao entrar no apartamento dessas pessoas, me senti como se estivesse “bisbilhotando” um passado que eu nem sabia se elas queriam trazê-lo à memória. O próprio aspecto da mobília e a acomodação dos móveis na sala já foram me dando a impressão de que parecia que o tempo naquela família não havia passado. Senti um certo ar tradicional da cultura e dos valores britânicos. Entretanto, fui bem acolhida por todos e percebi uma mistura de pontualidade britânica sendo realçada pela hospitalidade pernambucana. Pedi permissão para gravar a nossa conversa e este pedido foi bem aceito. Daí por diante, minhas intervenções se faziam no sentido de “como era a Igreja Anglicana naquela época?”. Apesar de certa “desarrumação” na colocação dos dados que elas me forneceram, muitas informações importantes me foram declaradas, além de as entrevistas, elas cederam algumas fotografias e documentos, que estão impressos neste trabalho.

Toda a entrevista se deu, essencialmente, a partir de uma conversa a quatro: eu e estes três membros (mãe e duas filhas). O nosso diálogo era intercalado com os afazeres domésticos de D. Kathleen Paterson (nascida em 1920)¹⁰, que trajava um simples vestido estampado, com um avental na cintura. Apesar do jeito tímido, ela nunca ficava sem trazer alguma informação interessante e, muitas vezes, a confirmar alguns dados, bem como retificar outros. O bom cheiro que vinha da cozinha me fazia, de certa forma, pensar que eu estava atrapalhando aquela reunião em família, pois, quando saí de lá, já estava quase na hora do almoço; mas parece que o fato de ser pesquisador se mistura um pouco com o de, em alguns momentos, ser “inconveniente”.

¹⁰ Chegou ao Brasil em agosto de 1946.

A Família *Paterson* me informou que a Comunidade Inglesa da Carneiro Vilela sustentava financeiramente o reverendo¹¹, pois a renda dele só vinha da igreja. Alguns davam aulas de inglês ou Curso de Férias para complementar a renda familiar. Anthea Paterson, nascida em 1949, no Brasil (uma das filhas de D. Kathleen, que atualmente, trabalha no Consulado Britânico de São Paulo), já foi batizada na Igreja da Carneiro Vilela. Em 8 de dezembro de 1946, o Bispo Dom Ivor Evans consagrou a Igreja da Carneiro Vilela, Holy Trinity Church, adjacente ao Country Club, com o nome de Santíssima Trindade.

Halbwachs (1990) nos fala que temos dois tipos de memória: uma autobiográfica e outra histórica. Ele ressalta que a memória autobiográfica se apóia na memória histórica, pois toda a história de nossa vida está imersa nos fatos históricos. Mas a memória histórica seria bem mais ampla do que a autobiográfica. Por outro lado, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida particular nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e denso. A história pessoal da família *Paterson* está inserida em alguns acontecimentos históricos do Anglicanismo no Recife. Não há como isolarmos uma da outra, porque o ser humano não é só uma realidade nem outra. Sua história de vida dialoga, o tempo todo, com a história dos livros.

Em 5 de março de 1838, foi construída, na Rua da Aurora, a Capela Episcopal Consular Britânica (“The British Consular Chaplaincy”), dedicada à SS. Trindade. Os

¹¹ Nesta época, todos os pastores vinham da Inglaterra. Eis o que refere um documento que me foi concedido pela família Paterson: **LIST OF CHAPLAINS** - FROM 1822 THE BRITISH CONSULAR CHAPLAIN WAS APPOINTED BY H. M. SECRETARY OF STATE FOR FOREIGN AFFAIRS. FROM 1920 RECIFE CHURCH COUNCIL, ACTING FOR THE SUBSCRIBERS, APPOINTED THE CHAPLAIN ON THE NOMINATION OF THE BISHOP. 1822 – Rev. John Penny; 1835 – Rev. C. A. Austin; 1865 – Rev. R. Addison; 1874 – Rev. J. Midgley; 1892 – Rev. W. Ding; 1893 – Rev. W. E. Macray; 1900 – Rev. F. N. Lane; 1903 – Rev. G. W. Baile; 1920 – Rev. J. M. Bate; 1922 – Rev. A. Nicol; 1940 – Rev. H. J. Dobb; 1941 – Rev. E. C. Wilcockson; 1948 – Rev. J. Gould e 1953 – Rev. C. R. Burton.

cultos eram realizados, ininterruptamente, até junho de 1945, quando o local foi desapropriado pelo governo e foi transformado no Edifício Duarte Coelho, atual cinema São Luís¹².

José Antonio Gonsalves de Mello (1972) assim se reporta a Holy Trinity Church, quando esta se localizava na Rua da Aurora:

“Esta última eu a visitara várias vezes, na sua centenária localização da esquina sul da Rua Formosa [atual Avenida Conde da Boa Vista], ainda quando estudante do Ginásio Pernambucano, embora fossem então as pitangas, cujos arbustos formavam sebe junto ao gradil de ferro do terreno da Igreja, que atraíssem com mais freqüência a minha atenção – como já haviam feito as delícias de outras gerações de estudantes antes da minha. Mais tarde, ao consultar os cadernos manuscritos da pesquisa epigráfica feita em Pernambuco, em 1887, por Alfredo do Vale Cabral – infelizmente ainda inéditos – percebi a importância das inscrições existentes na Igreja dos Ingleses, que tantas vezes vira, para a história deste Estado e da participação de ingleses na vida e na cultura desta parte do Brasil.” (Mello, 1972 : 01)

¹² Vejamos o que o documento oficial nos apresenta: SINCE 1822 DIVINE SERVICE, ACCORDING TO THE RITES OF THE CHURCH OF ENGLAND, HAS BEEN OFFERED TO ALMIGHTY GOD IN THIS CITY OF RECIFE BY THE ENGLISSH-SPEAKING COMMUNITY RESIDENT IN PERNAMBUCO. ON 5 MARCH 1838 WAS ERECTED, IN THE RUA AURORA, THE BRITISH CONSULAR EPISCOPAL CHAPEL DEDICATED TO THE BLESSED TINITY. SERVICES WERE HERE HELD UNINTERRUPTEDLY TILL 10 JUNE 1945, WHEN THE SITE, EXPROPRIATED BY THE GOVERNMENT, WAS CONVERTED INTO THE EDIFICIO DUARTE COELHO. ON 8 DECEMBER 1946 BISHOP D. IVOR EVANS CONSECRATED THE PRESENT CHURCH OF THE HOLY TRINITY IN THE RUA CARNEIRO VILELA, ADJACENT TO THE BRITISH CLUB. “THE LOT IS FALLEN UNTO ME IN A FAIR GROUND: YEA, I HAVE A GOODLY HERITAGE”. [Desde 1822, serviços divinos de acordo com os ritos da Igreja da Inglaterra são oferecidos ao Grandioso Deus, nesta cidade do Recife, pela Comunidade de língua inglesa residente em Pernambuco. Em 5 de março de 1838, foi erguida, na Rua da Aurora, a Capela Consular Episcopal Britânica dedicada à Santíssima Trindade. Serviços aqui foram feitos ininterruptamente desde 10 de junho de 1945, quando o lote, desapropriado pelo governo, foi convertido no Edifício Duarte Coelho. Em 8 de dezembro de 1946, o Bispo D. Ivor Evans consagrou a presente igreja de Santíssima Trindade na Rua Carneiro Vilela, adjacente ao clube britânico. “O lote está caído sobre mim em uma terra agradável: sim, eu tenho um belo patrimônio”]. (Este documento foi cedido pela família Paterson em dezembro de 2002).

São cinco horas da tarde do dia 5 de março de 1838, primeiro ano do reinado de sua Majestade a Rainha Vitória, soberana do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, e décimo sexto ano do Império do Brasil, governando a Província de Pernambuco o Sr. Francisco do Rego Barros, Barão da Boa Vista. O cônsul britânico no Recife, Edward Watts, lança na Rua da Aurora, bem no coração da cidade, a pedra fundamental da Paróquia da Trindade, a “Igreja dos Ingleses”, como será chamada daí por diante. Ao lado do cônsul Watts, o Rev. Charles Adye Austin, capelão consular residente, como também o médico John Loudon e o industrial Christopher Starr, proprietário da conhecida Fundação d’ Aurora, visitada até por D. Pedro II. É um momento histórico para os episcopais de hoje e para os raros descendentes da comunidade britânica de Pernambuco, então, bastante numerosa e atuante, conforme registram vários escritores, como Gilberto Freyre¹³, José Antônio Gonsalves de Mello (autor do livro *Ingleses em Pernambuco*)¹⁴, Oliveira Lima, Pereira da Costa, Henry Koster e Maria Graham.¹⁵

¹³ Freyre (2000) também foi uma importante referência neste sentido sócio-histórico, visto que a presença inglesa e, conseqüentemente, da Igreja da Inglaterra nos vários continentes estará sempre associada à presença econômica através das indústrias têxteis, estradas de ferro, centrais elétricas entre outras. Nesta obra, Gilberto Freyre aborda as influências que os pernambucanos herdaram do povo britânico.

¹⁴ Este livro contou com a colaboração da inglesa (ainda residente no Recife) Miss Phyllis Sills, do vice cônsul Mr. Henriques, do trustee do British Cemetery Mr. Sidney Banner e do ex-reverendo Paulo Medeiros (atual psicanalista. Sua atuação como pastor será abordada na parte seguinte deste trabalho). O livro aborda a História do Cemitério Britânico do Recife e da participação de ingleses e outros estrangeiros na vida e na cultura de Pernambuco, no período de 1813 a 1909. O Cemitério dos Ingleses é local que poucos recifenses conhecem de visita. Situado na avenida que liga o Recife a Olinda, a estrada que Luís do Rêgo Barreto fez construir em 1820, por sua frente passam, diariamente, milhares de pessoas; fechado a maior parte do ano, são raros os curiosos que já transpuseram o seu portão de ferro – obra de ingleses da Fundação d’ Aurora, datado de 1852... Foi fundado em decorrência do disposto artigo 12 do Tratado de Navegação e Comércio celebrado entre Portugal e a Inglaterra em 19 de fevereiro de 1810, no qual se permitia aos vassallos de Sua Majestade Britânica “enterrar os que morressem nos territórios de Sua Alteza Real, o Príncipe Regente de Portugal, em convenientes lugares que fossem designados para este fim, não se perturbando de modo algum, nem por qualquer motivo, os funerais ou as sepulturas dos mortos”. (Mello, 1972 : 03)

¹⁵ Koster (também conhecido como capitão Bourton) e Maria Graham andaram pelo Brasil pesquisando alguns dos costumes mais curiosos de seu povo, ao lado de outros cronistas alemães e franceses, eles incluem-se entre um dos melhores observadores da vida social e da família dos brasileiros. A cidade do Recife, depois do Rio de Janeiro, foi a cidade brasileira mais visitada pelos ingleses. *O Diário* de Maria Graham representa a

O contato com a família *Paterson* significou muito mais que uma simples coleta de dados, pois me propiciou uma volta à história do anglicanismo no Recife, uma tentativa de compreender como eram os anglicanos daquela época, como eles se comportavam, o contexto etc, para realizar as devidas conexões com os membros anglicanos contemporâneos, via influência do Pr. Paulo Garcia. Os *Paterson* foram o máximo que eu consegui “retornar” na história da Igreja Episcopal Anglicana, o que pude me relacionar de “mais puro” (no sentido de “mais original”, ou seja, antes desta denominação religiosa receber as influências de um anglicanismo mais “abrasileirado”¹⁶, mais voltado para movimentos “avivados”) quanto à vivência da comunidade inglesa nesta cidade.

Algumas fotografias também me foram cedidas, apesar de não haver imagens da Igreja Anglicana dessa época, pois, segundo informações de dona Kathleen, muitas foram perdidas na enchente que houve no Recife em 1975.

A fotografia a seguir foi uma delas: estas pessoas são membros da Igreja Anglicana, as quais estão a bordo de um navio rumo à Europa, na década de 1940, para apoiar os combates da Segunda Guerra Mundial.

sua vivência e contato com a sociedade de senhores e escravos. Ela descreve com detalhes o cotidiano dos brasileiros do século XIX.

¹⁶ O que quero dizer com o termo mais “abrasileirado”? Quando me refiro a esta expressão, estou pensando, basicamente, em algumas características da sociedade brasileira, tipo: menos formalização, mais emoção durante os cultos e a utilização de uma linguagem menos rebuscada. É claro que não são características que acompanham todo tipo de religião no Brasil, mas se trata de um perfil marcante do que é ser brasileiro.



Foto 1 – “Combatentes Anglicanos da II Guerra Mundial”

O pai de Anthea, o Sr. Gordon Noel Paterson (1920 – 1969) se encontra nesta imagem, que está marcada com um círculo escuro. Ele era um Ministro Leigo da Igreja e atuava quando os pastores estavam de férias e no período de intervalo entre a ida e a vinda dos pastores da Inglaterra. Ele sempre assumia a liderança nestas circunstâncias e até convidava pastores de fora - como da Igreja Metodista, por exemplo - para dar algumas palestras, ficando, porém, sob sua responsabilidade a condução da liturgia.

Eis outra fotografia: Anthea, nos braços da sua mãe, Kathleen Paterson, e as outras pessoas também são inglesas e membros da Igreja Episcopal Anglicana.



Foto 2 – “Anthea nos braços de sua mãe”

Neste momento da nossa conversa, Anthea Paterson (a filha mais velha do casal britânico) demonstrou bastante euforia e emoção ao mencionar os seus ensaios no antigo órgão da igreja¹⁷. Segundo informações da minha interlocutora, ela passava toda à tarde de sábado na igreja ensaiando com o seu pai para que nada saísse errado no culto do dia seguinte. Nas palavras de Anthea:

“... Aí meu pai botava as observações [escritas]: que mesmo que o hino acabasse, era pra eu continuar tocando, até que a sacolinha [das ofertas] chegasse no altar [risos]. Aí o pastor vai dizer: Oremos! [risos] aí dá uma pausa pra congregação se ajoelhar. Ele [referindo-se ao pai] era extremamente meticoloso.”

¹⁷ Vale salientar que este órgão de tubos, ainda se encontra na igreja da Carneiro Vilela, que, atualmente, é Igreja Episcopal Carismática. Apesar da sua presença, ele não tem funcionalidade, pois é difícil encontrar uma pessoa que saiba tocá-lo.

Ao mencionar o assunto da organização litúrgica, resolvi pontuar: como eram os cultos dessa época e, a partir de Paulo Garcia, o que foi modificado?

Com a nacionalização da Holy Trinity Church para Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (em 1965), muitos ingleses saíram: havia funcionários do Banco de Londres, comerciantes... A Capelania transferiu a propriedade para a Igreja Nacional. Este é um momento histórico relevante para os membros do anglicanismo.

A Escola Dominical não era no domingo, como de costume, mas num dia de semana. As mães deixavam os filhos lá e ficavam conversando, enquanto as crianças ficavam na aula.

Segundo informações de Anthea, houve muita mudança com a chegada do Pastor Paulo Garcia (março de 1975), mas estas mudanças não foram tão rápidas assim, visto que, no início, o Pr. Garcia estava mais vinculado à liturgia e valores britânicos. Aos poucos, os rituais e as palavras do pastor foram ficando mais simples, para que fosse se adaptando aos membros brasileiros, que vinham crescendo. O que facilitou bastante essa mudança foi o dom da palavra do Pastor Paulo, pois ele sempre foi muito benquisto e admirado pela comunidade da Igreja, por saber “tocar os corações dos fiéis”. Até o LOC (Livro de Orações Comum), que é um documento oficial da Igreja Anglicana, como já vimos anteriormente, foi abolido para que os membros da igreja pudessem se relacionar com Deus de uma forma mais espontânea e com mais liberdade para vivenciar o Espírito Santo. Na verdade, muitas características do anglicanismo foram modificadas, em função do novo perfil de membros que passou a frequentar a Igreja e essas transformações atenderam à demanda dos pernambucanos. Diferente de um culto mais enquadrado aos moldes ingleses,

com o uso do LOC, por exemplo, a igreja deixou de ser uma pequena capelania para atender aos ingleses, e se transformou na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, cujo pastor traz como perfil marcante a sua capacidade de falar “de perto”, ou seja, tocar intimamente, na vida dos seus membros.

Vejamos o depoimento de Anthea Paterson a esse respeito:

“Só que com o dom da palavra que ele tem [referindo-se a Paulo Garcia], né? Ele transformava a coisa mais simples... Em vez de dizer aquelas coisas mais lidas, ele fazia a coisa muito mais conhecida. Pelo menos o que senti foi isso. É que a coisa ganhou vida, porque o problema, a idéia do LOC, que é o documento principal da Igreja Anglicana, é o documento da unidade da Igreja Anglicana no mundo inteiro. O objetivo daquelas leituras em cada domingo e em cada dia da semana, a idéia era que você participasse dessa oração, mas você sabe que pessoas em todo mundo estão fazendo aquela mesma oração, estão sintonizados, né? Então essa idéia de unidade... Agora isso não deve também podar a ação do Espírito Santo, a ação espontânea, não é? A espontaneidade. Por isso que ele trouxe e modificou. Eu acho, porque o problema do LOC é você cair na rotina, você fazer aquilo só por... mecanicamente.”

O depoimento de Anthea mostra-se ambivalente. Pois, ela reconhece a necessidade da Igreja mudar para não desaparecer, a necessidade de se aumentar o número de fiéis e de fiéis brasileiros. Por outro lado, demonstra receios, ressentimentos com as transformações que vieram a acontecer em face dessas pressões.

No decorrer do nosso diálogo, um dos assuntos que foram mencionados foi a “Bíblia de Paulo Garcia”, a qual é uma bíblia normal como outra qualquer, só que, na sua contracapa, há uma fotografia do Pr. Paulo Garcia, com o braço esquerdo levantado em tom de agradecimento, diante de um público que o considera como um grande líder religioso, e a seguinte frase: “31 anos de Pastorado 1970 – 2001”. Além desses detalhes, o que torna

esta bíblia diferente das outras é que há uma introdução onde se aborda de uma forma geral a história da Igreja Anglicana e, posteriormente, a trajetória religiosa do Rev. Garcia: a sua chegada no Recife, um resumo biográfico, os títulos recebidos e o impulso na quantidade de fiéis no anglicanismo a partir da sua condução. Esse aspecto da bíblia só vem, mais uma vez, ilustrar o caráter personalista e carismático do referido pastor, que, na minha opinião, teve grande força no momento do cisma, com relação ao grupo que aderiu ao posicionamento da Igreja Episcopal Carismática, na qual o Pr. Paulo Garcia foi sagrado bispo.

Neste momento da nossa conversa, apesar de Anthea reconhecer a popularidade e importância do Pastor Paulo Garcia para a expansão do anglicanismo no nordeste, ela demonstra um certo ar de preocupação, quando menciona alguns símbolos antigos da Igreja. Ela parece receosa de que estes possam ser abolidos, já que houve o cisma e a Igreja mudou para Igreja Episcopal Carismática. Um desses símbolos é a *águia*, que representa a Sabedoria da Palavra de Deus e que fica localizada do lado direito do púlpito. Durante o nosso diálogo, Anthea vai revivendo a história com emoção. Em outras palavras, é como se, através daquela conversa, Anthea tivesse a oportunidade de lembrar o passado, de revivê-lo, mas sem se desligar da atualidade, que são as mudanças enfrentadas pela Igreja Anglicana após a ruptura do Pr. Paulo Garcia, sem contar com as transformações que a Igreja passou ao longo dos anos. Cada vez que Anthea prosseguia com o seu depoimento, eu também revivia a história, só que a partir dos meus estudos sobre a História do Anglicanismo. Em algum momento da nossa conversa, ela chegou a revelar que a Igreja, na Inglaterra, tem uma liturgia muito semelhante à Igreja Católica Romana. Eis a conexão que faço com a “Via Média”. Só esta maneira de se relacionar com outras religiões já

demonstra o caráter amistoso e *compreensivo* do anglicanismo para com as demais denominações religiosas.

Ao mencionar as modificações da Igreja Anglicana, ela falou que a Igreja de São Paulo também teve que se moldar de forma “abrasileirada”, do contrário, correria o risco de sucumbir, ou seja, poderia acabar, se não tivesse um certo número de fiéis. Anthea parece consciente de que a Igreja Anglicana precisava mudar para não desaparecer. Foi a partir deste momento, então, que Anthea revelou, com certa satisfação, que o primeiro culto em que a Igreja da Carneiro Vilela encheu foi no dia em que o seu pai, que já havia falecido nesta época, recebeu uma placa em sua homenagem, como um dos principais membros atuantes do anglicanismo durante a década de 1940.

No período em que seu pai ainda era vivo, havia dois cultos bem tradicionais na Igreja Anglicana, que eram o “culto da colheita” e o “culto das bandeiras”. É importante ressaltar que as bandeiras que participavam desta cerimônia eram: Inglaterra, Estados Unidos, Brasil e Pernambuco. Não tenho bem certeza, mas parece que só os homens é que realizavam esse ritual. As bandeiras tinham uma posição estratégica: na frente, do lado direito, ficava a de Pernambuco; do lado esquerdo, a do Brasil e, atrás da bandeira pernambucana, ficava a dos Estados Unidos, e a da Inglaterra, por trás da bandeira brasileira. Tudo acontecia de forma bem sincronizada, pois, já na saída do culto, a ordem dessas bandeiras era invertida. O sentido dessa cerimônia era homenagear os combatentes mortos na Segunda Guerra Mundial. Esta foto, a seguir, é de 1960 e o Sr. Gordon Paterson se encontra por trás da bandeira britânica.



Foto 3 – “Cerimônia das Bandeiras”

Vejamos como Anthea se referiu a esses dois cultos:

“Tinha um culto muito tradicional da colheita. Porque na Inglaterra eles comemoram sempre a colheita depois do verão; porque nos outros países têm inverno. Eles fazem a colheita no final do verão. Antes do inverno, quando eles têm que guardar as coisas pra comer durante o inverno. Existia a tradição desse culto. Decorava-se a igreja toda. Todo mundo trazia então as sobras. Então, no sábado à tarde era um auê lá. Todo mundo da comunidade trazia uma doação de frutos da terra. Podia ser feijão, podia ser verdura, frutas, jerimum... Então, todas as... cada janela (não sei se você se lembra antes da reforma; tinham aqueles vitrais. As janelas eram aqueles vitrais coloridos) e eram altas, o parapeito era bem largo... Colocavam-se frutas em todos eles: no altar, no chão, cordas de cebolas penduradas pelos cantos. Era uma decoração... O púlpito era todo enfeitado. Era cada coisa linda. Depois tudo era dado para um orfanato. Todo ano, em outubro. Para os ingleses essa era a festa mais importante do ano, mais do que o Natal e tudo. O Culto das Bandeiras acontecia uma vez por ano, na comemoração das guerras.”

Com toque na corneta e dois minutos de silêncio. Em São Paulo, até hoje tem; convite de cônsules de outros países. Muito bonito e emocionante.”

Este depoimento de Anthea demonstra o seu apego às tradições: memória, espaço, objeto e tradição. Pois, como foi possível perceber cada característica dessa época foi citada de maneira saudosa, com entusiasmo e alegria de uma anglicana que viveu nesse período.

A partir da conversa que tive com Anthea Paterson e sua família, eu esperava que elas fossem falar do Pr. Paulo Garcia de maneira menos amistosa e expressar algum desconforto, devido não só às modificações que ele realizou na igreja, como também ao fato de ele ter rompido com o anglicanismo e ter permanecido no mesmo templo. Porém, parece que a popularidade e o carisma do líder Garcia continuam muito vivos na memória desta família, pois, apesar de elas não concordarem com a sua atitude, ele passa a ser bem mais ressaltado pela expansão da Igreja Anglicana no Nordeste do que pelo aspecto cismático. Mesmo com toda polidez ao mencionar as mudanças ocorridas na Igreja, com o cisma, Anthea não concordou com as atitudes do Pr. Paulo Garcia. Todas as vezes que ela vem de férias para o Recife, frequenta a Igreja Anglicana, o que demonstra de que lado ela ficou com o acontecimento da divisão anglicana. No primeiro ano do cisma, no culto de Natal (24 de dezembro de 2002), a Família *Paterson* foi homenageada. Acredito que esta cerimônia foi propícia de acordo com os rumores que os anglicanos estavam passando nesta época. Em outras palavras, é como se a comunidade precisasse se unir e manter bem viva a tradição anglicana, visto que eles foram “obrigados” a sair do Templo da Carneiro Vilela, já que não concordaram com os argumentos de Paulo Garcia. Percebi a postura de Anthea como muito diplomática, comparando-se aos insultos que os anglicanos dirigiram ao Pr.

Garcia. Mais adiante, terei a oportunidade de apresentar o perfil dos dois grupos envolvidos no drama: os anglicanos, que ficaram do lado de Dom Robinson e os carismáticos, que aderiram aos posicionamentos de Paulo Garcia.

Outra informação relevante desta época é que, em 1944, quando os paroquianos foram transferidos da Rua da Aurora para a Carneiro Vilela, no Espinheiro, não só os fiéis se mudaram, mas também boa parte da estrutura física da igreja, tais como as grades de frente da igreja, os portões, as janelas, o piso etc. Pois todo esse material foi doação da família dos mortos na guerra. Eles tentaram manter viva a lembrança dessas pessoas a partir da doação material de suas famílias, com a conservação de todas as características antigas. Vejamos uma fotografia, que foi retirada da capa de um livro (*Igreja – Multidão Madura*) de Dom Robinson. Esta é a imagem da primeira Igreja Anglicana do Recife, localizada na Rua da Aurora.

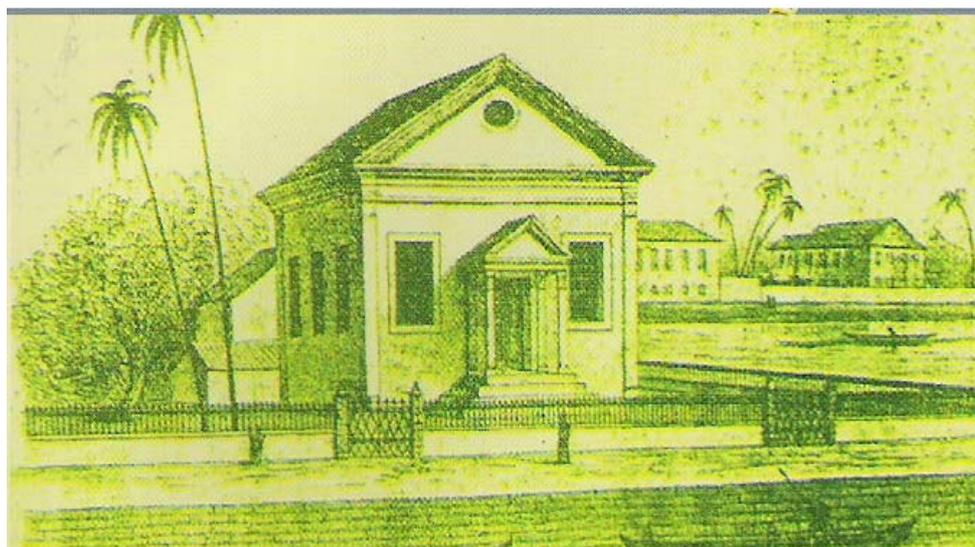


Foto 4 – “Primeira Igreja Anglicana do Recife”

Anthea demonstrou grande entusiasmo ao comentar o trabalho dos ingleses para a construção do templo na Rua Carneiro Vilela. Chega mesmo a falar, com um certo ar de orgulho, da influência dos seus antepassados no anglicanismo. Ao mencionar que os portões, janelas e até o piso da igreja foram doações dos ingleses, ela parecia justificar, ao seu modo, que o templo não pertence ao Pr. Paulo Garcia¹⁸.

Como expus no início deste capítulo, apesar de ter elaborado um esquema para a conversa com a família *Paterson*, chegando lá, não tive a oportunidade de segui-lo. Sendo assim, os dados que apresentei estão na ordem da conversa que tivemos, que foi basicamente às mudanças ocorridas na Igreja Anglicana, desde a sua época até os dias de hoje.

O encontro com esses membros da família *Paterson* me possibilitou realizar, mais uma vez, um paralelo com o autor Maurice Halbwachs. Ele distingue a memória coletiva e a memória individual, define história e lembrança, destacando vários exemplos, e enfatiza a importância da afetividade na reconstrução da memória. Ele se coloca numa posição bem “durkheimiana”, no sentido de que é fundamental, para reconstruir a memória, uma exigência na força do social, no grupo, na coletividade, no qual o indivíduo se encontrou ou se encontra inserido. Pelo fato de nunca estarmos sós, mas sempre interagindo com grupos, nossas lembranças serão sempre coletivas, ou seja, estaremos sempre confrontando nossos depoimentos com o dos outros.

¹⁸ Através de Anthea Paterson, tive a oportunidade de entrar em contato com uma outra inglesa desta época, Miss Phyllis Sills. Só que ela se negou a falar sobre qualquer assunto com relação ao cisma ocorrido. Miss Phyllis parece não ter compreendido o sentido da nossa conversa e falou claramente que tem um grande carinho pelo Pr. Paulo Garcia e sua família, e que se negava a falar qualquer coisa que o magoasse; também me falou que era totalmente a favor da sua atitude de romper com a Igreja Anglicana.

Nesta perspectiva, a entrevista realizada com a família *Paterson* demonstrou que cada fato lembrado nunca vinha isolado, mas sempre imerso num grupo. Por exemplo: os cultos da colheita, a cerimônia das bandeiras, os ensaios no órgão de tubos, as doações dos ingleses para a construção da primeira Igreja Anglicana e a placa de homenagem do pai de Anthea. Cada um desses acontecimentos teve como essência a coletividade.

As imagens dos fatos que se apresentam no nosso dia-a-dia se modificam e se fundem com as nossas lembranças. Isso quer dizer que nossa memória não é uma “tábula rasa”, mas que interagimos com os acontecimentos da vida. Se uma determinada cena não tiver deixado traço em minha memória, é porque não se trata de uma lembrança. É importante que não tenhamos perdido o hábito, o poder de pensar e de nos lembrar como membro do grupo. Halbwachs nos chama atenção para a necessidade de uma comunidade afetiva. Ao entrevistar uma das minhas interlocutoras sobre o seu primeiro contato com a Igreja Episcopal Anglicana, o seu depoimento veio carregado de afeto; percebendo essa característica, ela se “desculpa” e fala:

“Eu só queria lembrar pra você que a minha visão é muito a visão de quem estava de fora, quem estava vivendo aquilo ali com 17,18 anos. Então, pode ser que eu tenha falado alguma coisa que não tenha sido, exatamente, como aconteceu, mas passei assim minha visão, como é que eu via o que estava acontecendo.”

Em cada exposição de uma lembrança trazida à mente, Anthea Paterson demonstrava muita emoção: seja de alegria, de saudade, de humor, de ser inglês, de pertencer a uma comunidade anglicana e de morar distante do seu país, que apesar de serem

sentimentos individuais eram compartilhados coletivamente. As fotografias retratam bem essa realidade.

O conceito de Bergson sobre imagem-lembrança vem reforçar ainda mais o aspecto da afetividade em Halbwachs, visto que o primeiro afirma que a imagem-lembrança diz respeito à ressurreição do passado, indicando devaneio, sonho, poesia, sentimento, memória pura e vida contemplativa. Ao evocar um fato do passado, este vem “contaminado”, porque ele passa pelo crivo do presente. Em outras palavras, a memória é uma evocação do passado sob o prisma da atualidade, é uma re-significação.

Sendo assim, identifico a imagem-lembrança como a que melhor se enquadra no meu campo de pesquisa, visto que, ao tentar reconstruir uma parte do passado dos ingleses frequentadores da Igreja Anglicana do Recife, esta veio norteadada pelo atual rompimento do Pr. Paulo Garcia, como por exemplo, a inglesa Miss Phyllis Sills, que preferiu não se submeter à entrevista, afirmando que o Pr. Garcia está sendo alvo de muitas críticas e não quer nem tocar no assunto. Neste caso, é possível perceber claramente que o discurso dessa pessoa se encontra totalmente preso aos acontecimentos atuais. Como ela mesma menciona: “aos fuxicos que estão inventando a respeito do Pr. Paulo Garcia”. A maneira como meus entrevistados (a família *Paterson*, o Dr. Medeiros, o pastor anglicano Miguel Uchôa e a pastora Ana Lima) recordam hoje não seria a mesma se tivessem que recordar antes do cisma ocorrer (setembro de 2002). É por isso que não se trata de um resgate do passado, mas de uma reconstrução, porque a memória está sempre sendo remodelada. Mas, o importante é que Anthea expressa um sentimento ambivalente. Este sentimento é representado pelo reconhecimento do líder Garcia (história transformadora) e pelo seu

desejo de perpetuação da tradição e de seus valores, assim como da sua memória pessoal e familiar que é materializada no espaço e nos objetos, além do reconhecimento social.

2.2 Encontro com o Dr. Paulo Roberto Medeiros

Um outro depoimento importante para a reconstrução da memória na Igreja Anglicana foi à contribuição do atual psicanalista Paulo Medeiros, realizada em 8 de maio de 2003. Este foi o Segundo Reverendo Brasileiro da Holy Trinity Church¹⁹, ficando neste cargo por cinco anos, de dezembro de 1968 a dezembro de 1973. Atualmente, o citado psicanalista não realiza mais atividades referentes a eclesiologia anglicana, dedicando-se mais às atividades do seu consultório, a palestras e a congressos ligados à área da psicanálise.

Diferente do clima doméstico ao qual foi realizada a conversa com a família *Paterson*, o meu diálogo com o Dr. Medeiros foi num ambiente profissional, no seu consultório, no Bairro de Casa Forte. Tivemos uma hora de conversa, o que significa muito para uma pessoa tão ocupada e solicitada pelos seus pacientes. Porém, percebo que esta foi bem mais “organizada” do ponto de vista metodológico, pois o fato de só haver duas pessoas, uma pontuando e a outra respondendo, facilitou a lida com os fatos relatados.

¹⁹ O Rev. Alfredo Rocha da Fonseca Filho foi o primeiro Capelão brasileiro instalado na Paróquia da Trindade em 1966, seguido pelo Rev. Paulo Roberto Medeiros (1968 – 1973). Os Reverendos John Said e Philip Getchell (americanos) trabalharam como co-párcos nos últimos anos, sendo que o Rev. Getchell permaneceu à frente da Paróquia até março de 1975, retornando logo depois à sua Pátria. (Prefácio da Bíblia de Paulo Garcia, 2001: 03).

As minhas intervenções se direcionaram para a sua trajetória de pastor. Na época em que ele atuava neste cargo, a Igreja ainda era denominada Holy Trinity Church. A minha finalidade era saber o contexto deste período.

Logo no início da nossa conversa, uma intervenção minha chamou a atenção do Dr. Paulo Medeiros, pois, quando me referi a sua trajetória de pastor no anglicanismo do Recife, ele não se colocou nesta posição eclesial, mas sim na posição de **pároco**, que é uma nomenclatura utilizada na Igreja Católica Romana. Esta denominação, mais uma vez, vem justificar a “Via Média” da Igreja Anglicana.” Seja como pároco ou como pastor, a questão é que o Dr. Medeiros ocupava um cargo de auxiliar e depois foi substituído por um outro líder religioso, cujo nome é John Said.

A partir desse período, já não havia mais um projeto para pastores estrangeiros, pois a igreja precisava crescer quanto ao número de fiéis brasileiros. E, assim, tive algumas informações relevantes: Paulo Garcia não é Anglicano de origem, mas Presbiteriano. Ele foi contemporâneo do Dr. Medeiros no Seminário Teológico Anglicano de São Paulo. Este último era apenas um ou dois anos mais adiantado que Paulo Garcia. O ensino do seminário era caracteristicamente anglicano: doutrina, tradição e liturgia.

Apesar do Dr. Medeiros não ter contato, atualmente, com a igreja anglicana, ele falou que, aqui no Recife, esta foi bem descaracterizada, em termos de uma tradição anglicana propriamente dita. Na sua época de pastor, a Igreja era bem pequena, com poucos membros: pessoas ainda remanescentes da família dos ingleses, como a família *Paterson*, por exemplo, pois ele chegou a conhecer o Sr. Gordon Paterson. Ele também afirmou que um grupo de outros protestantes, metodistas e presbiterianos, colaborava muito com a comunidade de ingleses.

Ao lado da Holy Trinity Church havia uma casa, que era a Casa Paroquial, onde o ex-pastor morou. Esta casa tinha um território geográfico quase comum com o Country Club.

O Dr. Medeiros se reportou à tradição anglicana com um certo ar tradicional e se referiu às mudanças da Igreja de forma negativa. Na sua opinião, a tradição inglesa, as ordens anglicanas, a história e o episcopado foram deixados de lado, em função de um movimento muito personalista e populista. Populista na quantidade de fiéis, mas conservador do ponto de vista político.²⁰

É muito claro o contraste na forma de se colocar sobre a história do anglicanismo no Recife. O Dr. Paulo Medeiros criticou a atitude do Pr. Paulo Garcia desde o momento em que ele começou a descaracterizar o templo, com as reformas de ampliação até o motivo para romper com o anglicanismo. Comparando as conversas que tive com Anthea e Paulo Medeiros, não posso deixar de enfatizar a maneira como cada um se reportou ao cisma. As colocações do Dr. Medeiros pareceram mais contundentes, mais críticas. Ele não demonstra ambivalência no seu discurso, visto que suas colocações se prendem muito mais para uma postura de defesa dos valores e da tradição anglicana. Seu posicionamento se direciona para um movimento de conservação da Igreja dos Ingleses.

Durante a nossa conversa, o Dr. Paulo Medeiros chegou a levantar um questionamento: Até que ponto a ruptura do anglicanismo não foi causada pelo desejo do Pr. Paulo Garcia em se tornar bispo?²¹ (Alguns dos meus interlocutores do anglicanismo

²⁰ O Pr. Paulo Garcia mantém um vínculo favorável com vários políticos do nosso estado. Posteriormente, terei a oportunidade de voltar a ressaltar sobre este tema.

²¹ Este questionamento é tema de uma pesquisa de Shirley Vasconcelos da Fonseca Silva, aluna do Seminário Teológico Batista, sob a orientação do Professor Dr. Paulo Donizete Siepierski (UFRPE).

também levantaram esta reflexão). Visto que, até então, quem teve o privilégio de ocupar tal cargo foi Robinson Cavalcanti, o representante principal na discussão com Paulo Garcia sobre a Igreja Anglicana. Dom Robinson também já passou pela Igreja Presbiteriana. Após seu posicionamento, o Dr. Medeiros faz questão de enfatizar que sua opinião não parte de um ex-pastor anglicano, mas de um cidadão comum que acompanhou, através dos jornais, todo o drama vivido pela congregação.

Ao comentar sobre as mudanças da Igreja Anglicana de maneira pejorativa, o ex-pastor Medeiros se referiu ao Bispo inglês Dom Edmund Knox Sherrill como um dos co-responsáveis por essas transformações. Assim ele argumenta:

“O Rev. Sherrill sempre foi uma pessoa muito boa e tolerante. Ele tinha uma preocupação muito acentuada em desenvolver no Recife o anglicanismo. Ele tinha a impressão de que aqui o anglicanismo andava em círculos. Não conseguia romper esses círculos. E o desejo dele era de que crescesse. Todo esse aspecto de crescimento... Eu tenho a impressão que o bispo Sherrill ficou tão encantado com esse Rev. Paulo Garcia que se tornou tolerante. Quer dizer, abriu mão... Eu acredito que o bispo Sherrill preferisse abrir mão da tradição anglicana em alguns pontos em função do crescimento dessa Igreja. Só que eu tenho a impressão de que agora não tem mais retorno disso, porque os princípios anglicanos, me parece, nunca foram seguidos.”

Ao observar o depoimento do Dr. Medeiros a respeito do Bispo Sherrill, vejo este último com uma posição semelhante à de Anthea Paterson, na medida em que ambos tinham como preocupação central, o crescimento do anglicanismo, mesmo que para isso fosse preciso haver uma desnaturalização do *ethos* anglicano.

A partir do posicionamento do Dr. Paulo Medeiros a respeito da tradição anglicana, ele deixa clara a sua crítica em relação às mudanças na Igreja; contudo, fala que o *ethos*

anglicano, a característica de ser *compreensiva* torna, de certa forma, a Igreja aberta a tais transformações. Ele falou que conheceu várias igrejas anglicanas no Sul do país: Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo. Tais comunidades apresentavam uma marca fundamental, pois todas eram ecléticas, no sentido cultural. Por exemplo: em São Paulo, no interior, principalmente, e no interior do Paraná, a Igreja Anglicana instalou-se através de uma comunidade de lavradores japoneses, que traziam uma tradição budista, sendo possível encontrar em algumas casas a figura do Buda ao lado de um Crucifixo. Mesmo com toda essa mistura de crenças religiosas, o Dr. Medeiros ressaltou que havia um bispo no Rio Grande do Sul, cujo nome era Chris, e este era um grande defensor das idéias do anglicanismo.

Ao lembrar desses fatos, o meu interlocutor falou que o reitor do Seminário Anglicano em São Paulo²² era um grande defensor do anglicanismo. Seu nome era Rev. Natanael. Ainda no seminário paulista, havia um professor da cadeira de ética, o qual era japonês e muito íntegro dentro da doutrina anglicana. Este professor também lecionou para Paulo Garcia e, já nesta época, o Rev. Garcia, ainda como seminarista, apresentava um comportamento bem personalizado e populista.

O que ficou claro para mim, após a nossa conversa, é que o Dr. Medeiros parecia querer mostrar que Paulo Garcia não se adequou muito bem aos cânones e doutrinas do Anglicanismo. Esse ex-pastor mencionou que, quando um presbítero se filia a uma

²² Segundo informações do Dr. Medeiros, o seminário era muito bom, porque ensinava uma boa teologia, no sentido da teologia contemporânea. Era bem mais aberto que os seminários protestantes e católicos da época. Talvez ele não tivesse o mesmo rigor disciplinar do seminário luterano de São Leopoldo, que era um modelo para o Brasil, no sentido da Teologia.

instituição religiosa, no caso a Igreja Anglicana, é preciso que seja firmado um pacto, um compromisso com a tradição dessa denominação. E completa:

“É claro! Quando não acontece isso é porque o sujeito é muito populista, eu acho. O que me parece no caso aqui [referindo-se ao Pr. Paulo Garcia]... Essas igrejas de massa popular, nas quais os pastores não precisam ter púlpito nenhum, não precisam... público, são líderes de pequenos grupos, se expandiu de tal maneira no Brasil, que não foi só a Igreja Anglicana, mas as outras igrejas mais tradicionais, as que têm história e tradição: Católica, Anglicana, Presbiteriana, Batista e Metodista. Fora essas, o que acontecem são os movimentos populares, que exploram, sobretudo a ignorância do povo, por aí afora. Proselitismo muito grande e hoje é uma coisa tão descaracterizada, que fica difícil dizer o que daí se existe cristianismo ou não.”

O Dr. Medeiros não vê o ecletismo cultural ou aumento no número de fiéis em si como fator de transformações no *ethos* anglicano mas, todas essas mudanças passam a ser o produto da vaidade e ambição pessoais de Paulo Garcia, o que diverge do posicionamento de Anthea.

Com relação à ruptura de Paulo Garcia do anglicanismo e a sua conseqüente permanência no templo da rua Carneiro Vilela, o Dr. Medeiros não concorda com a atitude do Pr. Garcia, pois, na sua concepção, o templo pertence a IEAB (Igreja Episcopal Anglicana do Brasil). Além disso, ele acha que a descaracterização do anglicanismo começou desde o momento em que as reformas de ampliação iniciaram. Assim ele fala:

“Eu acho que a igreja [templo] pertence a IEAB. Foi firmada uma documentação a respeito disso. Para mim, a descaracterização geral também descaracterizou até o templo, como você chama. Porque aquilo ali era uma capela muito bonitinha, pequenininha, inclusive histórica. Deveria ter sido tombada pelo Patrimônio Histórico, para

não permitir que fizessem: descaracterizar completamente. Porque, de fato, ficou parecendo uma, não sei... uma coisa pra massa mesmo. Não sei até que ponto isso se parece até com um estádio de futebol. Sei lá, uma coisa esportiva.”

A última vez em que o ex-pastor Dr. Medeiros esteve na Catedral o que já faz algum tempo, por ocasião de um culto de despedida do Bispo Sherrill, pois este estava voltando para o Rio de Janeiro - ele notou muitas mudanças na estrutura arquitetônica da igreja. E argumentou o seguinte:

“Eu não encontrei mais história, eu não encontrei mais passado. O que foi feito na arquitetura... A arquitetura foi uma destruição da história, uma destruição do passado. Aquelas reformas que eu via... só isso já denota, digamos: é um indício bastante acentuado de falta de história. E uma instituição é, sobretudo, história [pausa], tradição, história, memória. Não se pode apagar alguma coisa a não ser, excluindo-se dessa tradição; ele se excluiu da tradição anglicana [Paulo Garcia]. Não conheço nenhum direito, quer dizer, pessoalmente, não reconheço que ele tenha direito de propriedade. Sobretudo... aquilo pertence à Igreja Anglicana, sempre pertenceu. É como se ele tivesse transformando em algo pessoal, personalista etc. Mas sempre foi o jeito dele, sabe? Já no seminário, todos nós tínhamos um pouco essa idéia dele. O que não quer dizer que ele não pudesse fazer um ótimo trabalho. Ele fez um trabalho de aliciamento formidável, não é? Com aplausos de toda a diocese, com aplausos do bispo. Mas descaracterizou completamente. Eu não vou lá, nem pretendo ir [Carneiro Vilela], mas eu não sei o que existe de anglicanismo mais ali. O que eu saiba é que deve existir pouquíssima coisa. E eu não sei também... Não há anglicanos na cidade, no sentido histórico, que possam contrapor a esse movimento. Quando eu cheguei aqui, quase não havia anglicanos. Então, digamos que o trabalho dele foi feito num vácuo. Porque os anglicanos que existiam, ou eram itinerantes na cidade e não tinham residência fixa aqui ou tinham residência fixa. Na maior parte eram estrangeiros, que passavam pelo Recife.”

A opinião do Dr. Medeiros a respeito do cisma é semelhante ao do grupo da comunidade que ficou do lado de Dom Robinson Cavalcanti, pois ambos acreditam que o motivo alegado por Paulo Garcia ocultava as suas verdadeiras intenções para romper com a Igreja Anglicana:

“A primeira impressão que me ocorreu, quando li a matéria nos jornais, é que isso ocultava alguma outra coisa. Parece-me um puro pretexto. Então, às vezes, a gente inventa desculpas, não é? Quando quer fazer alguma coisa. Isso é pretexto, quer dizer... Afinal de contas, essas questões todas [referindo-se aos ritos alternativos: casamento de homossexuais, bênção de animais e bênção do divórcio] sempre foram muito discutidas abertamente dentro do clero anglicano. Não havia problema nenhum; o clero anglicano sempre foi tão liberal. Ele poderia discutir, levar a questão. Não me convence, no sentido assim que seja um motivo suficiente para o rompimento. Deve ter rolado muita ciúmeira no caminho aí. Sei lá... por não ter sido bispo.”

No final da nossa conversa, eu o informei que o Pr. Paulo Garcia seria o bispo, no Brasil, da Igreja Episcopal Carismática, sua nova filiação religiosa. E o Dr. Medeiros disse:

“Ah sim, daqui a pouco ele é Arcebispo, é Papa.”

A partir dessa entrevista com o Dr. Paulo Medeiros, faço um contraponto com Borheim (1997). O autor começa citando a importância do pensamento dos gregos, com relação ao conceito de opostos, visto que estes tendem a se atrair, mas também se imbricar; apesar de um todo conflituoso, formam de algum modo uma unidade. É a partir dessa linha de pensamento que ele vai introduzir o conceito de **tradição**. A tradição apresenta como essência a dinamicidade, a historicidade, o movimento, o ser variável; é por isso que ela

utiliza um determinado recurso, que é a **ruptura**. Para uma pessoa que não compreende o que se trata o romper, pode interpretá-lo de uma maneira puramente negativa, capaz, inclusive, de acabar com a tradição, de fazê-la estagnar. A necessidade de ruptura se torna, portanto, fundamental para restaurar a dinamicidade ao que parecia “morto”.

A experiência da ruptura é capaz de mover a tradição, sendo sua mola propulsora. É a tensão de ambigüidades e a reforma que são capazes de lutar para que continuem a existir vida e movimento. Borheim cita Nietzsche como o pensador que soube, como ninguém, visualizar os conflitos da tradição e ruptura, sendo estes os pontos centrais de toda a sua obra.

A palavra tradição significa passar algo, entregar alguma coisa para outrem. Por isso, se fala do conceito de tradição como transmitido de geração a geração. Todos nós estamos imersos na tradição e ela está inserida no nosso dia-a-dia, pois nós a constituímos e ela nos constitui; não há como nos desvincularmos dela: ela nos forma e nós a formamos. Ela é a totalidade do comportamento humano; seja através de um material dito ou escrito, que é passado a cada geração. Trata-se de uma relação dialética: tradição e sociedade, não se pode separar, visto que uma é responsável pela existência da outra. Entretanto, indivíduos e grupos sociais experimentam e justificam a tradição como continuidade, e por algumas vezes, expressam essa noção através de forte resistência às mudanças. Como bem observa Reginaldo Prandi:

“A oferta de serviços que a religião é capaz de propiciar aos consumidores religiosos e as estratégias de acessar os consumidores e criar novas necessidades religiosas impõem mudanças que nem sempre religiões mais ajustadas à tradição conseguem assumir. É preciso, sobretudo, enquadrar-se com os concorrentes, atualizar-se.”

Para religiões antigas, podem ocorrer mudanças que mobilizam apenas um setor dos líderes e devotos, como, por exemplo, a fração das Comunidades Eclesiais de Base e, hoje, a parcela da Renovação Carismática do Catolicismo (Prandi,1997). Isso vale para os grandes grupos de religiões congêneres. No caso dos evangélicos, avançam os renovados pentecostais, mas declinam algumas denominações históricas, tradicionais.” (Prandi, 2003: 18 e 19)

Ver-se que no caso da Igreja Anglicana, as mudanças implementadas, ou as estratégias escolhidas por Paulo Garcia inicialmente fizeram com que o anglicanismo se expandisse e, posteriormente levaram à cisão, contribuindo, de certa maneira, para o declínio desta Igreja.

Por haver esta transmissão e essa passagem, é que nós nunca romperemos por completo com a tradição. Nunca será possível tal efeito, pois ela já faz parte do nosso viver. A ruptura absoluta parece trazer algo de “acabado”, alguma coisa que foi concluída, e isso não tem nada a ver com o dinamismo e o movimento da tradição. Borheim (1997) revela dois exemplos da impossibilidade desse romper por completo, que é o “estilo gótico” e o “folclore”. Enquanto isso, trago como reflexão a ruptura do Pr. Paulo Garcia da Igreja Anglicana. Como deixei claro em alguns parágrafos anteriores, este líder religioso foi rompendo aos poucos com o *ethos* do anglicanismo através do seu jeito “avivado” e da preocupação de saber a demanda de sua congregação. Tais características sinalizam um rompimento. Mas será que, se o Pr. Paulo Garcia não tivesse “rompido” com a tradição anglicana, esta teria se expandido tanto no Nordeste? Contudo, o rompimento não foi por completo. Através da pesquisa de campo, alguns dados sinalizavam para essa impossibilidade de rompimentos totais, que é o fato de alguns episcopais carismáticos afirmarem que a Igreja continua a mesma após o cisma. Além de que ambas apresentam a

mesma característica que é ser “episcopal”: Igreja Episcopal Anglicana e Igreja Episcopal Carismática. Em outras palavras, ao mencionar ser da Igreja Episcopal, o fiel nem sempre se dar conta desta característica. A organização dos móveis da Igreja Carismática e o fato do Pr. Garcia ter permanecido no mesmo templo, tudo isso indica a impossibilidade desse rompimento completo. Já com relação aos anglicanos, estes tiveram que mudar de espaço físico e absorver algumas práticas litúrgicas que havia se perdido ao longo dos anos com Paulo Garcia que foi o sinal da cruz, o ato de ajoelhar-se e a oração do Credo Apostólico. Como declarei anteriormente, o próprio Bispo Anglicano foi tolerante às mudanças do Pr. Paulo Garcia, porque sabia que estas eram recursos deste último para expandir o anglicanismo. Eis o resumo que faço entre este ponto da teoria de Borheim e as transformações no meu campo de pesquisa: “romper para não morrer”.

Como foi possível percebermos, o Dr. Medeiros demonstrou certa insatisfação com relação às reformas na estrutura física da igreja. Ao lamentar tais mudanças, ele ressalta um aspecto bem interessante no estudo da memória, que diz respeito ao **espaço enquanto suporte das memórias**. Halbwachs (1950), partindo das características estáveis do espaço comentou:

“Auguste Comte observava que o equilíbrio mental resulta em boa parte, e antes de tudo, do fato de os objetos materiais com que estamos em contato diário não mudarem ou mudarem pouco e nos oferecerem uma imagem de permanência e de estabilidade”.
(Silvano, 2001:13)

Halbwachs defende que a organização material do espaço é relevante para a manutenção e transmissão da memória do grupo. Primeiro, porque o grupo “molda” o espaço, ao mesmo tempo em que se deixa “moldar” por ele.

“Logo que o grupo é inserido numa parte do espaço, transforma-a à sua imagem, mas ao mesmo tempo submete-se e adapta-se a coisas materiais que lhe resistem.” (Silvano, Idem)

E segundo, porque o espaço fixa as características do grupo:

“Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: as nossas impressões afastam-se umas às outras, não há nada que fique no nosso espírito e não compreenderíamos que pudéssemos rever o passado se ele não se conservasse com efeito pelo meio material que nos envolve”. (Silvano, 2001: 13 e 14)

Portanto, ao mencionar as transformações da Igreja, acredito que, não só o Dr. Medeiros sinalize para esses dois aspectos da teoria de Halbwachs em relação à memória espacial, mas a família *Paterson* também, visto que Anthea se referiu aos antigos portões, às janelas, ao piso da Igreja etc. Essas citações indicam o apego afetivo à estrutura física da Igreja, à tradição espacial. Esta estrutura foi se moldando à nova demanda de fiéis e esses foram se moldando ao espaço da catedral: grande salão, telão para acompanhar os cantos, grande quantidade de cadeiras para compor a “massa” (como ressalta meu interlocutor), área climatizada etc. O que difere, consideravelmente, da igrejazinha pequenininha, que, na época da família *Paterson*, por exemplo, só agrupava um contingente limitado de fiéis, sendo a maioria composta por ingleses residentes no Recife.

Danièle Hervieu-Léger (1993) tem se dedicado a pesquisar sobre o papel da religião na modernidade em meio às suas transformações. Para esta autora, a religião se define por um meio de transmissão e perpetuação da memória de um acontecimento fundante, através de uma “linhagem religiosa” ou “linha de crença”. A religião tem a função de manter os fiéis sempre ligados ao “momento original”, iniciante. “Toda religião implica uma mobilização específica da memória coletiva” (Camuça, 2003: 251). A experiência do presente encontra-se aprisionada no evento fundador de um passado. A crença religiosa é uma crença específica na **continuidade** da “linha crente”. Todavia, a continuidade de uma tradição religiosa não implica em imutabilidade, mas em **maskamento** de suas mudanças e rupturas. Sendo assim, as religiões são tradicionais não porque não mudam, mas porque escondem sua mudança.

Esta autora segue a idéia de Halbwachs de que a memória coletiva tem um caráter **normativo**. Essa normatividade se expressa na estrutura dos grupos, movimentos e instituições religiosas, através da constituição de uma “memória verdadeira”/“memória autorizada”, que se legitima na força do grupo, da coletividade. Esta “memória autorizada” pode ser transmitida em distintas modalidades religiosas: igreja, seita, rede mística etc.

Em outras palavras, para Hervieu-Léger o fiel utiliza o recurso da memória, que vai ativar uma “linha crente”, ligando um passado mítico ao presente. Através da memória, é possível retornar às origens de uma determinada religião.

Mas eis que surge a questão: Como garantir a regulação institucional e reprodução da memória coletiva da religião, que é marcada pelo “imperativo da continuidade” numa sociedade, que é movida pelo “imperativo da mudança”? Para esta autora, a crise da tradição religiosa na modernidade é a crise de sua transmissão e a crise do passado, como

não sendo mais eficaz para explicar o presente. Ela revisa o conceito de secularização e afirma que as tradicionais instituições religiosas não têm mais a capacidade de manter os fiéis e fazer com que estes se reconheçam na “linha crente”, que deveria se prolongar do passado ao futuro, havendo um impedimento de pertença a uma “linhagem religiosa.”

A partir desta nova configuração religiosa, a autora fala da gênese de uma **religião pós-tradicional**, que tem como essência as opções pessoais dos indivíduos. Os fiéis contemporâneos não estão preocupados em fazer parte de uma determinada religião, através de um reconhecimento da tradição, mas trata-se de desejar inserir-se pela sua própria escolha, que tem a ver com o gosto de cada um: como algo que se planeja e se elabora, de acordo com as necessidades pessoais. Diferentemente da religião clássica, onde **crer** e **pertencer** fazia parte do mesmo processo, para ela, uma “sociologia da modernidade religiosa” tem que contemplar as possibilidades ilimitadas de *bricolage*, invenção e manipulação do indivíduo nos dispositivos de sentido suscetíveis a “fazer tradição”. Birman (2001) faz a seguinte citação de Hervieu-Léger sobre o *bricoleur*:

*“A autora chama atenção para o surgimento de um novo tipo religioso, antes raro ou mesmo inexistente: o **bricoleur**, que opera rearranjos provisórios entre crenças e ritos, principalmente sem se deixar prender, à moda antiga, a fidelidades institucionais. Alguns autores chamam atenção para práticas religiosas ‘à la carte’, em que os indivíduos ‘misturam’ a seu bel-prazer, como num supermercado, várias crenças, com a ligeireza típica das relações de consumo num imenso e surpreendente ‘supermercado da fé.’”*
(Birman, 2001: 61)

O contexto sócio-religioso atual é constituído por duas realidades que se relacionam: de um lado, religiões institucionais sem poder de regulação, freqüentadas por

grupos que a partir delas “fazem sua tradição”; do outro comunidades emocionais, agregadas pelo sentimento de pertença e afetividade, dispensando a “linhagem religiosa” calcada na “memória autorizada” de uma tradição fundadora. Assim comenta a autora francesa:

“O processo de diferenciação e individualização no qual se coloca o avanço da modernidade tirou delas (religiões) o domínio / monopólio que elas exerciam sobre as questões existenciais fundamentais que todos os grupos humanos enfrentam: como enfrentar a morte ou os infortúnios?, como basear os deveres dos indivíduos para com o grupo? Etc. Se admitirmos que o conjunto dessas respostas religiosas constituía o ‘universo sagrado’ das sociedades tradicionais, designaremos como ‘cosmos sagrados das sociedades industriais’, ‘sagrado moderno’, ‘sagrado difuso ou informal.’”
(Hervieu – Lérger, 1993: 67) – (Tradução feita por mim)

As “novas expressões religiosas” surgidas na alta modernidade se mantêm através de comunidades carismáticas emocionais. No geral, não se observa um predomínio de uma linhagem de memória coletiva que seja proveniente de laços familiares, sociais ou confessionais. Enfim, essas “novas expressões religiosas” são constituídas, basicamente, de relações afetivas, com manifestações físicas (beijos, abraços etc). A idéia de obrigação e permanência nestas instituições está ausente, pois elas se manifestam pela fluidez e instabilidade dos estados afetivos. Para ilustrar as idéias de Hervieu-Lérger, apresento o depoimento de uma das minhas interlocutoras²³, que está vinculada à Igreja Episcopal

²³ Ela tem 50 anos, 3º grau incompleto e é comerciante. Segundo seu depoimento, já foi uma mulher muito rica, dona de uma cadeia de restaurantes, mas perdeu tudo. Antes de ser evangélica, se auto-denominou “macumbeira”, tendo se convertido só há um ano na Igreja Presbiteriana. Começou a freqüentar a Igreja Episcopal Carismática, após assistir algumas conferências do Pr. Silas Malafaia em fevereiro de 2003.

Carismática, com o Pr. Paulo Garcia. Ao questionar a importância dessa igreja em sua vida, ela me respondeu o seguinte:

*“É tudo, porque se eu tinha Jesus, depois que eu comecei nessa Igreja, parece que a minha fé aumentou muito mais, entendeu? Devido às pessoas, devido às pessoas estarem orando por mim, porque eu estou passando por uma fase muito difícil e isso aí pra mim é tudo, primeiramente Deus, não é? Mas, as pessoas se preocupam com você, entendeu? Porque veja é muito importante, porque eu sou ‘nenê’ no evangelho e você saber que tem alguém se preocupando com você. Isso é muito importante, não é? É como se você fosse uma criança e sua mãe está sempre se preocupando com você. Então, as irmãs aqui da Igreja, o pastor, ele faz por você. Então, pra mim é muito importante. Essa igreja pra mim tem muito valor. **[Qual a diferença dessa igreja para a Presbiteriana ?]** É o amor. Aqui, o pastor e as irmãs têm aquele carinho com as pessoas. Em outras igrejas eu não encontrei isso. Ela (Igreja Episcopal Carismática) não é a única, eu já fui a outras igrejas: Batista, Nova Vida, a Universal, mas você não encontra o amor que aqui têm as pessoas, a preocupação que ela tem com você. Se eu tivesse dez, quinze anos na Igreja, não; eu não tenho. Eu tenho, simplesmente, um ano de convertida e dois meses que estou aqui na Igreja. Mas é o amor que as pessoas têm por você, é a preocupação com você, entendeu? Então, para mim a Igreja é muito importante.”*

Através da valorização da experiência com o sagrado, Hervieu-Léger (1993) percebe uma via que aponta para a “dessecularização”, onde se percebe uma “emergência do recalçado”, ou seja, um retorno do sagrado. Ela busca uma visão articulada que procura apreender no interior da própria tensão entre tendências “dessecularizantes” e “secularizantes”. Se, por um lado, é acertada a interpretação das comunidades emocionais como um “protesto sócio-religioso” contra a razão instrumental e a burocratização da sociedade tecnoindustrial, que lhe emprestou um caráter **desmodernizante**, por outro o recurso às narrativas, aos mitos, aos rituais das tradições religiosas por esses indivíduos e

coletivos emocionais, dá-se de forma **moderna**: pela valorização de subjetividades, pela liberdade individual, pela seleção pragmática daquilo que na tradição religiosa convém às suas necessidades particulares.

É a partir desta realidade trazida por Hervieu-Léger (1993) que contextualizo a Igreja Episcopal Anglicana que teve o Pr. Paulo Garcia como um de seus principais líderes no Brasil, principalmente no Nordeste. Em outras palavras, o líder Garcia parece ter percebido com maior eficácia a demanda dos novos fiéis anglicanos, sabendo, pois, tocar na subjetividade do povo, como também propiciar a organização de uma instituição religiosa carismática, onde os fiéis estão muito mais presos aos laços afetivos, às experiências de vida compartilhadas, às relações emocionais. Enfim, é como se os anglicanos começassem a dar mais valor aos relacionamentos afetivos construídos na Igreja Anglicana do que se ligar a uma tradição, a uma denominação protestante e histórica²⁴. Independente da instituição religiosa, o mais importante é fazer parte de uma Igreja que acolhe e “abraça”, uma Igreja escolhida para atender as necessidades emocionais de cada um, tratando, inclusive, de assuntos domésticos (problemas financeiros, de saúde e familiares), porque há comunidades ativas, empenhadas e capazes de orar para a resolução dos problemas.

Sendo assim, verifiquei diferentes formas de crença no contexto da Igreja Anglicana anterior ao cisma, pois parte dos fiéis (no caso os anglicanos) tinham uma forma de crença mais voltada para a tradição, para um compromisso com a identidade anglicana. Enquanto que um outro grupo estava mais interessado nas experiências religiosas particulares (no caso os carismáticos). A comparação de ambos os grupos será retomada mais adiante.

²⁴ É importante não perdermos de vista que mesmo se tratando de uma Igreja Protestante, pois participou da Reforma do século XVI, a Igreja Episcopal Anglicana possui um *ethos* muito particular que se relaciona com a Via Média e a *compreensividade*.

É importante ressaltar que as mudanças implementadas por Paulo Garcia na Igreja Anglicana não partiram pura e simplesmente de um desejo seu, mas ele atendeu a uma demanda interna, a demanda de um determinado grupo por movimentos mais avivados (os carismáticos). A Igreja mudava internamente em função também do perfil de seus fiéis.

Por conta da popularidade e do carisma do referido Pr. Paulo Garcia, eu resolvi abrir um espaço, nesta parte do meu trabalho, para apresentar, de uma maneira geral, alguns aspectos da vida deste líder religioso, desde a sua chegada ao Recife (março de 1975) até o seu rompimento com a Igreja Episcopal Anglicana (setembro de 2002).

Capítulo 03

O Dom de ser Carismático



CAPÍTULO 03

O *DOM* DE SER CARISMÁTICO

Todas as informações que apresento nesta parte da pesquisa foram coletadas a partir de jornais, revistas, livros e depoimentos de várias pessoas a respeito do Pr. Paulo Garcia. Apesar da quantidade razoável de material que consegui organizar, nunca tive a oportunidade de realizar uma entrevista com o referido pastor, a não ser tirar algumas fotografias, pois sempre que eu tentava marcar, ele estava muito ocupado ou viajando.

“Eu acho que a principal característica do Pr. Paulo Garcia é o carisma dele, a maneira como ele recebe as pessoas, o grande amor que ele tem pelas pessoas. Eu acho que isso conquista muita gente, muitos membros pra Igreja dele, porque ele é um homem amável, ele é um homem extremamente carismático, que abre os braços pra todo mundo. Ele tem um abraço delicioso. Mas ele trabalhou na vida da gente, ele ensinou. Eu lembro que houve um período, que o meu marido estava no seminário e encontrava nele um pastor, realmente, aquele que ensinava, que mostrava o caminho: trabalhou com homilética, trabalhou com elaboração de sermão... Enfim, a gente teve nele um pastor. Então, eu não tenho nada especial pra dizer dele, um homem que a gente ama muito e infelizmente! Não sei, não sei nem se ‘infelizmente’; acho que se Deus permitiu que tudo isso acontecesse na vida dele, é porque tem os planos e, de repente, tem aí um outro caminho pra ele. Não tenho nada pra dizer dele, acho que ele é um homem de Deus, acho que ele é um homem importante nessa cidade, um homem que faz um trabalho sério e espero que ele esteja feliz e realizado com isso que Deus fez na vida dele.”²⁵

²⁵ Essas palavras foram de uma interlocutora, no momento em que eu a questionei sobre sua relação com o Pr. Paulo Garcia e a sua opinião a respeito do rompimento com o anglicanismo.

As palavras da minha interlocutora já introduzem, de certa maneira, o perfil de um dos maiores líderes religiosos que a Igreja Anglicana já teve até o momento. Semelhante a este depoimento, eu escutei muitos outros (dos fiéis que foram com ele para a Igreja Episcopal Carismática) todos enfatizando a excelente oratória e a capacidade de se sensibilizar com os membros da Igreja: marca indelével do líder Garcia. Mas, além do perfil personalístico, é importante conhecermos um pouco as origens e a trajetória religiosa desse pastor.

Paulo Ruiz Garcia é natural de Presidente Prudente (SP), filho de Manoel Ruiz Garcia e Ana Lourenço Ruiz; encontra-se com sessenta e quatro anos, casado com Márcia Gasparini Garcia, que obteve o Bacharelado e Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Mackenzie de São Paulo. Pai de Fernanda (Fisioterapeuta), Paula (estudante de Fisioterapia), Thiago (estudante de Direito pela UNICAP), e avô de Pedro (que é filho de Fernanda). O referido pastor é Bacharel em Teologia, Direito e Filosofia. Foi Ordenado Ministro da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil em 1970. Realizou Curso de Extensão em Teologia na Suíça – *Institut Chateau de Bossey* – Céligny, em 1974. É “Cidadão do Recife” – título conferido pela Câmara de Vereadores em 1977; Medalha Pernambucana do Mérito da Polícia Militar em 1988; “Cidadão de Pernambuco” – Conferido pela Assembléia Legislativa de Pernambuco em 1990; Implantador dos Encontros Evangélicos de Casais e de Jovens com Cristo, Cursilhos da Cristandade ²⁶e Seminários de Vida no Espírito Santo no Nordeste; e Membro Honorário do Rotary Club Boa Vista, em Recife.

²⁶ O Pr. Paulo Garcia residiu nos Estados Unidos em 1981 e 1982, na St. Paul’s Episcopal Church, na cidade de Darien (CT). Em Darien, o referido pastor sente o desejo de implantar o Cursilho nas Igrejas Episcopais brasileiras. E começou pela sua Paróquia da Trindade (Espinheiro), com a concordância da Igreja Católica Romana, e com a participação de alguns fiéis e episcopais residentes na América do Norte, que vieram ao

Antes de chegar ao Recife, Paulo Garcia serviu como pastor na Paróquia Cristo Salvador, (região paulista do ABC); no Rio de Janeiro, na Missão Episcopal Morro Dona Marta; na Paróquia de São Lucas (Botafogo); na Paróquia do Redentor (Tijuca); e na Paróquia Cristo Rei (Cidade de Deus, subúrbio carioca de Jacarepaguá), da qual também foi fundador. De volta a São Paulo, em 1973, auxiliou na Paróquia Episcopal da Trindade e na Igreja Presbiteriana Betania.

A Diocese de Recife (anteriormente chamada de Setentrional) foi oficialmente criada pelo sínodo em junho de 1975. Contudo, desde março do mesmo ano, o bispo Edmund Sherrill havia enviado para Recife o Rev. Paulo Garcia com a finalidade de incrementar o crescimento da igreja naquela região. Lá chegando, o Rev. Paulo Garcia “encontrou apenas dez pessoas ligadas à igreja: oito ingleses e um casal de brasileiros. Mas, em dois anos, surpreendentemente, a paróquia já tinha mais de 200 membros”. (Aquino, 2000: 29). Hoje, a Catedral da Santíssima Trindade é a maior congregação anglicana da América do Sul, com cerca de 3000 membros. O crescimento do anglicanismo no Nordeste tem como um dos principais responsáveis o Pr. Paulo Garcia. Nas palavras do próprio Pr. Paulo Garcia:

“Vim de um distante rincão paulista, Presidente Prudente, berço dos bandeirantes, para uma missão que julgo muito nobre: anunciar a mensagem do Evangelho; proclamar tudo o que Deus fez por nós em Cristo Jesus; pregar o amor de Deus na cruz de Cristo; difundir um evangelho pleno que cuida de todo homem e do homem todo.

Cheguei a Pernambuco em 1975, a convite da direção geral de minha denominação, a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, 19º

Nordeste especialmente para o 1º Cursilho Episcopal Masculino, em julho de 1984. Outros encontros da Igreja também foram inspirados em ritos ocorridos nos Estados Unidos.

Província da Comunhão Anglicana, para ajudar na implantação de mais uma Diocese em nossa Pátria.

Aceitei o desafio porque acreditava que faltava ao Norte e Nordeste a contribuição que a Igreja Episcopal poderia oferecer na evangelização e na redenção dessa parte de nosso país. Uma igreja sem as peias do sectarismo fanatizador, tão saliente em nossos dias. Uma igreja sem proselitismo e sem a pretensão de ter a posse exclusiva da verdade ou o monopólio de Jesus Cristo.

Uma igreja sem a presunção salvacionista daqueles que pretendem transformar o evangelho num regime de partido único. Uma igreja que tem o compromisso claro e sério de lutar pela unidade de todos os cristãos, num mundo já suficientemente dividido.

Comprendemos que a divisão da igreja é um escândalo para o mundo. A unidade é uma luta fundamental da Comunhão Anglicana.

Os cristãos não irão exercer o ministério de reconciliação no mundo até que o exerçam, em primeiro lugar, entre cada denominação e entre eles próprios. Para isto, devemos adotar uma postura de enfatizar sempre mais aquilo que nos une, como cristãos, e muito menos aquilo que nos separa.” (Garcia, 2000: 6 e 7)



Foto 5 – “Paulo Garcia no Grupo Familiar”

Da esquerda para a direita: Jairo Calife (ex-membro da Igreja Anglicana); Pr. Paulo Garcia; Márcia Garcia (esposa do pastor Paulo); Mafalda Calife (ex-membro da Anglicana e esposa de Jairo); Lúcia Cosentino (irmã de Mafalda e ex-membro da Anglicana) e João Vitor (neto de Jairo e Mafalda). “Grupo Familiar”, abril de 2003.

Em julho de 1975, o Pr. Garcia enfrentou uma de suas maiores dificuldades ao chegar no Recife: a “cheia de 75”, assim nomeada por muitos pernambucanos até hoje. Muitos documentos importantes, livros e alguns móveis da Igreja foram perdidos. Foi um período muito crítico na vida dos recifenses, principalmente para as pessoas que residiam em casas e em ruas estreitas, cujo escoamento de água era problemático, como na Rua Carneiro Vilela (Espinheiro), por exemplo, que era a rua da Igreja Anglicana. Como de costume, todos os eventos do Pr. Garcia eram registrados em seu diário. Vejamos o que ele escreveu na ocasião deste acidente:

“17 e 18 / 7 = Aconteceu a grande cheia no Recife em consequência do transbordamento do Rio Capibaribe. As águas destruíram órgão, púlpito, banco e etc. Márcia, eu, Fernanda e Lúcia passamos por esta terrível experiência. Toda a Casa Paroquial foi seriamente danificada. Cristo nos conforta muito nestes dias. 20 – 7 – Não houve culto em minha paróquia em consequência das enchentes que danificaram o templo”. (Garcia, Op. Cit. 53)

Apesar da dificuldade enfrentada nesta época, o Pr. Garcia conseguiu, com o passar dos anos, transformar a “pequena igreja dos ingleses” numa espaçosa catedral, duas vezes ampliada e freqüentada aos domingos por cerca de 3600 fiéis. É difícil uma pessoa que mora no Recife nunca ter, sequer ouvido falar na “Igreja do Pr. Paulo Garcia”. Uma igreja que sempre foi conhecida pela animação nos cultos, por um sermão bem estruturado

e pelo carinho dos irmãos; ou seja, não podemos falar de Paulo Garcia sem nos referirmos ao carisma da sua comunidade religiosa e aos seus discursos penetrantes. Além de tais características, acredito que um outro acontecimento marcou, ainda mais, a existência daquela Igreja, que foi a celebração do casamento de Pelé com a pernambucana Assíria Nascimento.



Foto 6 – “Casamento de Pelé”

Mas a popularidade deste líder religioso não se limita aos irmãos da sua paróquia, pois muitos políticos, empresários e pessoas influentes da sociedade pernambucana o admiram²⁷. Ao completar 30 anos de pastorado e 25 anos de Igreja Anglicana no Recife, os

²⁷ Vejamos como algumas dessas pessoas se referem ao Pastor Paulo Garcia: “O Bom Garcia” – Fernando Antônio Gonçalves (professor universitário e pesquisador social); “Apóstolo da Fé” – Marco Maciel; “Guia Espiritual” – Jarbas Vasconcelos; “Cidadão do Mundo” – Mendonça Filho (Vice-Governador de Pernambuco); “Pastor de Almas” – Roberto Magalhães; “Pregador Fiel” – Éfrem de Aguiar Maranhão;

paroquianos de sua Igreja tiveram a iniciativa de registrar num livro os principais fatos da vida do líder Garcia, além de dedicarem algumas palavras de homenagem em função desta data.

A

Idéia do Livro

“Este livro é iniciativa de paroquianos da Igreja da Santíssima Trindade, Catedral da Diocese Episcopal Anglicana no Recife. Eles quiseram registrar nestas páginas os principais fatos que culminaram neste momento único da caminhada cristã do seu Deão Paulo Ruiz Garcia.

Não caberiam aqui todos os nomes dos seguidores espontâneos da idéia, que jamais se concretizaria sem o notável espírito de doação de cada um deles. A eventual renda financeira resultante desta publicação será aplicada nas obras sociais da Catedral.” (Garcia, 2000: 03)

A partir de 1979, o Pr. Paulo Garcia fundou as seguintes paróquias anglicanas: do Bom Samaritano (Boa Viagem), da Ressurreição (João Pessoa), São Paulo (Alto do Eucalipto), da Reconciliação (Caruaru), Betânia (Cordeiro), do Espírito Santo (Jaboatão dos Guararapes), e as Missões do Amor Cristão (Maceió), do Mediador (Tejipió), do Calvário (Janga), do Bom Pastor (Águas Belas), Jardim das Oliveiras (Setúbal), e das Bem Aventuranças (Timbaúba). Em 1983, construiu a Paróquia do Redentor (Brasilit – Recife)

“Escolhido de Deus” – Joaquim Francisco; “Mensageiro da Salvação” – Carlos Alberto Gueiros (Vereador do Recife); “Amigo Abençoado” – (Pelé e Assíria Nascimento); “Colunável pelo Bem” – João Alberto Sobral (Jornalista).

e, em 1984, intermediou a compra do terreno onde está localizada a Paróquia Emanuel (Olinda).²⁸

Com relação à Paróquia do Bom Samaritano em Boa Viagem, pelo que pude perceber, a partir das duas entrevistas que realizei, com o Pr. Miguel Uchôa e a Pastora Ana Lima²⁹, ambos foram integrantes iniciais desta igreja; visto que estavam envolvidos com o movimento carismático de jovens do anglicanismo, desde o ano de 1979. Cada um com um percurso diferente antes de se encontrarem, mas que tiveram em comum a participação neste grupo e a influência do Pr. Paulo Garcia em suas vidas cristãs.

A pastora Ana Lima antes de fazer parte da Igreja Anglicana considerava-se católica romana pouco praticante, mas a convite da sua mãe, que já freqüentava a Igreja, resolveu fazer o primeiro Encontro de Jovens com Cristo, organizado pela liderança de Paulo Garcia, em 1979. Ao acabar o encontro, formaram-se grupos (círculos). Nesta época, ela residia no bairro das Graças, que era bem perto da Carneiro Vilela, passando então a freqüentar essa Igreja. Posteriormente, houve outros encontros de jovens e foram se formando mais círculos. Um deles começou em Boa Viagem, só que este grupo cresceu tanto, que terminou formando uma igreja neste bairro, que é a atual Igreja do Bom Samaritano³⁰. O crescimento deste grupo parece ter chamado a atenção dos jovens de outros bairros, o que conseqüentemente atraiu mais jovens e Ana Lima, que na época contava com 17/18 anos, foi uma dessas pessoas que se encantou com o grupo.

²⁸ Ao romper com a Igreja Anglicana, nem todas essas paróquias seguiram o Pr. Garcia, pois muitas preferiram continuar na doutrina anglicana. Porém, ao se vincular com a Igreja Episcopal Carismática, o líder Garcia continua a fundar novas igrejas, só que agora carismáticas.

²⁹ Ana Lima, atualmente, é coordenadora do Curso de Letras do CAC – UFPE. Esta entrevista foi realizada na coordenação do curso (na UFPE), no dia 19 de fevereiro de 2004. Ela não faz mais parte da Igreja Anglicana; é filiada à Igreja Comunidade da Graça, e o seu marido, que ela conheceu neste grupo de Boa Viagem, é pastor desta igreja.

³⁰ Apesar desse nome, o grupo de Ana Lima se referia a ela assim: “a igreja de Boa Viagem”.

Quanto às características desse grupo, inicialmente, não havia a liderança de um pastor. Era formado apenas por jovens solteiros, que eram bem unidos e compartilhavam dos seus problemas pessoais. Eles faziam um trabalho de conquista de jovens que estavam perdidos (envolvidos com drogas), trabalhos comunitários, como na Pracinha de Boa Viagem, por exemplo. O contato com o Espírito Santo e o louvor emocionado de seus membros se diferenciava da liturgia e cantos mais tradicionais da Carneiro Vilela. Nas palavras de Ana Lima:

“Esse grupo era muito diferente da formalidade do Espinheiro. Nesta época, não existia nem o terreno da igreja, a gente se reunia numa salinha, num primeiro andar, que era um escritório alugado. As músicas eram bem diferentes do hinário do Espinheiro. O grupo levava seus próprios instrumentos musicais e começavam a compor músicas, pegando a letra da Bíblia. Só que este grupo começou a incomodar muito a Tradição Anglicana, porque era um grupo atípico: não tinha um pastor e era formado por ‘ex-drogados’ e ‘ex-viciados’. Mas que se vestiam e utilizavam uma linguagem bem livre. Mas, a gente tinha o apoio do bispo da época, que era D. Sherrill: pessoa maravilhosa e que deu muita força ao crescimento do grupo. Paulo Garcia ficava muito omissa com relação a isso, mas tinha um relacionamento muito bom com todos do grupo e nunca quis parar ou impedir o trabalho do grupo. Este grupo cresceu tanto que a igreja (Espinheiro) resolveu comprar um terreno e construir uma igreja. Eles ergueram quatro paredes e a gente entrou. A gente se reunia no sábado à noite. Fora isso, não havia cultos.”



Foto 7 – “Atual Paróquia do Bom Samaritano”

A minha interlocutora acredita que o crescimento desse grupo e sua característica de independência e “avivamento” deve ter incomodado alguns líderes da tradição anglicana, pois, segundo ela:

“O grupo cresceu assim, assustadoramente. Eu acho que, de certa maneira, isso assustou a cúpula da igreja. Até que eles mandaram pra cá um pastor, pra ser o nosso pastor. Aí veio o pastor Júlio Pedro com toda a sua família, veio do Rio Grande do Sul. E era um pastor extremamente tradicional, que ficou pouco mais de um ano com a gente. E foi muito difícil é... eu acho que nós éramos rebeldes, porque a gente passou muito tempo sem pastor. Então, era difícil ter, de repente, um pastor e se submeter a essa autoridade, quando essa autoridade era muito tradicional. Pra você ter uma idéia: Júlio Pedro e a esposa sequer beijavam a gente pra cumprimentar, eles apertavam a mão, porque não tinham esse costume de beijar e abraçar. E nós éramos um grupo que todos se abraçavam e se beijavam muito, sem nenhum problema.”

Quando o Pr. Júlio Pedro se desligou da Paróquia do Bom Samaritano, houve uma mudança de bispo: o Bispo Sherrill cedeu lugar a Dom Clovis Erly Rodrigues, que era bem mais tradicional que o anterior. Ele tentou impor mais os dogmas e as doutrinas da Igreja Anglicana, o que gerou uma reação, principalmente da liderança. Talvez esse fato tenha sido, dentre outros, o motivo de um dos líderes deixar a Igreja Anglicana. O grupo se dividiu, mas a maioria foi com o líder. Não havia mais o grupo de antigamente. O Pr. Miguel Uchôa foi um dos que conseguiu ficar e continuar o trabalho, fundando assim, juntamente com o Pr. Paulo Garcia a Paróquia Anglicana do Espírito Santo em Piedade, em agosto de 1996. Com relação à mudança do bispo, Ana Lima assim comentou:

“O Bispo Sherrill achava tudo um barato, tudo que a gente fazia lá em Boa Viagem, ele achava ótimo, ria com a gente, e Bispo Clovis não, já quis limitar um pouco certas coisas que ele achava que eram exageradas: já quis colocar uma maneira de cultuar mais tradicional, menos as músicas da gente e mais as músicas dos hinários; menos manifestações do Espírito, o controle maior disso, mas eu imagino que o relacionamento era mais tenso com o Pr. Paulo Garcia, por conta da visão mesmo do Bispo Clovis, mas nunca soube de nenhum problema interno. Se houve, não passaram isso pro povo.”

Tanto essa conversa que tive com Ana Lima como a que apresentarei com o Pr. Miguel Uchôa, foram importantes na medida em que esclareceram a influência do Pr. Paulo Garcia em movimentos mais “avivados”, com uma forte experiência com o Espírito Santo, sendo o líder Garcia idealizador do primeiro Encontro de Jovens da Catedral Anglicana do Recife, que instigou a formação de um grupo carismático, com características mais independentes da Tradição Anglicana. Tais declarações nos ajudam a compreender, ainda mais, a habilidade do Pr. Garcia em se relacionar com as tendências, que, desde essa época,

se afastavam do *ethos* anglicano, em defesa da demanda dos fiéis por “emoções mais fortes com Deus”. Atualmente, Ana Lima não faz parte da Igreja Anglicana, pois ela está vinculada à Igreja Comunidade da Graça. Contudo, a partir do seu depoimento, ela parece ser a favor do posicionamento de Paulo Garcia:

“Eu acho que Paulo Garcia é uma figura muito importante nesses encontros, porque ele é um paizão. Então, ele é aquela figura que recebe todo mundo e as pessoas se sentem muito à vontade com ele, se sentem muito amadas. Eu acho que ele é importantíssimo, é uma figura importantíssima nesse processo. Eu acho que ninguém consegue fazer o trabalho que ele faz: de atrair, de congregar as pessoas... Ele tem esse dom de congregar, de manter junto, de trazer pra perto de si, ele tem esse dom. Mas eu acho que, de repente, ele perdeu o controle sobre isso, porque era gente demais. É fácil você fazer isso, quando você tem 50/100 pessoas, mas depois que chega a mil, por exemplo; aí você já começa a não saber o nome das pessoas, não saber de quem se trata.”

Com relação à entrevista com o Pr. Miguel Uchôa³¹, este também foi atraído para a Igreja Anglicana a partir de sua mãe (que na época era da Assembléia de Deus), que escutava um programa na rádio, cuja palavra era dada pelo Pr. Paulo Garcia. Segundo suas informações, ao ouvir o programa, sua mãe foi atraída pelo sermão do líder Garcia. As primeiras aproximações deste pastor com o anglicanismo se deram a partir da Igreja de Boa Viagem, o mesmo grupo que Ana Lima participava. Com a mudança do Bispo, ele se vinculou, juntamente com outros jovens, à Igreja Anglicana do Espinheiro, chegando a ser ordenado o “pastor da juventude” e coadjutor de Paulo Garcia, ficando nesta função por 5

³¹ É importante ressaltar que a primeira reunião para decidir a construção da Igreja de Boa Viagem foi à sala da sua casa.

anos, como se fosse uma continuação do trabalho que era realizado no grupo de Boa Viagem.

Ao se desvincular da Catedral Anglicana do Espinheiro, o Pr. Miguel e mais um grupo de 30 a 40 pessoas, com o apoio do Pr. Paulo Garcia, fundaram, em agosto de 1996, a Paróquia Anglicana do Espírito Santo, em Jaboatão dos Guararapes na Avenida Bernardo Vieira de Melo. Nas palavras do Pr. Miguel Uchôa:

“Em agosto de 1996, montamos essa igreja de Piedade, saíram algumas pessoas de lá, cerca de 30/40. De lá pra cá, eu sou o reitor dessa paróquia, mas a minha experiência com a Igreja Anglicana se confunde com o movimento carismático. A minha experiência de conversão foi, na realidade, carismática. Meu envolvimento sempre foi com o movimento carismático: evangélico carismático. Evangélico, porque a base é da igreja evangélica, mas a pneumatologia é carismática. Sempre estive vinculado ao movimento carismático. Sou hoje, o representante no Brasil do movimento carismático na Igreja Anglicana.”

Juntamente com o Pr. Paulo Garcia, o Pr. Miguel fundou o Seminário de Vida no Espírito Santo, que tem por finalidade apresentar ao membro recém-chegado na igreja o movimento carismático, além de prepará-lo espiritualmente. Este movimento foi criado na Igreja Católica Romana, mas foi adaptado ao anglicanismo. Mesmo com toda a sua identificação com o movimento carismático, ele se negou ser mais antigo do que o Pr. Paulo Garcia. Como ele próprio confirmou:

“Eu conheci a Cristo muito depois de Paulo Garcia. Quando eu conheci a Cristo, Paulo Garcia, provavelmente, já tinha tido a sua experiência carismática. A questão é que o meu envolvimento com o movimento carismático foi mais de imersão. Eu me envolvi completamente com o movimento carismático na paróquia dele

mesmo; eu era o Pr. Auxiliar dele, mas eu trabalhava... eu era responsável pelo Seminário de Vida no Espírito Santo, que é quem trabalha com o movimento carismático. Então, nós trouxemos o primeiro Seminário de Vida, mas a essa altura ele já era conhecido no movimento carismático, porque as organizações carismáticas, especialmente o SOMA³² tinha uma ligação com ele já. Eu conheci esse pessoal através dele. Agora, eu me aprofundei, a verdade é essa, eu continuei, eu imergi nisso aí, passei a me relacionar com esse pessoal internacional, de uma maneira muito intensa.”

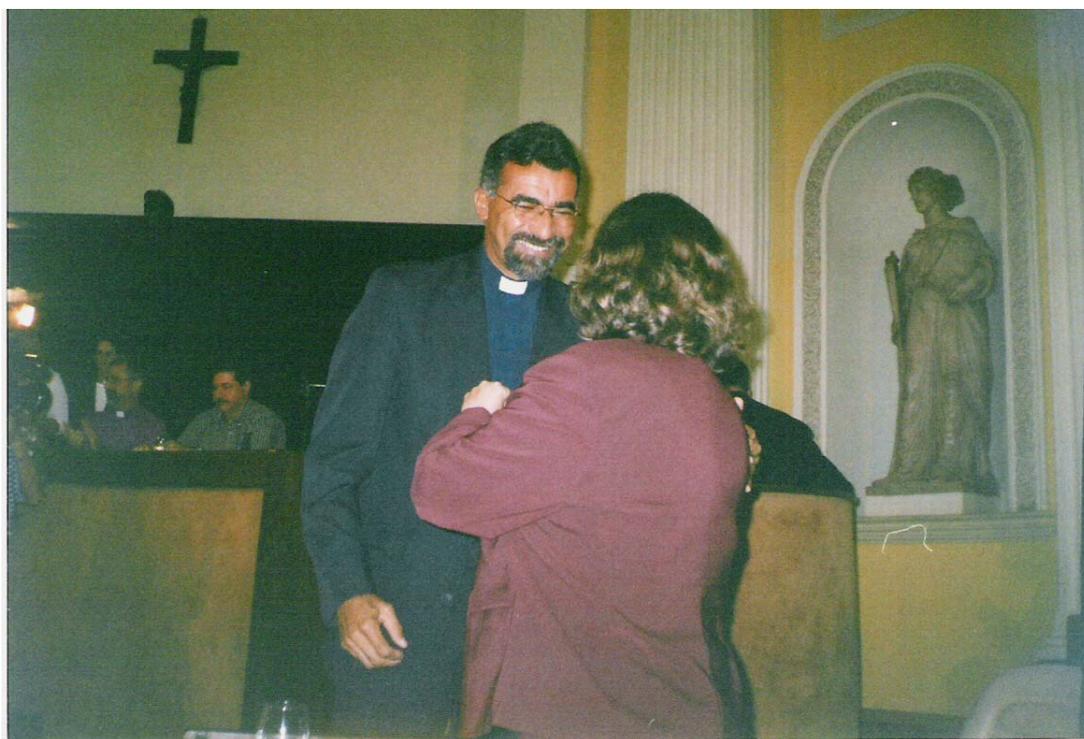


Foto 8 – “165 anos do Anglicanismo no Brasil”

³² SOMA (Sharing of Ministries Abroad) é um ministério que promove missões de curta duração e é muito importante, especialmente na área de divulgação da visão carismática em todo o mundo, sendo uma entidade legitimamente anglicana. (Aquino, 2000: 18)

O Pr. Miguel Uchôa foi homenageado na Cerimônia de 165 anos de Fundação da Igreja Episcopal Anglicana no Brasil, na Assembléia Legislativa do Recife, em 2003.

Isso significa que o Pr. Paulo Garcia parece ter mais o mérito de ser um dos primeiros, a criar, a inovar, a trazer algumas mudanças ao Anglicanismo no Nordeste e ter o cuidado de saber escolher uma equipe que poderia continuar o movimento, uma equipe preparada. Assim concluiu o Pr. Miguel Uchôa:

“Paulo Garcia é o ‘culpado’ da expansão do anglicanismo no Nordeste e isso sempre destoou das outras Igrejas Anglicanas do Brasil.”

É importante mencionar que o Pr. Miguel Uchôa continua fazendo parte da Comunhão Anglicana, na Paróquia do Espírito Santo, em Piedade. Com relação ao cisma, assim ele se posicionou:

“Esse fato do cisma em Recife... Eu queria, na minha opinião, desvincular um pouco desta questão da homossexualidade. Por que? Porque na época em que houve o cisma, não havia, ainda, tomado nenhuma providência da Comunhão Anglicana quanto à normalidade da homossexualidade. Essa foi à bandeira mestra de Paulo Garcia, da saída dele. Quando houve a eleição, para o Arcebispo de Cantuária, John Williams, que é um anglicano de tendência liberal, ele foi, naturalmente, ele foi buscar na sua história, declarações, onde ele tinha uma flexibilidade muito grande com relação à homossexualidade. Ele foi considerado pelo ‘Movimento Gay’ como traidor, porque esse movimento achava que ele ia tomar as rédeas da coisa e ser um ativista, mas não, ele é um liberal moderado, que ele disse: a minha posição é a posição da Igreja, não sou eu quem vou ditar.”

Apesar de todo crescimento e difusão das idéias anglicanas no Nordeste, em setembro de 2002, o Pr. Paulo Garcia declarou, oficialmente, a sua ruptura da Igreja Episcopal Anglicana. Só que, antes da sua declaração, em alguns domingos anteriores, o líder Garcia já demonstrava um certo clima de desconforto com relação a Dom Robinson Cavalcanti (atual Bispo Regional da Igreja Anglicana). Tal clima se originou a partir de uma matéria publicada no Diário de Pernambuco em 28 de julho de 2002 (domingo), cuja manchete era “*Liberal vai dirigir a Igreja Anglicana*”. Essa notícia abalou os rumores da Catedral Anglicana da Carneiro Vilela, visto que neste mesmo dia o Pr. Paulo declarou em culto que não era a favor de tal postura do clero anglicano, chegando a mencionar que se tratava de comportamentos antibíblicos como a ordenação de sacerdotes homossexuais por exemplo, e que sua igreja não apóia essa proposta. A maioria dos fiéis o aplaudiu de pé, demonstrando fidelidade ao seu pastor.

A matéria do Diário de Pernambuco dizia que o primeiro-ministro Tony Blair, confirmou esta semana a escolha do novo Arcebispo de Canterbury, Rowan Williams; este passaria a ser o novo líder da Igreja Anglicana, substituindo George Carey. Além de ser a primeira vez que um arcebispo de fora da Inglaterra é nomeado para o cargo, este apresentava posturas mais liberais, pois é favorável à ordenação de sacerdotes homossexuais e ao casamento de divorciados no religioso, o que estava abrindo as portas para uma futura união entre o príncipe Charles e sua amante, Camila Parcker-Bowles, bem como a aceitação dos dois no trono da Grã-Bretanha.

Williams não é polêmico apenas pela sua postura mais liberal, mas por opinar a respeito de temas mundiais, como a guerra para afastar Saddam Hussein do governo. Ele se coloca contra a guerra, que na sua opinião seria “imoral e ilegal”.

Quase na mesma época, começa a circular entre o clero um livro organizado pelo Rev. Jorge Aquino e a Comissão Diocesana de Liturgia da Diocese Anglicana do Recife, com o apoio de Dom Robinson. O livro, intitulado: *Ritos Ocasioneis*, tem por objetivo apresentar a todo o clero do anglicanismo, inclusive aos ministros leigos, uma relação de vários ritos para serem vividos em períodos apropriados pela Igreja. Entre esses ritos, estão o Rito do Divórcio e a Bênção de Animais. Ora, se o clima na Carneiro Vilela já se encontrava tenso, a circulação desse livro só fez piorar ainda mais os rumores entre o Bispo e o Deão da Catedral Anglicana. Além de apresentar uma grande lista de ritos, o livro parece expressar uma preocupação da Diocese em se mostrar litúrgica e ligada aos cânones tradicionais do anglicanismo (Via Média, inclusividade e *compreensividade*), chegando a ressaltar a importância do LOC.

O prefácio do referido livro foi elaborado por Dom Robinson Cavalcanti, que diz o seguinte:

“Os ritos que integram esta coletânea são oficialmente autorizados para uso da Diocese Anglicana do Recife, e colocados à disposição de toda Província.

Devemos agradecer ao trabalho da Comissão Diocesana de Liturgia, e, em particular, ao denodado e meticoloso trabalho do seu organizador, Rev. Jorge Aquino, OSE, a quem devemos público e justo reconhecimento.

Temos afirmado que o desafio maior para a nossa Diocese é de caráter educativo, visando à construção de uma sadia identidade e vivência anglicana entre nós. Uma das marcas do anglicanismo é o seu caráter litúrgico, solene, profundo, reverente, histórico, e, ao mesmo tempo, atualizável e inculturável.

Que o nosso clero e Ministros Leigos façam o melhor uso dessa coletânea, nas diversas e apropriadas ocasiões, para a edificação do Povo de Deus e amadurecimento da Igreja.”

Através deste prefácio elaborado pelo bispo, percebi um cuidado e uma certa preocupação para com a liturgia da Igreja Anglicana. Pois, a partir do momento em que os líderes religiosos tiverem contato com esse material, será preciso que dele façam bom uso, ou seja, que não se distanciem do verdadeiro *ethos* anglicano. O bispo parece demonstrar um “aviso” ou uma “chamada” para os mais **personalistas**, os que mais se distanciam da liturgia anglicana, da sua história. Fato é que um mês após a publicação deste, no dia 20 de setembro, Paulo Garcia declarava sua desvinculação com a Comunhão Anglicana.

Além do prefácio do livro, a apresentação do Rev. Aquino reforça, ainda mais, os cuidados de se manter na tradição litúrgica do anglicanismo. Percebi como um confronto em relação às atitudes personalistas de Paulo Garcia. É como se fossem duas forças se opondo: unção, cura, fervor emocional, igreja lotada e carisma se contrapondo a razão, liturgia, LOC, tradição e história. É fundamental que o leitor compreenda que, a partir das minhas análises, não tenho a intenção de realizar uma análise rígida, ou seja, mostrar que todo aquele que se identificou com o movimento carismático de Paulo Garcia tenha exatamente as mesmas características religiosas e que o grupo de anglicanos seja fundamentalmente racional. De forma alguma, acredito que as tensões e a polifonia continuem. Pois, a realidade empírica é muito efervescente, movimentada e tênue. Quando abordamos o campo religioso brasileiro, as observações não podem ser colocadas de maneira simplista e reducionista, com categorias bem definidas. Acredito que seria uma observação descuidada e muito apressada da minha parte. Até porque não podemos nos

esquecer do *ethos* da Igreja Anglicana já tão mencionado neste trabalho, onde a **Via Média** se encontra muito bem estruturada desde a época da rainha Elizabeth – “o ser católico e protestante ao mesmo tempo”.

Numa entrevista realizada pela Revista *Eclésia*, em 25 de outubro de 2002, o Deão Garcia mencionou a sua relação tensa com o bispo Dom Robinson, esclareceu o motivo de seu rompimento com a Província Anglicana, acusou o anglicanismo de falta de disciplina e ressaltou a sua influência no crescimento do anglicanismo no Nordeste.

Neste ponto, o leitor poderia se questionar: “Como Paulo Garcia pode acusar a Igreja Anglicana de falta de disciplina, se ele mesmo foi quem iniciou a abolição de alguns costumes como o uso do LOC por exemplo?” Ao mencionar a falta de disciplina, ele critica a característica de inclusividade da Igreja, ou seja, como se esta fosse capaz de “aceitar tudo”. Outro fator importante é o fato dele se colocar como responsável da expansão do anglicanismo no Nordeste, o que confirma o seu caráter personalista.

Após a desvinculação de Paulo Garcia da Igreja Anglicana, dois novos fatos surgiram no drama do cisma: a briga pelo templo da Carneiro Vilela e a vinculação do Pr. Paulo à Igreja Episcopal Carismática, na qual ele foi sagrado o primeiro Bispo do Brasil.

Muitos jornais noticiaram “*Catedral é disputada na Justiça*”³³. De um lado, a comunidade liderada pelo Pastor Paulo Garcia. Do outro, a Diocese local da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB), liderada por Dom Robinson Cavalcanti. Ambos os grupos contrataram advogados especializados no caso para argumentar a posse do maior santuário anglicano da América Latina. O grupo dos carismáticos diz que tem direito à posse do templo, pois, desde 1999, a igreja deixou de ser nomeada *Holy Trinity Church*

³³ Diário de Pernambuco – Recife, domingo, 27 de outubro de 2002.

para Igreja da Santíssima Trindade. Além disso, todas as reformas realizadas no templo foram custeadas por membros da igreja, sendo independente, financeiramente, da Diocese. Os anglicanos falam que o motivo alegado por Paulo Garcia para romper com a Igreja Anglicana foi, apenas, um pretexto, pois assim se defende Dom Robinson:

“Os argumentos doutrinários para o cisma da comunidade da Santíssima Trindade, segundo lideranças da Igreja Anglicana, foram apenas pretextos. Antes da separação existiam três elementos que tensionavam a relação do pastor com a diocese: o convite para ele ingressar na Igreja Episcopal Carismática, a proximidade do Pr. Paulo se aposentar e as dificuldades que tinha em seguir as regras da religião.”



Foto 9 – “Ex-Catedral Anglicana disputada na Justiça”

O Pr. Paulo teve a legitimação dessa sua atitude através do apoio de todos os membros que aderiram à Igreja Episcopal Carismática e mesmo que algumas pessoas desse grupo não concordem com a sua posição de continuar no Templo Inglês, parece que o carisma e o espírito de liderança dele foram mais importantes em suas decisões, assim comentou um dos meus interlocutores:

“Eu conheço um médico aposentado que disse: eu estou na Igreja de Paulo Garcia, eu sei que ele errou, eu sei que ele fez muita coisa errada, mas foi ele quem me conduziu a Deus.”

A partir desse depoimento é possível percebermos quão forte é o carisma e a liderança do pastor Paulo, sua capacidade de atrair os membros para o seu lado; mesmo que alguns desses não concordem com algumas de suas atitudes.

O templo que está sendo disputado na justiça é o mesmo que o Pr. Paulo Garcia transformou na Igreja Episcopal Carismática. Assim noticia um dos principais jornais de circulação do Estado de Pernambuco³⁴: *“Evangélicos fundam Igreja Carismática em Pernambuco”*. Para Dom Robinson Cavalcanti, o que mais chocou a comunidade anglicana não foi à saída de Paulo Garcia, mas a forma como ele saiu, pois ele chega a compará-lo com outros líderes carismáticos: como Edir Macedo da Igreja Universal e R. R. Soares da Igreja Internacional da Graça de Deus; a diferença é que esses últimos ao optar por outras igrejas, deixaram os templos com as igrejas onde começaram a atuar.

Após a saída do Pr. Garcia do anglicanismo, aos poucos, na cidade do Recife já era possível percebermos algumas placas indicativas da nova denominação; só foi trocar

³⁴ Jornal do Comércio. Recife, 10 de novembro de 2002 – Domingo.

“episcopal anglicana” por “episcopal carismática”. Nas principais ruas e avenidas das imediações da igreja, visualizávamos as placas.



Foto 10 – “Sinalização da Igreja Carismática”

Um ano após a sua decisão de se desvincular da Igreja Anglicana, o Pr. Paulo começou a divulgar pela cidade a sagração de bispo da Igreja Episcopal Carismática, sob o título “Dom Paulo Garcia”:



Foto 11 – “Convite para a Sagração de Bispo”

Toda a comunidade de ex-anglicanos (os carismáticos) começou a se preparar para a sua sagração. Suas vestes de bispo foram feitas por um grupo da igreja, que tem verdadeira admiração e amizade pelo líder Garcia. Todos se preparavam para o grande dia; houve até um ensaio no Teatro Guararapes com vários membros da igreja: cantos, coreografia e cerimonial para que tudo saísse de maneira impecável. O evento aconteceu no dia 08 de setembro de 2003, às 20h no Teatro Guararapes, Centro de Convenções – Olinda. O teatro estava repleto de fiéis, inclusive pastores de outros estados brasileiros, políticos e pessoas influentes da sociedade pernambucana. As pessoas pareciam ter colocado suas melhores roupas para prestigiar Paulo Garcia. Foi possível perceber o ar de contentamento e orgulho

dos fiéis em ter “seu pastor como o primeiro bispo brasileiro da Igreja Episcopal Carismática”.

Após uma longa e tradicional cerimônia com vários pastores que vieram dos Estados Unidos, exclusivamente para este fim, o Pr. Paulo foi sendo cumprimentado por várias pessoas, foi nesse momento, com muito sacrifício e insistência que consegui tirar uma fotografia.



Foto 12 – “Dom Paulo Garcia”

Segundo o Pr. Garcia, numa entrevista dada à TV Globo no dia da sua sagração, ele pretende unir a tradição histórica protestante da Igreja Episcopal Carismática ao

reavivamento do Espírito Santo. Ele também falou que pretendia abrir uma igreja carismática por mês³⁵. Ao demonstrar esse desejo de se expandir cada vez mais e agregar um maior número de fiéis na Igreja Episcopal Carismática, Paulo Garcia é inserido num contexto sócio-religioso brasileiro, que se revela a partir do momento que igrejas históricas passam a aderir formas mais “avivadas” e efervescentes, ou seja, participar de um culto passa a ser muito mais que cumprir com os deveres de ser um cristão. Ir à igreja passa a perpetuar como um desejo que foi escolhido, um desejo de pertencer, de participar, de comungar com a comunidade a presença do Espírito Santo e essa presença é vivida em clima de festa, descontração e trocas de carinhos entre os irmãos. Tais características de “avivamento” se inserem no mercado religioso e competitivo como estratégias de inserção diante da quantidade de igrejas que a cada dia atrai um maior número de fiéis. Como revela Ramalho (1994):

“Coloca-se um desafio às igrejas históricas, forçadas a repensarem outra fundamentação teológica para a sua doutrina. Desde a sua origem, os protestantes sempre foram absolutamente cristocêntricos: Cristo, a salvação, a única esperança, a vida. Cristo centraliza tudo. A Igreja Católica, na eucaristia e no sacramento, também engloba todos esses elementos. Os pentecostais vão dar ênfase ao Espírito Santo. O elemento fundamental é o batismo no Espírito Santo. Não basta a conversão, como para os protestantes históricos. Não basta pertencer à Igreja Católica, apenas por ser ela um sacramento de salvação. É necessário, além disso, ser batizado no Espírito Santo, colocar ênfase no Espírito Santo”. [Grifo meu]. (Ramalho, 1994: 52)

³⁵ Em janeiro de 2004, foi inaugurado o “Episco-Porto”. Este fica localizado na praia de Porto de Galinhas e tem por finalidade atender aos membros da Catedral Episcopal Carismática que veraneiam nesta região.

Capítulo 04

Fogo, Espírito Santo, Unção, Cura e Emoção: de Igreja Episcopal Anglicana à Igreja Episcopal Carismática



CAPÍTULO 4

Fogo, Espírito Santo, Unção Cura e Emoção: de Igreja Episcopal Anglicana à Igreja Episcopal Carismática

Este capítulo abordará, primeiramente, as minhas observações no campo de estudos; observações essas que fomentaram os meus projetos de pesquisa inicial e que me chamaram atenção para uma pluralidade de interpretações no interior do Templo da Carneiro Vilela, o que, num momento posterior, possibilitou a divisão da Comunidade Anglicana em duas e, conseqüentemente, do meu campo etnográfico também em dois: um grupo que se manteve na liturgia anglicana, ficando do lado do Bispo Regional Dom Robinson Cavalcanti, e o grupo que preferiu aderir aos posicionamentos do Pr. Paulo Garcia. Sendo assim, tento apresentar para o leitor um relato das minhas observações, que tiveram início em setembro de 2001 e se estenderam até outubro de 2003.

O percurso dessa minha caminhada incluirá alguns testemunhos de figuras centrais neste drama cismático, tais como: pastores, líderes atuantes na Igreja, a imprensa e os fiéis. Meu estudo contemplará de forma comparativa, ambos os grupos, incluindo os argumentos de cada um, um perfil sócio-religioso dos fiéis, além da opinião de cada um deles com relação ao grupo “adversário”. As minhas observações se apoiarão nos autores que se interessaram por mercado religioso, cisma, crescimento de fiéis no neopentecostalismo, pela mudança do *ethos* tradicional de algumas denominações históricas, a diminuição significativa de membros nas Igrejas Católicas Romanas, pelo “retorno” do sagrado, enfim,

temas que muitos antropólogos e sociólogos brasileiros já vêm estudando na atual arena sócio-religiosa brasileira.

É importante deixar claro que meu trabalho não tem pretensão nenhuma de ser um estudo generalizador, visto que as características e perfis que aqui estarão apresentados não se referem a todos os integrantes das duas igrejas: episcopais anglicanos e episcopais carismáticos. Minhas conclusões serão, portanto, limitadas ao universo pesquisado, ou seja, ao grupo de interlocutores que tive acesso.

4.1 Minhas Primeiras impressões etnográficas e o *Catch the Fire*

Uma das características que sempre me chamou atenção na Igreja Anglicana, desde a Carneiro Vilela, foi o envolvimento afetivo da comunidade: abraços, beijos, troca de favores, cumplicidade, forte participação no trabalho em equipe e o acolhimento dos que estão entrando pela primeira vez³⁶. Não é à toa que, muito antes do cisma acontecer, já se escutava frases do tipo *essa igreja tem um grande carisma*. Sem contar com a liderança do Pr. Paulo Garcia: este é conhecido como o homem que sempre teve o discurso adequado para cada situação da vida. Sua oratória é muito envolvente e, como alguns dos meus interlocutores já mencionaram: *muitos se converteram através da Igreja de Paulo Garcia*.

Uma das minhas interlocutoras assim se referiu à Igreja:

³⁶ Com relação aos visitantes, o pastor, geralmente solicita que eles se identifiquem ficando em pé; o que possibilita aos membros mais antigos desejarem as boas vindas. Além disso, uma música é tocada, que diz mais ou menos assim: *“amigo, a alegria é ter você aqui / Nos dá sempre vontade de cantar e de viver / Cristo quer lhe oferecer a alegria de viver, aceite o seu amigo e ele será... / Queremos que você volte outra vez e novamente te diremos que foi bom conhecer você... Foi bom, foi bom conhecer você... Foi bom, foi bom ...”*

“Eu encontrei na Igreja Episcopal amor, muito amor. Coisa que eu não tinha nem na minha família, nem tampouco na igreja onde eu estava (Assembléia de Deus). E até hoje eu estou sendo feliz... Hoje, eu tenho uma família.”

A alegria nos cultos, o fervor emocional dos louvores, a igreja sempre cheia nos três horários de culto, principalmente no culto das 17h do domingo, este conhecido como o “culto dos jovens”. Sem contar com a grande quantidade de freqüentadores, seja de jovens e adultos, que faziam parte de outras denominações religiosas, mas que não deixavam de compartilhar dessa realidade. É possível encontrarmos ex-católicos romanos, ex-presbiterianos, ex-batistas, ex-pentecostais, ex-messiânicos e até ex-espíritas que optaram pela Igreja da Carneiro Vilela. Também a grande quantidade de eventos (Cursilhos da Cristandade, Encontro de Casais com Cristo, Encontros de Jovens, Seminários de Vida no Espírito Santo, Acampamento Juvenil, dentre outros.) aglutinam muitos fiéis e passam, muitas vezes, a serem verdadeiros “divisores de água” na vida do membro convertido. Vejamos como uma das minhas interlocutoras se expressou após o vínculo com a Igreja Episcopal Carismática (após o cisma):

“Eu sou uma pessoa que vivi 20 anos dentro da macumba. Eu vou contar só um pedacinho assim da minha vida. Eu passei 20 anos servindo ao diabo. Eu sou uma pessoa comerciante, eu tinha 3 restaurantes, tinha apartamento, tinha carro, tinha muitas coisas. Muitos, muitos bens. Mas o importante é que eu não tinha Deus, que eu sabia que existia Deus. Eu não sabia o poder desse Deus. Então, eu ia na macumba, não era pra fazer mal às pessoas; simplesmente pra crescer, pra ficar rica, certo? Veja a ignorância, né? Mas Deus me perdoou por isso. E hoje, eu vivo, praticamente, assim... no fundo do poço. Tu imaginas uma pessoa que tinha tudo e hoje não tem mais nada, só 2 sacolas de roupas... Eu sei que a vitória vem aí. Minha vida era assim: uma vida de louca, louca. Eu me acordava de manhã cheia de palavrões, eu adorava chamar palavrões. Hoje, eu não

chamo um palavrão. Vê como Deus... Deus me fez um 'vaso novo'. Deus me fez assim: você quando pega uma galinha e vai tratar, você abre tira tudo de dentro e joga fora aquelas coisas que não prestam. Assim mesmo Deus fez comigo, tudo que não presta ele botou a mão e tirou tudo. E me fez uma nova criatura."³⁷

Outro falou assim:

"Muita coisa mudou, principalmente na minha visão de ver a igreja. Eu não via a igreja como uma coisa necessária pra minha vida. Então, o Encontro de Casais e o Cursilho logo depois, me fizeram ver que eu precisava de Cristo mais do que eu imaginava que precisava. Eu tinha relutado em fazer Encontro de Casais, porque eu achava que não havia necessidade, que a gente não precisa disso e, depois que eu fiz é que vi o quanto a gente precisava, não é?, de Jesus na nossa vida. E mais importante foi depois pra enfrentar algumas barras, dificuldades tremendas no casamento e, pude enfrentar junto com Jesus. Eu vi o quanto ele foi consolador na minha vida. Não tenha dúvida que a igreja teve uma grande importância. Eu era Católico Romano, minha família é toda católica romana. Mas, eu era um católico nominal, um católico que comungava na Páscoa, comungava no Natal, ia pra um casamento, batizado, uma coisa assim... Era um católico social, de festa. E não um católico daqueles freqüentadores. Eu não tinha lido a bíblia ainda, não tinha nenhum contato com a bíblia e, a igreja... A partir do momento que entrei na Igreja Anglicana, toda essa, esse cerco religioso veio à tona e essa necessidade de buscar Jesus, foi realmente, foi a maior importância pra minha vida. Então, 1986 foi um marco na minha vida, um 'divisor de águas'."

Os discursos apresentados pelos meus interlocutores são muito semelhantes aos percursos dos fiéis da Renovação Carismática Católica e aos dos neopentecostais. A vinculação a uma determinada Igreja passa a ser vista como um momento de salvação, de transformação na vida do converso. É como se fosse um renascimento: a vida passa a ter

³⁷ Esta pessoa começou a freqüentar a Igreja Episcopal Carismática após participar das palestras do Pr. Silas Malafaia na Igreja Carismática, em fevereiro de 2003.

sentido de uma maneira totalmente diferente dos valores anteriores. A mudança de postura e o comprometimento com a comunidade religiosa também ficam claros. Vejamos o exemplo deste membro do Movimento de Renovação Carismática Católica:

“Primeiramente assim foi... aconteceu uma tragédia lá na minha família. Eu vi a morte da minha tia. Ela morreu nos meus braços bem dizer. E... eu vivia muito uma vida devassa, eram farras e mais farras. Uma pessoa com 19 anos já conhecia o mundo. O mundo assim, não o daqui da cidade, mas onde eu morava, eu conhecia todos os barzinhos, todas as discotecas, tudo que não prestava eu sabia. E aí, essa minha amiga pegou e fez: bora fazer um seminário o ‘Vinde a Luz’. E eu disse: não, quero não. Aí eu fiz o seminário, eu estava precisando. Quando eu entrei na Igreja do Espírito Santo, Deus fez assim: é você que eu quero, sabe? Foi para mim uma emoção muito grande, porque tudo que estava lá nas palestras, falando sobre o amor de Deus, sobre o pecado, sobre salvação, era isso que eu estava precisando escutar. Porque, eu era uma jovem perdida, não sabia me encontrar, não ligava para os problemas da família, não queria saber de nada, não me envolvia com nada em casa. Então, era rebelde. Quando eu entrei dentro da Renovação, aí foi mudando a minha vida, foi modificando, foi o meu pensamento voltando mais pra minha casa: preocupação com meus pais, preocupação com meus irmãos, preocupação com o irmão que ta precisando de ajuda. Foi muito bom, eu vi que Deus me ama, que Ele queria me resgatar. Eu tive uma conversão.”³⁸

Apesar do valor que essas observações tiveram para a minha pesquisa, foi a partir do *Catch the Fire*, em setembro de 2001, na Catedral Anglicana que comecei, realmente, a sistematizar os meus dados de pesquisa. Este evento começou a ser divulgado na Igreja semanas antes, através do boletim informativo, pois, devido ao sucesso dos últimos encontros, era preciso que o interessado confirmasse a sua presença com certa antecedência, seja o fiel anglicano ou o de outras denominações. O encontro foi ministrado

³⁸ Esta entrevista foi realizada com uma das coordenadoras do Grupo de Oração *Magnificat*, na Igreja de Santa Cruz (Recife), em julho de 2001.

pelo Pr. norte-americano Randy Clarck e por sua equipe (uma média de 30 pessoas), que são tidos como verdadeiros “avivadores”, pois muitas curas e conversões já foram realizadas em suas andanças pelo mundo, inclusive em várias capitais brasileiras.

Randy Clarck ficou conhecido internacionalmente a partir de 20 de janeiro de 1994, pois, até então, ele era tido apenas como um pastor desconhecido da cidade de Saint Louis, nos Estados Unidos. Toda sua vida mudou radicalmente quando ele colocou o pé em uma pequena igreja de denominação pentecostal situada numa área industrial, próximo ao aeroporto de Toronto no Canadá. Esse ministro evangélico que na época tinha 42 anos de idade, tinha sido convocado para pregar por algumas noites numa série de cultos agendados pelo pastor da igreja, John Arnott. O que Randy Clarck pouco imaginava era que, ali em Toronto, com a temperatura abaixo de zero, aconteceria (como eles mesmos denominam) um grande “avivamento”, o que ainda acontece até hoje.

Então, o que deveria ser uma campanha de três dias, estendeu-se por mais de dois meses, atraindo cerca de 1000 pessoas por noite. As notícias da visita de Randy Clarck rapidamente se espalharam, e, em maio de 1995, mais de 700000 pessoas vindas do mundo todo já tinha estado lá. O Pr. Randy foi o catalisador do avivamento em Toronto, mas aqueles encontros eram apenas o começo. Nos seis anos seguintes à Benção de Toronto, ele tem chegado a centenas de cidades ao redor do mundo, alcançando muitos países e denominações religiosas, viajando 180 dias por ano.³⁹

John Wimber, fundador da *Association of Vineyard Churches*, profetizou sobre Randy Clarck em 1984, dizendo que ele tinha um chamado apostólico em sua vida e um dia

³⁹ Esta informação foi reproduzida do jornal *Power Evangelism Today.*, com a permissão da *Strang Communication Company*.

teria um ministério transcultural. A profecia parecia exagerada para este pastor naquele momento, porque, até aquele instante, ele nunca tinha deixado os Estados Unidos e era raramente convidado a pregar em qualquer lugar.⁴⁰ Mas, atualmente, este pastor atravessa o globo e prega para multidões de até 12000 pessoas. Ele fala às pessoas para se prepararem, porque o fogo iniciado em Toronto está pronto a se alastrar através do mundo.

Além da demanda de pastorear uma igreja e viajar ao exterior, Clarck tem investido grande parte de seu tempo ensinando outros a se iniciarem no ministério. Nos últimos seis anos, ele treinou individualmente 40 pessoas, sendo que cada uma delas compartilha de sua visão pelo avivamento e viajam intermitentemente ao seu lado. Ele chama a isso de força-tarefa *Global Awakening* (Despertamento Global). Pelo menos metade de seus grupos é constituída por leigos, mas Randy Clarck divide o púlpito com eles para exemplificar que Deus pode usar qualquer um que deseje, não apenas pastores “profissionais”.

Após um período intenso de discipulado, o Pr. Clarck libera membros da equipe para o ministério transcultural. Membros do Global Awakening já treinaram, efetivamente, 40000 líderes além de leigos em 14 países. O objetivo desses treinamentos é formar uma equipe de oração durante e depois dos encontros de avivamento. As equipes cruzam todas as barreiras denominacionais para ministrar os tidos como perdidos, os enfermos e aqueles atormentados por poderes demoníacos. “Só em 1999, o *Global Awakening* totalizou mais de 4000 conversões, 500 libertações e 8000 curas⁴¹”.

Numa entrevista realizada pela Revista *Eclésia*, por George Guilherme, em setembro de 2001, o pastor Randy Clarck diz o seguinte:

⁴⁰ Revista *O Pregador* (outubro de 2001). Ano II / nº 03.

⁴¹ Esta informação (da edição abril, 2000 Charisma Magazine) foi reproduzida do jornal **Power Evangelism Today**. Com a permissão da Strang Communication Company.

“Hoje me vejo como alguém que causa impacto na vida de líderes e pastores ao redor do mundo, de acordo com uma profecia que recebi. Espalho a visão mostrando o poder e o que Deus está fazendo hoje. Tenho construído pontes entre países e denominações, abrindo portas para que os crentes tradicionais, não carismáticos, se abram para a unção do Espírito.”

Clarck não pára por aí e afirma que o dom da cura foi esquecido nas igrejas tradicionais e argumenta:

“Hoje, a maioria das igrejas tem uma teologia onde Deus não age mais. Mas a gente se esquece da passagem onde o leproso chega para Jesus e diz: ‘Se quiseres podes me curar, e Jesus responde: Eu quero!’. O problema é que a igreja se esqueceu, ou então acha que ele não quer mais.”

Diante dos eventos que presenciei na Catedral Anglicana da Carneiro Vilela, fui percebendo que havia um grupo bem identificado com estes movimentos, um grupo que clamava por “unção” e “avivamento”, chegando mesmo a mencionar que a Igreja estava precisando de uma “balançada” e que o Espírito Santo não podia ficar de “mãos atadas”. A partir daí, passei a observar mais estas pessoas, sendo possível identificar a sua demanda com os vários movimentos neopentecostais e os Movimentos de Renovação Carismática da Igreja Católica, tão presente no nosso país, onde a cura, o fervor emocional e o recebimento do Espírito Santo passam a ser as palavras-chaves. Entretanto, no caso da minha realidade etnográfica, todas essas manifestações se faziam presentes num grupo de classes média e alta da sociedade recifense, além de acontecer numa igreja de tradição histórica.

Vejamos o que o Rev. Clarck afirma num artigo publicado na Revista *O Pregador*, em outubro de 2001:

“Eu também sabia que este mover do Espírito era para renovar os líderes que estavam desgastados e até cansados do ministério. Eu já tinha estado antes à beira de um ataque de nervos devido às dificuldades do ministério, e Deus tinha misericordiosamente curado meus nervos. Então, sendo pastor por 24 anos, eu tinha consciência a respeito dos pastores e suas esposas. Eu pedia sempre que os pastores, suas esposas e outros ministros viessem à frente para serem tocados pelo Espírito Santo. Eu estava muito impressionado com a intensidade com que o Espírito Santo estava tocando estes líderes, e estava impressionado também com o modo que o Espírito Santo transferia a unção para eles, para que pudessem levar isso à suas igrejas (...)”⁴²

As principais características do *Catch the Fire* são: trabalho missionário, renovação, efervescência emocional (choro, riso, quedas e agitação corporal) e expansão geográfica. Esta última sinaliza para o crescimento deste movimento, pois ele já se espalhou por vários países do mundo, principalmente no Canadá, na Rússia, na Ucrânia, em Moçambique, no Brasil e na Argentina. O Pr. norte-americano Randy Clarck se compara a um “isqueiro”: precisa ir a lugares onde a “madeira” está seca. Em outras palavras, percebemos que uma das suas metas cruciais é **renovar** o *ethos* das igrejas tradicionais, fazendo com que outros líderes religiosos possam enfatizar o recebimento dos dons espirituais para que as curas sejam contempladas por todos. Outra característica forte dessa cerimônia são as “batalhas espirituais” que se travam em pleno momento de louvor e adoração a Deus. Não é rara em meio às manifestações do Espírito Santo, uma das pessoas se levantarem e dizer, diante de

⁴² Seja no contexto do Canadá e em outros países que o *Catch the Fire* teve a oportunidade de visitar, as unções foram intensas, com grande número de curas e conversões.

uma multidão que está a serviço do diabo, duvidando do poder de Deus. Eu diria que uma das palavras centrais do *Catch the Fire* é “fome”, “fome do Espírito Santo.” Eis a oração que o Pr. Clarck menciona em cada encontro:

“Eu peço, Espírito Santo, que Tu venhas com poder. Vem, Espírito Santo! Vem, Espírito Santo! Vem com Teu fogo santo! Vem com Teu fogo purificador!”

Na Igreja Anglicana da Carneiro Vilela, o *Catch the Fire* já esteve três vezes (todas elas antes de acontecer o cisma). A última vez ocorreu entre os dias 24 a 27 de setembro de 2001. Vejamos, a seguir, as minhas impressões sobre esta cerimônia.

A partir das 18h, as pessoas começavam a chegar, e, aos poucos, a imagem da igreja estava repleta; alguns com deficiências físicas bem nítidas: cadeiras de roda, muletas e lenços na cabeça (indicando um tratamento quimioterápico certamente). A maior parte era de classes média e alta. Através das faces, era possível perceber uma expectativa e alegria muito grande, que algo de bom estava para acontecer naquela noite. Todo esse entusiasmo bem como a preocupação de assegurar um melhor lugar entre os bancos do templo, tomava conta do local.

A ordem do culto era muito simples, sendo a mesma para todas as noites. Às 19 h e 30 iniciava-se o louvor com dez músicas em média, havendo posteriormente, o momento do ofertório⁴³. A equipe de Clarck já se encontrava na igreja e ajudava a animar o louvor.

⁴³ Durante todas as noites, o Pr. Paulo Garcia fazia questão de mencionar sobre a importância das ofertas, pois este dinheiro estava sendo usado para o jantar (oferecido na própria igreja) da equipe de Clarck, além da hospedagem desse grupo num determinado hotel de Boa Viagem.

Todas essas manifestações eram constituídas pelo seguinte cenário: o altar se assemelhava mais a um palco, local apropriado para receber os vários pregadores que, de microfone em punho, davam testemunhos emocionados. Na parede, brilhava um telão, onde eram mostradas as letras das músicas que davam ao culto uma dimensão de show, um “programa de auditório”. Complementando este cenário religioso, encontramos: música, dança, gestos corporais e emoção nas relações de grupo – beijos, abraços e toques de mão. Eles não se constrangiam em pronunciar palavras de adoração (*glória a Deus!, aleluia!, Ó Glória!*) durante o sermão, nem em participar do culto dando testemunhos pessoais de como Deus tem agido em suas vidas (Rev. Aquino, 2000: 111).

Após o louvor, Clarck iniciava sua pregação, que durava em média 2 h. Mas, antes de iniciar a pregação, ainda no momento do louvor, seu discurso se direcionava para a “animação” dos fiéis, pois, mesmo sendo de denominação histórica e tendo um *ethos* mais “comportado” na maneira de adorar a Deus, o avivamento e o recebimento dos dons espirituais eram possíveis de serem vividos. Afinal de contas, trata-se de brasileiros, e estes são conhecidos mundialmente pelo ritmo, pela dança, pela alegria e pelo calor humano. Nas palavras de Clarck:

“Eu quero que vocês esqueçam que vocês são anglicanos. Eu também quero que vocês esqueçam que essa comunidade foi fundada por aqueles ingleses assim... Todos bem certinhos. Eu quero lembrar que vocês são brasileiros, vocês são pessoas apaixonadas, um povo caloroso.”

As palavras desse pastor eram um convite à comunidade anglicana para mudar seu comportamento: uma mistura de unção do Espírito Santo com a idéia que os estrangeiros

têm dos brasileiros (alegria, ritmo, cor e carnaval). Em outras palavras, Clarck anunciava o exotismo do povo brasileiro. Todas as cerimônias visavam à cura de alguma enfermidade. As enfermidades variavam em grau de complexidade, podendo ser dor no braço direito, problema renal, dor nos ombros, tumores malignos, problemas na coluna, infertilidade feminina etc.

À medida que as pessoas iam se identificando com alguma dessas patologias, elas ficavam de pé para receber as orações do restante da comunidade. Pedia-se para que elas prestassem bastante atenção aos sinais de seu corpo: eletricidade, queimor, formigamento etc. (sinais de que o Espírito Santo estava agindo). Caso sentissem, solicitava-se para que levantassem uma de suas mãos ou, se já se sentiam curadas, que levantassem as duas mãos. A cada manifestação de cura, os fiéis exaltavam-se ainda mais: choros, aplausos, orações em voz alta, gemidos e risos embalavam-se num som ritmado e extravagante.



Foto 13 – “Os Anglicanos clamam pelo Espírito Santo”

Enquanto isso, um dos membros do grupo americano se encarregava de fazer a contagem e a anunciava em público o número de curas naquela noite.

Em todos os seus cultos, Clarck pronunciava uma simples oração: “*Mais Senhor, mais do teu espírito*”. Após a oração em público, sua equipe se espalhava pela igreja para ministrar orações individuais. Geralmente, eles se aproximavam das pessoas mais emocionadas: as que estavam chorando ou as que faziam orações em voz alta. Essa era a parte mais longa do culto, pois, normalmente, terminava à 1h da manhã. Havia sempre uma dupla para cada pessoa, uma delas era da igreja e traduzia a oração feita por um americano, que agia com a imposição das mãos, além de ser um “apanhador”, caso a pessoa chegasse a cair no chão. Durante este período, boa parte da congregação estava deitada no chão. Eles

chamam tal atitude de “descansar no Espírito” ou “repousar no Espírito”. Segundo o depoimento de alguns interlocutores, é neste momento que eles têm visões, ouvem vozes (a voz de Deus para eles), ou recebem uma “palavra de revelação”.

Tentei percorrer todas as partes da igreja e percebi pessoas caídas ao chão, que ficavam “fora do ar” por um período longo, algumas por mais de 40 minutos. Outras começavam a rir e não podiam parar, e outras tremiam e gritavam.



Foto 14 - “Descansar ou Repousar no Espírito Santo”



Foto 15 – “Jovens Anglicanos repousam no Espírito Santo”

As palavras do Pr. Randy Clarck pareciam ter um significado e uma eficácia fundamental no processo de cura durante esse movimento. Seu pedido de oração e o clamor pelo Espírito Santo demonstravam o ápice do encontro, pois era neste momento que eu observava uma maior inquietação entre os fiéis.

Contudo, o que faz o movimento *Catch the Fire* diferente do que acontece nas demais igrejas carismáticas do mundo, é que o Pr. Randy Clarck afirma que Deus tem visitado com um avivamento em que a presença do Pai torna-se tão intensa, e seu amor tão claramente revelado, que as pessoas se enchem pela alegria do Espírito Santo, e reagem com gargalhadas, risos incontroláveis, chegando a cair no chão, a rolar de rir. Tornando,

assim, a “gargalhada santa”⁴⁴ uma das principais características deste movimento, apesar de que seus líderes procuram dizer que o mais importante é a presença de Deus e as vidas modificadas. Pode-se dizer que se trata de um comportamento inédito, pois eu nunca o presenciei em outras igrejas, até mesmo nas neopentecostais.

Mas nem tudo era motivo de riso, pois, segundo o depoimento de alguns dos meus interlocutores, umas duas horas antes do culto, toda a equipe do *Catch the Fire* se reunia e muitos começavam a emitir sons de animais e se comportar como tais⁴⁵. Os membros da Igreja Anglicana que me transmitiram essa informação durante a pesquisa de campo, foram identificados por mim como o grupo que não era a favor desses comportamentos na Igreja, pois, para eles, *aquilo não tinha nada a ver com a unção do Espírito Santo*. Esse grupo se apresentava com uma predominância, uma tendência mais crítica e racionalista diante desse avivamento, e me passaram tal informação num tom pejorativo e de não concordância com tais comportamentos. É por isso que, logo no início deste capítulo, chamei atenção para uma **pluralidade** de opiniões entre os fiéis da Igreja Episcopal Anglicana da Carneiro

⁴⁴ Este termo foi mencionado durante todo o *Catch the Fire* na Igreja Anglicana. Em outros países visitados por Randy Clarck, a nomenclatura é a mesma.

⁴⁵ Em 1995, um fenômeno começou a se repetir nas reuniões, provocando o desligamento da Igreja de Arnott da Videira. Aconteceu enquanto Arnott estava ausente em conferências na Igreja Vineyard de Randy Clarck, nos Estados Unidos. Um pator chinês, líder das Igrejas Chinesas Camponesas, de Vancouver (Canadá), durante o período de ministração na Igreja do Aeroporto, começou a urrar como um leão. Arnott foi chamado às pressas para resolver o problema. A liderança que havia ficado à frente da Igreja lhe disse que entendiam que o comportamento do pastor indicava a manifestação do Espírito Santo. Arnott entrevistou o pastor chinês diante da congregação durante uma reunião e ele caiu sobre as mãos e os pés, começando a rugir como um leão na plataforma, engatinhando de um lado para o outro e gritando: “*Deixem ir meu povo, deixem ir meu povo!*” Ao voltar ao normal, o pastor explicou que, durante anos, seu povo tinha sido iludido pelo dragão, mas agora o Leão de Judá haveria de libertá-los. A Igreja irrompeu em gritos e aplausos de aprovação, e Arnott convenceu-se de que essa conduta vinha, realmente, do Espírito Santo de Deus. A partir daí, os sons de animais passaram a fazer parte da “bênção de Toronto”, sendo legitimados como manifestações de Deus; embora, como Arnott insiste, não sejam muito frequentes. Há casos de pessoas rugindo como leão, cantando como galo, piando como águia, mugindo como boi, e dando gritos como um guerreiro. Para Arnott, esses sons são “profecias encenadas”, em que Deus fala uma palavra profética à Igreja através de sons de animais. Arnott passou a admitir e a defender este comportamento como parte do avivamento em andamento na Igreja do Aeroporto.

Vilela. Ou seja, eu identifiquei dois grandes grupos: um que aceitava o avivamento na Igreja (“*nossa igreja está precisando de unção*”); e um outro grupo que afirmava “*Deus não nos faz cair no chão, ele nos levanta*”. Cheguei a escutar de algumas pessoas, com relação ao “descansar no espírito”: “*eu não desmaiei, eles é que me empurraram*”. Isto quer dizer que, enquanto um grupo se entregava completamente ao movimento de avivamento, sem fazer determinados questionamentos ou mesmo duvidar da presença do Espírito Santo, havia um outro grupo de tendência mais racional e que não se deixava guiar pela ação espiritual, chegando a caracterizar os comportamentos dos outros membros como histéricos.

Com a finalidade de compreender, do ponto de vista antropológico, a postura dos membros anglicanos a respeito do contato com o Espírito Santo, introduzo um item com o estudo de determinados autores a respeito do “avivamento”, das gesticulações corporais e do contato com o Espírito Santo.

4.2 Como os anglicanos entram em contato com o Espírito Santo

Não é fácil estudar um dos mais profundos e decisivos dramas religiosos, que é a relação do homem com a **divindade**. Apesar das experiências “avivadas” não serem encorajadas uniformemente por todas as religiões, não é raro encontrarmos uma religião, que, em algum momento de sua história, seus seguidores não tenham se transportado a exaltações místicas. Muitos autores já se debruçaram sobre esse assunto. Não é minha pretensão esgotá-los aqui, até porque isso seria impossível. Porém, menciono alguns que poderão me ajudar nesta busca de explicações sobre os fenômenos que presenciei na

Catedral Anglicana, não só no *Catch the Fire*, mas nos cultos dominicais, nas cerimônias de vigília, nos cultos carismáticos e nos momentos de louvor dos Cursilhos (eventos que já aconteciam antes do cisma).

Todos esses movimentos tiveram uma característica em comum, que é o fato de “mexer” com a emoção do fiel. A adoração a Deus passa a ser vista com muito prazer através do ato de louvar, gesticular e embalar o corpo no ritmo da música. Isso é contagiante, pois, se no início as pessoas parecem um pouco fatigadas, no decorrer da celebração a maioria já está toda eufórica. Após a euforia, vêm os abraços, as trocas de carinho, o sorriso nos lábios, isto é, a expressão dos que, realmente, ficaram satisfeitos.

A “Noção de Técnica Corporal” de Macel Mauss me auxilia a esclarecer as atitudes corporais que observei, no meu campo etnográfico, na maneira de cultuar a Deus. Mauss (1964) considera que, em cada sociedade, os homens utilizam seus corpos de maneira muito peculiar, ou seja, cada sociedade tem hábitos que lhe são próprios e esses atos são, essencialmente, de natureza social:

“Digo expressamente as técnicas corporais porque é possível fazer a teoria da técnica corporal a partir de um estudo de uma exposição, de uma descrição pura e simples das técnicas corporais. Entendo por essa palavra as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos.” (Mauss, 1964: 211)

No movimento carismático da Igreja Anglicana, os fiéis utilizavam seus corpos para entrar em contato com o Espírito Santo, seja pelo “descansar no Espírito”, pelos momentos de louvor, pelas “gargalhadas santas”, pela imitação dos animais etc. A finalidade principal no uso de seus corpos era o contato com a divindade. Contato este que começou a ser

difundido de maneira social, no grupo, ou seja, passou a ser legitimado, foi oficializado, recebendo, assim, uma aceitação dos carismáticos. Como Mauss (1964) coloca, se trata da natureza social do *habitus*. *Habitus* faz parte da memória, da tradição das disposições e atitudes herdadas socialmente:

“Ele não designa esses hábitos metafísicos, esta ‘memória’ misteriosa, tema de volumes ou de curtas e famosas teses. Esses ‘hábitos’ variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, mas, sobretudo, com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, com os prestígios.” (Mauss, 1964: 213)

Em consequência da natureza social nas atitudes corporais, o autor traz um outro conceito, que é o de “imitação prestigiosa”, no sentido em que nos ajuda a compreender as mudanças e inovações no *habitus*. A mudança na maneira de orar e fazer contato com Deus tem se mostrado numa mudança de *habitus*, ou seja, um comportamento mais íntimo com Deus. Só imitamos os atos que são aceitos e prestigiados socialmente, os que têm aceitação do grupo. Ao impor as mãos e orar por um companheiro que está sendo acometido por uma determinada crise, eu estou imitando a postura dos pastores, pessoas bem aceitas na comunidade religiosa, líderes espirituais que têm o poder de receber o Espírito Santo e orar pelos irmãos. No contexto religioso, a imposição das mãos significa o contato com o Ser Divino, isto é, com uma autoridade que não é para todos, só para os bem preparados espiritualmente, os que já mantêm uma intimidade maior com Deus. Portanto, ao imitar Randy Clarck e sua equipe, os fiéis anglicanos não são apenas objetos da sociedade, visto que eles instrumentalizaram, trouxeram para si essas práticas religiosas com a finalidade de adquirir reconhecimento e prestígio. Os fiéis que são reconhecidos com prestígio são

aqueles que sabem orar, os que têm um profundo conhecimento da Bíblia e que já tiveram várias experiências com o Espírito Santo.



Foto 16 – “Oração pelo Espírito Santo”

“A criança, como o adulto, imita atos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem sucedidos em pessoas em quem confia e que têm autoridade sobre ela. O ato impõe-se de fora, do alto, ainda que seja um ato exclusivamente biológico e concernente ao corpo.” (Mauss, 1964: 211)

Heraldo Maués (2003) também realizou uma pesquisa na cidade de Belém (PA), desde março de 1997, cuja finalidade era estudar o transe, o êxtase e a possessão como técnicas corporais na RCC (Renovação Carismática Católica), comparando-os com outras manifestações religiosas do mesmo Gênero, mais especificamente na pajelança cabocla amazônica. O grupo pesquisado pelo autor foi “*Glória a ti Senhor*”.

O trabalho de Maués trouxe uma importante contribuição no que se refere ao contato com o Espírito Santo, o “bailar no Espírito”, a partir do toque suave de um violão, do pedido para que as pessoas do grupo carismático fechem os olhos e “entreguem-se ao Senhor”, todos num clima de descontração, de dança e de louvor. Em meio a esta experiência, Maués observou:

“(...) Num dado momento foi possível observar-se a atitude de um senhor de meia idade que, ao som da música e embalado pelo canto emocionado do diácono, ‘bailava no Espírito’, de forma considerada muito impressionante, com as mãos para cima, fazendo várias evoluções, em êxtase; isso durou alguns minutos, até que o mesmo caiu ao solo e ficou, durante certo tempo, em repouso. Entrevistando-o, pude saber que ele, em nenhum momento – mesmo na ocasião de repouso -, perdeu a consciência do que estava acontecendo, mas, ao mesmo tempo, encontrava-se num estado de ‘leveza’, de ‘satisfação interior’ e de ‘paz’, como nunca sentira antes em sua vida.” (Maués, 2003: 28).

Apesar de Maués também discutir no seu artigo sobre os estados de consciência/inconsciência através do transe, do êxtase e da possessão; eu o menciono apenas nas questões sobre técnicas corporais, pois, para ele, os gestos, a dança, o bailar e a

glossolalia são técnicas corporais que têm a finalidade, no movimento carismático, de se obter um contato íntimo com Deus.⁴⁶

Os gestos corporais, seja na RCC como no Neopentecostalismo, e as observações que realizei na Igreja Anglicana passam a ser realçados e instigados através das músicas que são tocadas nesses movimentos. Os hinários, tocados em antigos órgãos, são trocados por músicas que apresentam um ritmo animado para que os membros possam se expressar melhor através dos seus corpos. Em outras palavras, a música tem uma eficácia surpreendente, na medida em que possibilita ao fiel entrar no clima de oração, propiciando um encontro, norteado de emoções, com o Espírito Santo.

Através de um estudo da Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), Valdevino Santos (2002) observou que o canto assume um caráter fundamental porque favorece a igreja promover no culto o ato de receber o Espírito Santo, que é o agente que tem, por excelência, a função de outorgar dons sobrenaturais às pessoas.

“A música executada socializa o prazer; há uma euforia generalizada nos membros, eles não querem apenas falar do amor ou do poder de Deus por meio do canto; eles querem também expressar, por meio do corpo todo, a satisfação de estarem ali com o grupo em comunhão com Deus.” (Santos, 2002: 57)

Porém, não é só a música capaz de alterar o comportamento dos fiéis, pois não podemos nos esquecer de todas as outras partes do ritual que são constituídos por gestos, por orações, por determinadas vestimentas, pelo uso de certos símbolos e o pelo poder da pregação dos pastores.

⁴⁶ Com relação aos estados alterados de consciência, eu abordarei nesta mesma parte, mas citando outros autores.

Quando menciono o termo da eficácia, na verdade estou querendo dizer que este consegue reunir um conjunto de itens importantes na relação do fiel com a divindade. Não podemos reduzir só à música ou às palavras do pastor, ou mesmo aos instrumentos musicais utilizados durante o culto. Acredito que todos esses aspectos juntos, além da predisposição emocional do fiel, têm a capacidade de transportá-lo ao sobrenatural e à cura.

Num texto intitulado *A Eficácia Simbólica*, Claude Lévi-Strauss (1993) fala do prestígio do Xamã nos partos difíceis da América Central e do Sul. Neste caso, o Xamã é convocado a pedido da parteira. Há todo um ritual de preparativos para a chegada do Xamã à choça da parturiente, que consistem em fumigações de favas de cacau queimadas, inovações e confecções das imagens sagradas ou *nuchu*. Essas imagens esculpidas dão a eficácia, visto que representam os espíritos protetores que o Xamã utiliza como seus assistentes.

Os *nuchu* são espíritos protetores que vêm se encarnar, ao apelo do Xamã, nas figurinhas que ele esculpiu. Recebem dele, com a invisibilidade e a vidência, *niga*, “vitalidade”, “resistência”, que os tornam aptos ao “serviço dos homens”, os tornam “seres à imagem dos homens”, mas dotados de poderes excepcionais.

No caso do processo xamanístico, o doente sofre porque perdeu seu duplo espiritual ou, mais exatamente, um de seus duplos particulares, cujo conjunto constitui sua força vital. O Xamã, assistido por seus espíritos protetores, empreende uma viagem ao mundo sobrenatural para arrancar o duplo do espírito maligno que o capturou e, restituindo-o ao seu proprietário, assegura a cura.

A respeito dessa informação de Lévi-Strauss, percebo algumas semelhanças com o movimento *Catch the Fire* que presenciei na Igreja Anglicana. O perfil do Pr. Randy Clarck

em muito se assemelha ao do Xamã. Ambos são convocados para resolver problemas, estabelecer a cura, seja a dificuldade de um parto sofrido, sejam os mais diversos infortúnios: saúde, desemprego, dinheiro, relacionamento. O pastor age inserido num ritual de orações, de louvores, pela imposição das mãos. Tais aspectos se combinam para garantir a eficácia do ritual. No caso do Xamã, a confecção das imagens sagradas também faz parte do ritual de cura. Só o Xamã e o Pastor têm o poder de estabelecer um contato com os Seres Superiores. Eles são devidamente legitimados pela comunidade para a evocação da divindade. Conseqüentemente, suas ações passam a ter um significado maior entre os fiéis; até porque em ambos os casos são preciso que os fiéis tenham muita fé para a realização da cura. Em outras palavras, eles ocupam um espaço intermediário entre o divino e a comunidade. A choça ou cabana da parturiente parece ter um sentido de “templo”, local sagrado, e é devidamente organizado para um encontro com a divindade; sendo um contexto propício para a exaltação da fé.

Assim como o Espírito Santo é o ponto central, a divindade mais almejada, tanto no *Catch the Fire* como em outros movimentos carismáticos, os *nuchu* também passam a ser os mais desejados pela comunidade, visto que todo o processo de evolução do parto dependerá da inspiração deles. A parturiente perdeu sua força vital e o fiel, que busca um encontro com o Espírito Santo, sofre porque “deu brecha para o inimigo” (o diabo) ou porque não tem uma comunhão próxima com Deus.

A descrição dessas duas situações me fez perceber que a busca e o contato com o sobrenatural possibilitarão uma mudança de vida, uma transformação de um estado de doença e sofrimento para uma plenitude de vida saudável.

Em relação às diferenças entre o processo xamanístico e o *Catch the Fire*, percebo uma que se refere à própria organização do ritual. No xamanismo, toda a comunidade luta e sofre simultaneamente para a resolução do mesmo mal, no caso, a dificuldade de um parto; ou seja, todos se voltam naquele momento para a resolução daquele problema, há uma mobilização da comunidade em torno de uma pessoa que está sofrendo. Em contrapartida, na cerimônia de Randy Clarck, mesmo havendo uma mobilização social para a resolução de problemas, muitas curas são realizadas ao mesmo tempo, existindo vários doentes com os mais diversos males. Neste caso, a importância e a eficácia do pastor estão muito mais relacionadas à quantidade, ao aspecto numérico. Ou seja, a “presença” do Espírito Santo parece ser mais popularizada, sendo “qualquer” um da equipe do *Catch the Fire* capaz de receber e agir por Ele. Em outras palavras, qualquer pessoa é capaz de escutar a Deus, de ter contato com o Espírito Santo e promover uma cura, basta que se entregue, que **tenha fé**. Vejamos o seguinte depoimento que apesar de não ter ocorrido no contexto do *Catch the Fire*, nos dá uma idéia de empoderamento:

“Aí... eu sei que ela tava lá em cima da cama em pré-coma, aí nesse momento, eu me desesperei e eu falei: minha filha vai morrer? Não, num morre assim não, é porque ela tá precisando de sangue, quando o sangue chegar ela volta. Mas, ninguém quer dizer isso pra uma mãe, né? Você ver sua filha ali, de uma parede, sem movimento nenhum. Aí nesse momento, eu caí na real: eu, meu Deus, tudo que eu te pedi tu me deste e eu não dei valor, eu não enxerguei. Se for da tua vontade, de todo o meu coração pode levar minha filha, como eu fui egoísta; assim orei e entreguei. Sabe o que é você ver? Eu não sei explicar como foi, sei que eu escutei: bote sua filha no peito. Eu, ainda na minha ignorância me perguntei: como era que eu ia fazer, se ela não tinha mais movimento nenhum? Como é que ela ia sugar? Sei que botei... Minha filha, antes de chegar o sangue, ela já estava mamando com os olhos abertos e com todos os movimentos – ela voltou – só em mamar no meu peito, que não foi coisa, eu escutei:

bote sua filha no peito, depois que eu entreguei, Ele me deu a resposta, ali eu entendi assim: bastou eu ter reconhecido meu erro, ter botado na mão dEle que Ele me deu a resposta, que dependia dEle.”

O princípio definido por Mauss (1909), na *Prece*, também me ajuda a compreender o movimento de avivamento do *Catch the Fire*. Primeiro, porque se apóia no social, na coletividade, no sentido de que o Espírito Santo vai transformar as vidas de quem nele crer. Segundo, porque as palavras do pastor, sua oração, seu sermão, seu pedido por *mais* unção são capazes de fazer com que os fiéis tenham um encontro com Deus.

*“Ela é igualmente eficaz e de uma eficácia **sui generis**: pois as palavras da prece podem causar os fenômenos mais extraordinários (...) pois (...) incita o deus a agir nesta ou naquela direção.”* (Mauss, 1909: 143)

No último dia da Cerimônia do *Catch the Fire* na Catedral Anglicana, o Pr. Paulo Garcia fez uma revelação que, de acordo com a minha análise, foi bem significativa com relação ao que aconteceria um ano depois, que foi a sua ruptura da Comunhão Anglicana. Eis a sua afirmação:

“Os sonhos e a esperança de muitos renasceram, se renovaram... Nós vivemos dias gloriosos aqui na Catedral. Acho que essa Igreja nunca mais será a mesma depois dessa conferência.”

4.3 Sobre o “descansar ou repousar no Espírito” e a “gargalhada santa”

Neste tópico, pretendo discutir sobre os estados alterados de consciência, êxtase, transe e possessão, a partir dos dados da minha pesquisa de campo, além de realizar um paralelo com as observações de Roberto Motta e Marion Aubrée.

Motta (1991) ao estudar as religiões afro-brasileiras, considerou duas categorias de transe: o transe de êxtase e o transe de possessão. Assim ele os diferenciou:

“(...) é irrelevante que o transe de êxtase resulte do silêncio e da privação sensorial, ou, ao contrário, da festa, da dança e do excesso de sons. O essencial é que constitua uma experiência durante a qual o sujeito se encontre a tal ponto compenetrado da imagem ou da idéia de seu deus (ou da força que vai possuí-lo, como quer que seja definida), que suas faculdades (inteligência, imaginação, afeto, emoções, etc) tornam-se por assim dizer sobrecarregadas pelo excesso, irradiação ou brilho daquela mensagem e por algum tempo interrompem seu funcionamento normal. O transe de êxtase, por conseguinte, ocorre, ou tende a ocorrer, no plano da intuição supra-discussiva (sobre este último conceito ver Maritain 1996). Assim compreendido, torna-se fácil concluir que o transe de êxtase tende a anular, ao menos por algum tempo, a produção e a transmissão de mensagens verbais, embora nada impeça, como é constante na literatura especializada, que o sujeito emita sons inarticulados ou mesmo palavras ou frases soltas, muitas vezes a exclamação do louvor ou a proclamação da glória do deus ou da força que se supõe estar atuando. No que denomino simples possessão, ou transe de possessão, o sujeito cai também sob o domínio de um deus, entidade, força etc. Mas, sem nem falar na possessão que não conduz ao transe, mas a uma doença ou a algum outro efeito físico ou moral, mais ou menos correspondendo ao encosto de nossos xangozistas e juremeiros (ver ainda Lewis, 1971, sobre a possessão lato ou mesmo latíssimo sensu), o transe de possessão - dentro do qual podem-se distinguir muitas variedades - se caracteriza essencialmente pelo fato de que uma outra personalidade se manifesta no sujeito, mas com plena possessão de raciocínio e da articulação vocabular, embora muitas vezes utilizando arrazoados léxicos, estilos e outras

particularidades inteiramente diversas das da personalidade básica do sujeito.” (Motta, 1991: 58)

Com relação ao “descansar ou repousar no Espírito”, foi na cerimônia do *Catch the Fire* e nas reuniões de vigília que essas manifestações se apresentaram com maior intensidade. Em ambas as situações, o ritmo do louvor, os gestos das músicas e as orações do pastor pedindo para que todos entrassem num clima de oração com os olhos fechados contribuíram para que uma forte carga emocional fosse vivenciada. Em outras palavras, privilegiou-se um caráter de exacerbação afetiva, e não uma interrupção nas faculdades humanas de inteligência, imaginação e raciocínio. Ao entrevistar as pessoas que haviam passado por essa experiência, elas relataram que estavam bem conscientes de tudo que estava acontecendo ao seu redor: as orações, os comentários, o louvor etc., e que eram capazes de sentir “tranqüilidade”, “paz”, “leveza” e “uma coisa boa”, “um encontro com Deus”. Ou seja, não se trata de um transe nos moldes trazidos por Motta (1991), mas de uma forte experiência emocional que o fiel não chega a perder os sentidos. Como relatou uma das minhas interlocutoras, *“o descansar no Espírito não quer dizer desmaiar no Espírito, porque a pessoa não perde os sentidos, é uma sonolência.”*

Com relação ao transe de possessão, não tive a oportunidade de abordar diretamente o fiel que passou pela experiência de “mudar a personalidade”. O contato que tive foi apenas com as pessoas que oravam pelo fiel. Elas relataram que a pessoa chega a mudar de voz, todo seu comportamento se transforma, indicando, realmente, que há uma possessão. Porém, é possível dialogar com o “mau espírito” e “reprová-lo em nome de Jesus”; como se fosse uma cerimônia de exorcismo. Entre os membros do anglicanismo, essa manifestação

foi denominada de “batalha espiritual”, geralmente comum às pessoas que já tiveram algum contato com as religiões afro-brasileiras ou com o espiritismo.

Nesta perspectiva, as minhas observações convergem com as de Roberta Campos (1995), pois essa autora presenciou comportamentos similares entre os fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus:

“Entendo que a estrutura do culto da IURD viabiliza dois tipos de experiências com o sobrenatural: o transe de possessão e uma outra experiência de grande intensidade emocional que por ora chamo ‘êxtase’. Este toma mais o caráter de uma exacerbação afetiva que propriamente um transe.” (Campos, 1995: 51)

No que se refere à “gargalhada santa”, só a observei durante as cerimônias do *Catch the Fire*. Segundo o relato dos fiéis que assim se manifestaram, não se trata de uma incorporação ou possessão de um espírito risonho, mas de um encontro com o Espírito Santo. O encontro é de uma natureza tão maravilhosa que a pessoa começa a rir ininterruptamente sem ficar em estado de inconsciência. Ao entrevistar um dos membros do anglicanismo sobre essa manifestação, ele falou:

“Eu senti uma leseira tão boa, parecia que eu estava flutuando.”

Já outro relatou o seguinte:

“Na verdade, eu estava rindo da tua cara (a cara da pesquisadora), porque você estava com um ar de preocupada.”

Através do relato desses fiéis, percebe-se que não se trata de um estado de inconsciência, mas de plena lucidez dos fatos em volta. Portanto, identifico a “gargalhada santa” dentro da mesma classificação do “êxtase” de Campos, salientando o importante papel do ambiente: músicas, louvores, orações e fervor emocional entre os membros da comunidade.

Marion Aubrée (1983) abordou, por sua vez, a manifestação do transe tanto no xangô como no pentecostalismo e revelou o sentido individual e o sentido coletivo nessas duas religiões. No xangô, o individual funciona como uma espécie de regulador e controlador das emoções, capaz de preparar a pessoa para as atribulações e os infortúnios da vida; já em termos coletivos, trata-se de um processo ritualístico que obedece a um padrão de regras que foi legitimado socialmente. No pentecostalismo, sob a perspectiva individual, o corpo material tem que desaparecer e dar lugar a um corpo digno, capaz de receber a ação do espírito para poder agir como um “comunicador” com os outros da comunidade; no sentido coletivo, o transe é encarado como um benefício.

“O transe afro-brasileiro é uma tentativa permanente de reconstruir uma ordem tanto individual — na medida em que ajuda concretamente a promover a escrita gestual das emoções, e, por conseguinte, a equilibrar a relação alma/corpo, permitindo, assim, à pessoa encarar as situações difíceis da vida diária de maneira um pouco mais serena — quanto coletiva — porque é uma ritualização que obedece a regras conhecidas e aceitas por todos os integrantes e que está controlada pela comunidade no próprio interesse desta, ou seja, para gerir os conflitos internos e regular as relações interpessoais. O transe pentecostal é, a nível individual, uma primeira etapa de expressão para as pessoas que querem se integrar a uma nova ordem na qual o corpo tem que desaparecer enquanto fonte de prazer e suporte irredutível do processo de individualização, para deixar lugar à ação prevalecente do espírito na sua forma mais imediatamente acessível aos outros, a palavra (o Verbo!). A nível

coletivo, o transe é mais uma maneira para a comunidade de se afirmar como geradora de 'santidade', o que ajuda a valorização de todos os membros e beneficia — e muito — os dirigentes na implantação do poder sobre os fiéis; poder que passa também por um suporte verbal, que já não é a palavra, mas discurso ideológico.” (Aubrée, 1983: 1075)

Sem o propósito de me aprofundar nas questões do transe, visto que o mesmo é retomado por outros autores sem uma diferenciação do êxtase (Maués, 2003), o que me chamou atenção nas observações acima foi o sentido individual e coletivo dessas manifestações. Portanto, independente de ser um êxtase (como identifiquei na minha pesquisa) ou transe (como refere a autora citada), acredito que tais manifestações revelam-se a partir dessas duas perspectivas. Ou seja, mesmo se tratando de êxtase, observei que os dados da minha pesquisa confirmam tais manifestações citadas pela autora a partir do transe pentecostal em relação ao aspecto individual e ao aspecto coletivo.

O Seminário de Vida no Espírito Santo da Igreja Anglicana visa, primordialmente, a preparação do fiel para o recebimento dos dons espirituais, ou seja, uma espécie de treinamento capaz de fazer com que a pessoa “se entregue ao Senhor”, tenha um contato próximo com Deus. Nesse sentido, concordo com as idéias de Aubrée, quando ela pontua o sentido individual do transe no pentecostalismo. Em termos coletivos, na medida em que um determinado membro demonstra à sociedade que foi capaz de “*descansar ou repousar no Espírito*”, ou mesmo dar a “*gargalhada santa*” (sendo uma manifestação bem particular do *Catch the Fire*)⁴⁷, ele legitimou sua capacidade de doação para com Deus, “entregou-se”, isto é, parece ter chegado mais próximo do caminho da “santidade”. Como alguns

⁴⁷ A glossolalia (mais comumente, “falar” ou “orar em línguas”) apesar de ser uma outra maneira do Espírito Santo se manifestar nas pessoas, nunca cheguei a observá-la na Igreja Anglicana durante a minha pesquisa de campo. Contudo, já ouvi falar que também é freqüente no Anglicanismo.

membros anglicanos me falaram de outros em tom de admiração: “*esse foi ungido!*”. Percebo um reconhecimento social da comunidade anglicana com relação àquele que pôde realizar uma experiência com o Espírito Santo. Como declarou uma interlocutora:

“Quando acontece das pessoas ‘descansarem no Espírito’, todos que presenciam sempre afirmam que aquela pessoa teve um contato direto com o Espírito Santo. Aham que aquilo é um privilégio. Um privilégio para quem crer no Espírito Santo, pois aquela pessoa foi a ‘escolhida de Deus’.”

Como me referi no início deste capítulo, antes de haver o cisma na Igreja Episcopal Anglicana, eu observava uma polifonia com relação aos posicionamentos dos fiéis anglicanos: os que eram a favor de posturas mais “avivadas” e os que não concordavam com as práticas mais renovadas da Igreja. Ao ocorrer a cisão, dois grupos foram constituídos: os episcopais anglicanos e os episcopais carismáticos. A partir de agora, o meu interesse será apresentar o perfil sócio-religioso de ambos os grupos, retomando sempre os acontecimentos relacionados ao cisma, além da opinião deles a respeito da ruptura do Pr. Paulo Garcia.

4.4 Quem são os Episcopais Anglicanos

Esse grupo é constituído pelos fiéis que aderiram aos posicionamentos do bispo regional, Dom Robinson Cavalcanti. São pessoas que já faziam parte da Igreja Episcopal Anglicana antes de acontecer o cisma. Com a ruptura do Pr. Paulo Garcia do anglicanismo,

essas pessoas não continuaram no Templo da rua Carneiro Vilela, ou seja, não se vincularam à Igreja Episcopal Carismática.

Realizei 17 entrevistas com esse grupo e, para cada entrevista, eles respondiam um formulário. Fizeram parte dessa população 8 homens e 9 mulheres, 3 pessoas tinham idades abaixo de trinta anos e as 14 restantes apresentavam idades superior aos trinta. Quanto ao grau de escolaridade, 12 membros se apresentaram com nível superior e 5 com nível superior incompleto. No que se refere ao estado civil, a realidade se apresentou da seguinte maneira: 2 divorciados, 2 solteiros e 13 casados. Com relação ao bairro em que residem, houve uma certa diversidade: 3 em Boa Viagem, 3 nas Graças, 2 nos Aflitos, 2 em Piedade, 1 em Casa Amarela, 1 em Casa Forte, 1 no Cordeiro, 1 na Iputinga, 1 em Parnamirim, 1 no Torreão, e 1 no Ibura.

Quanto ao perfil sócio-econômico: 12 pessoas residem em casa própria, todos têm telefone convencional e 16 possuem celular. A situação de trabalho apresenta-se da seguinte forma: 8 estão empregados, 3 aposentados, 3 autônomos, 2 desempregados e 1 pensionista. A média geral de salários mínimos é 12 e a renda familiar sobe para 20,5 salários mínimos.

No que tange ao perfil sócio-religioso, a maior parte dos anglicanos veio da Igreja Católica Romana (num total de 11); outros 6 vieram de outras igrejas evangélicas (1 da Batista, 1 da Presbiteriana e 1 da Renascer em Cristo) e os 2 últimos de igrejas espíritas. Das 17 pessoas entrevistadas, apenas duas falaram que além de freqüentar a Igreja Anglicana também vão à Igreja Católica (Paróquia das Graças) e à Igreja Renascer em Cristo (de Boa Viagem).

Com relação à trajetória de afiliação à Igreja Anglicana, todos esses membros se integraram a partir de alguns movimentos realizados pela Igreja como Cursilho, Encontro de Jovens com Cristo e Encontro de Casais com Cristo sempre a convite de algum amigo mais próximo ou alguém da família. Tais movimentos religiosos funcionam como estratégias para ganhar mais fiéis. Como analisou Guerra (2000):

“Entre os evangélicos podemos também localizar outros exemplos de reprodução de características dos produtos religiosos concorrentes ou mesmo de estratégias mercadológicas para a conquista de segmentos do mercado. Um dos fenômenos que pode ser encontrado tanto entre Batistas, quanto entre Presbiterianos e mesmo entre Católicos, tendo se disseminado rapidamente de uma proposta religiosa para outra é o movimento de ‘Encontro de Casais’, que combina a preocupação de ‘defender’ a instituição da família com a possibilidade de conseguir, pela via do estabelecimento de redes de dependência e comprometimento, a integração e participação de novos membros.” (Guerra, 2000: 05)

Ao serem questionados se na época em que entraram na Igreja eles tinham algum problema ou estavam passando por uma situação difícil, assim se colocaram: 13 pessoas disseram que não estavam passando por nenhum problema e 4 pessoas falaram que sim. Contudo, todas elas disseram que já receberam alguma bênção na Igreja. Em relação às quatro pessoas que haviam se queixado de algum problema, todas afirmaram que, ao entrar na Igreja, conseguiram resolvê-lo.

O local onde foram realizadas as entrevistas variou de acordo com a disponibilidade do fiel quanto ao horário, quanto ao espaço de ele se sentir mais à vontade e quanto às ocasiões em que eles puderam conciliar com as suas atividades na igreja. Todas as nossas conversas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados. Sendo assim, 14

membros foram abordados na própria igreja, 2 na residência e um no CVC (Centro de Vivência Cristã), o qual fica localizado no Alto do Eucalipto, onde a Igreja Anglicana mantém um trabalho social com os idosos.

A partir do momento em que o Pr. Paulo Garcia rompeu com a Igreja Anglicana, muitas pessoas não concordaram com o seu posicionamento, e saíram do Templo da Carneiro Vilela (no Espinheiro), inclusive o Pr. Sérgio Andrade, pastor auxiliar de Paulo Garcia. Esse grupo passou oito meses (de outubro de 2002 a maio de 2003) na Paróquia Anglicana do Bom Samaritano em Boa Viagem (vide foto nº 07). No início, pouco mais de 20 pessoas faziam parte da Catedral do Espinheiro. Muitas pessoas da própria comunidade anglicana chegavam a brincar, jocosamente, dizendo frases do tipo: “*nós fazemos parte do grupo dos sem igreja*” (“igreja” enquanto “templo”, “prédio”), visto que Paulo Garcia rompeu com o anglicanismo, mas permaneceu no Templo da Carneiro Vilela, “obrigando” aos que não concordaram com ele a se retirarem.

Após o cisma, em setembro de 2002, o primeiro culto realizado pela Igreja Anglicana aconteceu no dia 13 de outubro de 2002, às 17h, nesta Paróquia de Boa Viagem. O Pr. Sérgio fazia questão de receber na porta cada pessoa que ia chegando. É como se cada fiel que entrasse na igreja fosse um a mais que estava disposto a “recomeçar”, além de demonstrar fidelidade à Comunhão Anglicana. A novidade não foi só para os anglicanos, mas também para a comunidade carente que morava ao lado da igreja. Na verdade, percebi um certo impacto do grupo residente próximo à Igreja. Muitos deles se organizaram em suas calçadas para observar o “movimento”, pois, até então, essa igreja só abria aos domingos às 10h da manhã, para a própria comunidade, sendo uma tarde de domingo bem

diferente da que eles estavam acostumados a presenciar. Diante desses fatos “diferentes”, uma criança questionou para um dos membros anglicanos: “*Vai ter casamento, é tio?*”

As primeiras palavras do sermão do Pr. Sérgio foram um pedido de desculpas pelas vezes em que ele não contribuiu para a união da Igreja. Ele falou: “*o fato de estarmos nessa Igreja (de Boa Viagem) sinaliza o pecado das divisões.*” Todos foram convidados a realizar uma oração de joelhos pela comunidade. Foi uma oração muito bonita e emocionada que contou com o choro de vários membros.

Dom Robinson Cavalcanti, juntamente com o Pr. Sérgio, se posicionaram na função de conversar com qualquer fiel que desejasse tirar suas dúvidas e esclarecer alguns fatos a respeito do cisma, além de consolá-los. Várias cartas pastorais foram entregues à comunidade por Dom Robinson, com o objetivo de não deixar os fiéis mais desconsolados do que já estavam. De acordo com essa postura do clero anglicano, fui observando um maior interesse em se manter forte e viva a identidade e o *ethos* anglicanos. Ou seja, se a tradição da Igreja Anglicana se perdeu um pouco por conta do personalismo do Pr. Paulo Garcia, estava na hora dos anglicanos se unirem e fortalecerem sua identidade religiosa. Havia uma espécie de desconsolo entre os anglicanos porque tiveram que sair do templo da Carneiro Vilela, um espaço em que eles já tinham um envolvimento afetivo. Vejamos uma carta de Dom Robinson à comunidade, datada em 14 de novembro de 2002:

“Irmãos e Irmãs,

Estamos todos conscientes que vivemos um momento doloroso em nossa vida diocesana, mas temos sido consolados pela graça de Deus, que nos concede ‘a paz que excede todo o entendimento’. Por dias nos sentíamos no deserto, dentro de uma nuvem escura, ao

mesmo tempo em que tínhamos a nossa fé renovada pela certeza da Providência do Senhor da Igreja, e pela esperança escatológica.

Há o lamento pela divisão, que é pecado em si, porque fere o projeto de Deus para sua Igreja. Há o sofrimento pelos danos morais que a nossa denominação vem sofrendo injustamente, pela veiculação dolorosa de inverdades. E há, ainda, a gravidade das maquinações internacionais, nacionais e locais que, aos poucos, vão vindo à tona, agravadas pelas intrigas que nos tentam dividir, pelas pressões e tentativas de cooptação dos nossos líderes, mediante ofertas de vantagens materiais.

*Em tudo o Senhor nos tem concedido serenidade e certeza do triunfo final da **verdade**.*

Gostaria de agradecer a todos os clérigos, ministros leigos, seminaristas e demais leigos que nos tem procurado, desde o início da crise, para avaliarmos juntos, para expressar solidariedade, e, principalmente, interceder.

Gostaria, como pastor, de trazer uma palavra de conforto a tantos (inclusive os bispos) que estão sendo vítimas de sistemáticas calúnias e difamações. Que o Senhor nos console, que não se instale em nós raiz de amargura, e que saibamos perdoar.

*Como bispo, não devo procurar revolver o passado de ninguém. As contas de cada um já foram acertadas com Deus, e o sangue do Seu Filho nos lavou de todo nosso pecado. Como bispo, o que importa pastoralmente é o presente, como esses líderes têm se comportado **depois** da sua confirmação em nossa Igreja e **depois** da sua ordenação.*

Como Martinho Lutero, creio que todos nós vivemos em pecado (consciente e inconscientemente) por pensamentos, palavras, obras e omissões; que nós temos altos e baixos em nossa vida espiritual, dependentes da Graça de Deus e alimentados pela Palavra, pelos Sacramentos e pela comunhão dos santos. Com a Reforma, reafirmamos que não existem pecados 'mortais' e 'veniais', que a nossa natureza é pecaminosa, e que a hierarquia do pecado é fruto da cultura (épocas e lugares) e das subculturas religiosas, mas que são contrários ao ensino bíblico. Isso nos deve mover permanentemente à humildade e à caridade.

Essa crise era uma 'crônica da morte anunciada', um dia qualquer poderia eclodir. O personalismo, o congregacionalismo e a ausência

de convicção e identidade denominacional, a ambição, a insubmissão, o desrespeito à lei e os projetos pessoais, como constatado em tantos precedentes históricos, sempre conduzem aonde se chegou.

Estamos convencidos de que deve ser um tempo de silêncio e meditação. Um tempo de avaliação, de perdão, de unidade, ao mesmo tempo sempre inconformados com o mal, sempre docentes, sempre proféticos e sempre capazes de tentar sonhar (e realizar) os grandes sonhos de Deus.

Não somos uma Igreja de homossexuais, não batizamos animais, não estimulamos o divórcio. Somos uma Igreja séria, ao mesmo tempo inclusiva, e que sofre as tensões dessa era globalizada, particularmente o impacto da crise moral porque passa o Primeiro Mundo. Mas somos anglicanos, devemos enfatizar o essencial e a identidade, e não devemos ignorar ou estranhar a riqueza e a diversidade, que inclui as nossas opções, bem como o respeito aos diferentes. Não devemos nos deixar influenciar por leituras dolosamente distorcidas, mas termos as nossas próprias leituras, sem preconceitos ou pré-julgamentos.

A retórica maldosa contra o anglicanismo, as calúnias contra o nosso clero, a ocupação ilegal e imoral das instalações da nossa Catedral estão entregues ao Grande Juiz. Façamos, dentro da Lei e da Ética, a nossa parte. Descansemos nEle.

A 'Santa Rotina' (Lutero) da vida e da missão dos cristãos e da Igreja continua.

Com todas as suas crises, a vida cristã é uma maravilha e santa aventura, onde os milagres sempre são possíveis.

Preparemo-nos para um Concílio Diocesano que olhe para frente.

Unidos a Cristo e uns aos outros, fiéis ao sagrado depósito da fé evangélica, coerentes à identidade, herança, princípios, normas e formas de anglicanismo, faremos grandes coisas sob o poder de Deus.

Uma Diocese verdadeiramente evangélica e verdadeiramente anglicana está sendo construída, como uma alternativa de Deus para o cenário religioso brasileiro, onde, crescentemente, a Lei tem sufocado a Graça.

Que o Espírito Santo esteja derramando o Seu fruto sobre nós.

Em paz, sirvamos ao Senhor.

Irmãos e Irmãs,

Nas dores do parto, uma nova Igreja está nascendo!”

Como bem se percebe, as palavras de Dom Robinson sempre remetem à identidade da Igreja Anglicana, à indisciplina pastoral de Paulo Garcia e à injustiça dele em continuar num templo que não lhe pertence. O bispo comenta a dificuldade que a congregação está enfrentando em lidar com o cisma. Como se os fiéis estivessem se sentindo desconsolados. Para os anglicanos, os motivos da desvinculação alegados pelo Pr. Paulo funcionaram como pretextos, pois, para eles, as verdadeiras causas dizem respeito ao seu desejo de ser bispo, por exemplo. Alguns fiéis anglicanos assim se posicionaram:

“Eu não acredito nesses 3 motivos, mas acredito que tenha sido por interesses pessoais; não sei quais, mas acredito que tenha sido por interesses pessoais. A realidade é que, quando o poder sobe à cabeça das pessoas, é muito complicado, né? A gente sabe que muda muito a postura, muito, muito a pessoa. Então, eu não sei até que ponto houve isso. Acho que uma coisa que todas as pessoas devem estar sempre muito vigilantes, que é essa questão do poder na cabeça.”
(Sexo feminino, 43 anos, casada e empresária)

“É difícil a... de fazer qualquer é... estimacão a respeito do Pastor, né? Eu imagino, eu imagino que... do que foi colocado em público, outras e outras razões deveriam existir. Porque, até as razões é... que foram apresentadas, né? Quanto àquilo que era uma prática em alguns seguimentos do anglicanismo fora do país, não era novidade pra ninguém; nem muito menos para o próprio pastor. O pastor, pra ele, não era novidade nenhuma que alguns é... comportamentos dentro do anglicanismo, fora do Brasil, não têm nada a ver com aquilo que nós queremos, que nós aceitamos nos ensinamentos bíblicos, não é? Mas como não era novidade pra ninguém, pra muita gente ali da igreja e pro pastor. Então, não justificou, de modo algum, pra mim. As razões não foram suficientes pra a gente ficar

num abandono, não é? Desse tempo todinho que ele acompanhava o anglicanismo por dentro, né? Então, realmente, não me convenceu.”
(Sexo masculino, 61 anos, casado e médico)

Ao entrevistar um pastor da Igreja Anglicana, ele esclareceu a prática desses rituais (bênção do divórcio, bênção dos animais e o casamento de homossexuais no Canadá e nos Estados Unidos), pois segundo ele:

“Veja só! A Igreja Episcopal Anglicana do Brasil é uma Igreja com mais de 100 anos no Brasil. É uma Igreja que está em comunhão com a Igreja de Cantuária, a Igreja Anglicana, a Igreja Inglesa, né? Que é uma Igreja de Tradição Histórica. Uma Igreja com a proposta protestante muito acessível às realidades da humanidade, às realidades do ser humano. E é... essa Igreja, a IEAB é... na realidade, quando aconteceu o cisma, ele foi baseado em inverdades. Os argumentos usados para a divisão não foram argumentos reais. Apenas se usou, se pegou alguns assuntos e transformou isso numa ‘bandeira’. Quando na verdade, esses assuntos já estavam dentro da Igreja. Por exemplo, um dos temas de argumento na época da divisão foi a chamada ‘bênção dos animais’, que a Igreja Anglicana agora iria abençoar, encher a igreja de cavalo, cachorro, porco, papagaio, não é? E usou esse argumento para dizer que está dividido. Quando, na realidade isso não é uma verdade. A bênção dos animais não é nada mais nada menos do que você reconhecer nos animais uma parte da criação de Deus. E você, por que não você orar pelo seu cachorrinho doente? Ou por uma criação de animais que você tem? Não trazendo para a Igreja, mas de uma certa forma você mesmo orar, alguém orar ou o pastor poder ir orar. Assim como você convida também um pastor para abençoar uma padaria que se abriu, um carro novo que se comprou. Quer dizer, uma padaria e um carro, coisas que não são criação direta de Deus eu posso abençoar. E animalzinho de criação, um animalzinho doméstico, que faz parte da sua família, que faz parte da sua vida... se, porventura, está doente; se, porventura, está precisando de um acolhimento maior... Por que não poder orar por esse animalzinho, pedir para que Deus abençoe esse animal? Então esses são exemplos, não é? Então, esses são exemplos da maneira como, realmente, havia uma proposta de bênção dos animais. Mas, não da forma como foi exposta, não é?... E como esse exemplo, todos os outros assuntos, argumentos usados, foi maquiado, foi manipulado para que as pessoas, ouvindo determinado

assunto, concordassem com a maneira como foi exposta, como foi apresentado e, realmente rompesse com a Igreja Anglicana. Com relação ao povo, eu diria que foi falta de conhecimento da verdade.”

Outros anglicanos também perceberam a “fraqueza” da identidade anglicana. Parece que na época do Pr. Paulo Garcia não havia interesse em se aprofundar nos ensinamentos e na doutrina anglicana. Como se referiu um dos meus interlocutores:

“Fui para a Igreja de Paulo Garcia, só depois fiquei sabendo que era a Igreja Anglicana. Olha! É como eu lhe disse, né? A gente pertencia à Igreja Anglicana, mas não se falava em Anglicanismo, não é? Depois foi que eu vim saber que a Cátedra do Bispo ficava lá, porque o bispo só ia lá uma vez ou outra e saía às pressas. Então, não tinha conhecimento sobre o Anglicanismo. O único conhecimento que a gente, não é? Eram as inquérias, tá entendendo?, que o pastor Paulo filtrava pra gente sobre o Anglicanismo, não é? Então, aquilo que eu lhe falei, ele disse que o problema do homossexualismo no Canadá não atingiria a gente, né? Quer dizer, algumas notícias que ele dava, não é? Então, ele não saiu pelo Anglicanismo. A nossa denominação era a Carneiro Vilela... Ele é tão sabido que ele não disse pra comunidade o que era a Igreja Carismática não. O pessoal seguiu Paulo Garcia, não a Igreja Carismática.” (Sexo masculino, 72 anos, casado e aposentado)

É interessante este último depoimento, porque aponta para um fato que eu já venho chamando atenção desde os capítulos iniciais dessa dissertação, que diz respeito à história de afiliação religiosa dos fiéis brasileiros, visto que os mesmos vinculam-se a determinadas igrejas, muito mais por questões emocionais, pelo carisma do líder religioso ou pela capacidade de aquela igreja atender às demandas dos fiéis por comportamentos mais “avivados”, com forte teor emocional. No estudo de muitos autores, percebo uma tendência a uma busca de religiões muito personificadoras. Essas pessoas, no caso, o grupo que conviveu com Paulo Garcia e continua com ele, não têm se importado com a tradição

religiosa, com a denominação ou com a história de suas famílias a respeito daquela Igreja. Na verdade, elas desejam emoção e um discurso capaz de encorajá-las na resolução dos seus problemas. Com relação a esta questão, Reginaldo Prandi (2003) assim comenta:

“As mais díspares religiões, assim, surgem nas biografias dos adeptos com alternativas que se pode por de lado oficialmente e se pode abandonar a uma primeira experiência de insatisfação ou desafeto, a uma mínima decepção. São inesgotáveis as possibilidades de opção, intensa a competição entre elas, fraca sua capacidade de dar a última palavra. A religião de hoje é a religião da mensagem rápida, da lealdade pequena, do compromisso descartável. Mas não somente o crente muda de um credo para o outro, desta para aquela religião. As religiões mudam também e mudam muito rapidamente, muitas vezes suas transformações apontam para um outro público alvo, visando uma clientela anteriormente fora do alcance de sua mensagem.” (Prandi, 2003: 28)

Entretanto, mesmo reconhecendo o atual contexto religioso, não podemos generalizar, pois o grupo que ficou com Dom Robinson demonstra um maior apego aos valores e às tradições.

Alguns fiéis da Igreja Anglicana se posicionaram no sentido de que o Anglicanismo deve ser mais rígido e mais definido quanto à sua identidade, pois, para eles, o cisma só ocorreu devido à indefinição (Via Média e *Compreensividade*) do que é ser anglicano:

“Eu acredito que aquilo foi uma oportunidade para se repensar tudo aquilo que estava passando. Eu não sei se essa oportunidade está sendo, realmente, bem aproveitada. Eu não tenho esse sentimento de que essa oportunidade esteja sendo, devidamente, aproveitada como oportunidade de revisão, de participação, não é? Eu penso até que se a Igreja Anglicana tivesse uma firmeza de identidade... Eu creio que exista um problema de identidade muito grande nessa Igreja Anglicana. Se ela tivesse, realmente, e... bem fundamentada na sua identidade, provavelmente, a ruptura poderia até ter havido, mas

teria havido de forma diferente. A insatisfação do Pr. Paulo Garcia dentro da Igreja, como ele comunicou à comunidade, teria levado a ele sair da Igreja e não ele convidar a Igreja a uma divisão. Então, eu creio que a Igreja já estava é... já estava... Eu enxergava que isso era, perfeitamente, passível de acontecer. Ela não tinha firmeza na sua identidade. Então, na primeira oportunidade em que aconteceu uma situação grotesca daquela... Eu não vejo como uma Igreja Evangélica autêntica, nem como uma Igreja Católica autêntica, nem como uma Igreja Carismática autêntica. Então, me parece que aquela forma de chamar a 'Igreja Ponte', é uma forma que não deixa perceber identidade. Uma mistura de várias em vários aspectos, que não deixa antever uma identidade definida.” (Sexo masculino, 61 anos, casado e médico)

Ao serem questionados quanto à escolha da Igreja Episcopal Anglicana, todos os anglicanos não concordaram com a postura do Pr. Paulo Garcia, seja com relação ao seu personalismo, ou pelo fato de ele ter permanecido no Templo da Carneiro Vilela. Para os anglicanos que entrevistei, essas duas características parecem ter sido as mais enfatizadas para não ficarem ao lado do líder Garcia:

“Por convicções próprias, pessoais minhas de é... Eu faço parte de um projeto de Igreja de Cristo, de Jesus Cristo. E eu vejo a Igreja Carismática com os moldes que foi feita a cisão aqui no Recife, através do Pr. Paulo Garcia, um projeto pessoal dele e, não um projeto de igreja; um projeto de cisão dele e, não uma coisa maior: uma Igreja de Jesus, uma coisa assim. Os argumentos que ele usou... são argumentos que todos nós sabíamos que não eram os verdadeiros argumentos que fizeram ele sair da Igreja Anglicana e, tudo o que envolvia a própria decisão dele foi feita com base em manipulação de fatos, muito subterfúgio, muita coisa que eu não gostei, no instante em que ele fez. E não seguiria ele, até por uma questão pessoal também. Porque ele mostrou, ao longo dos anos, que não era uma pessoa em que a gente poderia confiar como bispo de uma igreja.” (Sexo masculino, 43 anos, casado e médico veterinário)

Uma característica importante que pude observar nos meus interlocutores anglicanos é que todos eles estão ligados, de forma direta ou indiretamente, a alguma liderança da Igreja⁴⁸, a algum trabalho social ou comunitário. Todos eles fazem parte de um grupo atuante dentro do anglicanismo: CVC (Centro de Vivência Cristã), Umeab (União das Mulheres Episcopais Anglicanas do Brasil)⁴⁹, Lixão de Aguazinha etc. Seus discursos apontam para um projeto de envolvimento com classes sócio-econômicas mais baixas. O que observei foi uma movimentação dos anglicanos em relação ao trabalho comunitário, ou seja, a importância do cristão em se doar às pessoas mais carentes, desprovidas de recursos materiais. O trabalho dos anglicanos se direciona a evangelização, tendo como fio condutor os trabalhos sociais. A postura do Pr. Sérgio Andrade é de incentivar a Igreja para um trabalho de mobilização, de não se acomodar às dificuldades do país. Porém, é importante que cada fiel anglicano possa dar a sua parcela de cooperação para uma melhor qualidade de vida. Em vários cultos, presenciei campanhas no combate à AIDS, onde na porta da Igreja os membros recebiam um broche vermelho que indicava apoio ao movimento. Em outras celebrações, as pessoas receberam rosas brancas, que foram distribuídas pelas crianças; o objetivo era um pedido de paz. Durante a eleição para presidente, em outubro de 2002, a maior parte dos fiéis se colocam a favor do PT. Os sermões do Pr. Sérgio deixavam claro o seu posicionamento por uma mudança, por uma consciência política, pois, para ele, o Brasil não podia continuar do jeito que estava. No dia 29 de dezembro de 2002 houve

⁴⁸ Segundo o Pr. anglicano Miguel Uchôa, os líderes que faziam parte da “Igreja de Paulo Garcia” saíram todos, e a “massa mais pensante” ficou na Igreja Anglicana.

⁴⁹ No dia 07 de março de 2004, Angélica Campos, presidente da diretoria nacional da Umeab e membro da Catedral Anglicana, publicou um artigo no Diário de Pernambuco cujo título é *Voluntariado dentro da Igreja*.

uma campanha na Igreja; cada fiel teria que levar alimentos não perecíveis para ajudar a Comunidade de Aguazinha do lixão, devido ao incêndio.



Foto 17 – “Membro da Igreja Anglicana no CVC”



Foto 18 – “Aos 76 anos, dona Naíse foi alfabetizada”

“Eu estou muito alegre assim na minha vida, porque faz 2 anos que eu estou aqui nesse CVC e nunca aprendi meu nome, minha família... E eu nunca aprendi meu nome e, agora que eu estou aqui no CVC... Estou muito feliz. E estou mais feliz ainda do que o ano passado, porque chegou nova mudança. As coisas estão muito melhor para gente.”

No dia 10 de novembro de 2002 (domingo), o Pr. Sérgio realizou uma oração, pedindo para que os membros da Igreja permitissem que Deus realizasse uma “ultrassonografia”. Vejamos as suas palavras:

“Eu quero convidar você, como Igreja, o que há dentro de mim... Me mostra, me desnuda... Senhor, vem em mim, me revela. Muda o motivo, para que eu possa mudar de atitude... Só haverá possibilidade de futuro na nossa Igreja, se tivermos a possibilidade de avaliar a nossa conduta.”



Foto 19 – “Campanha pela Paz”



Foto 20 – “Combate à AIDS”

Ao entrevistar o Pr. Sérgio Andrade, ele falou que a Catedral Anglicana do Espinheiro, atualmente, é constituída por duas frentes principais: 1) a Pastoral da Misericórdia, que prioriza o desenvolvimento com o trabalho Social e 2) ONG, CVC Pró-Vida. Quanto a primeira frente, o Pr. esclareceu o seguinte:

“Nós apoiamos pequenos projetos, pequenas atividades sociais de outras comunidades, de outras igrejas, que desenvolvam trabalhos com crianças, com adolescentes, com jovens que estejam na periferia da cidade. E onde a Catedral pode dar um suporte, sobretudo na área financeira. Esse é um aspecto. A Pastoral da Misericórdia trabalha nessa perspectiva, além de auxiliar as próprias demandas e

necessidades da comunidade local, da comunidade das pessoas da Catedral.”

No que se refere à segunda, ele falou:

“Temos uma creche para crianças. Nós atendemos 200 crianças. Temos um trabalho com pessoas da terceira idade: nós alcançamos cerca de 130 pessoas, além de cursos de formação profissional, que atende jovens e adolescentes do Alto do Eucalipto.”

E continuou:

“Aí, realmente, é uma visão pastoral. Eu, particularmente, acredito e, pastoralmente, busco isso numa igreja que tenha compromisso social. Principalmente numa igreja que vive no Brasil.”



Foto 21 - “Pr. Sérgio (camisa branca e jeans) a caminho de uma obra social em Umburetama (PE)”

Além desta característica voltada para o trabalho social e voluntário, observei outra, que é o fato da Igreja Anglicana ter se tornado mais litúrgica, pois, em todos os cultos, os fiéis oram o Credo Apostólico, fazem o sinal da cruz, além de haver uma forte presença do bispo nos cultos. Em outras palavras, a Igreja Anglicana retomou essa nova fase com um cuidado maior em não se desligar das doutrinas, do comportamento e do seu *ethos*. O Pr. Sérgio confirmou a minha observação, quando pontuou:

“Há uma ação intencional nessa direção. Agora, uma ação educativa... trabalhar, educativamente, à igreja a conhecer a sua própria identidade litúrgica, que não é, nada mais nada menos, que o seu jeito, o seu ethos, a sua forma de adorar a Deus. A Igreja Presbiteriana tem a sua, a Batista tem a sua, a Assembléia de Deus tem a sua e os anglicanos também têm o seu perfil de adoração, tá certo?”

Após sete meses na Paróquia do Bom Samaritano em Boa Viagem, a comunidade anglicana conseguiu alugar uma casa no bairro do Espinheiro⁵⁰. Esta casa foi transformada no Templo da Catedral Anglicana. Toda a comunidade prestou solidariedade na doação de mesas, cadeiras, computadores, materiais para escritório, livrinhos infantis para a Escolinha Dominical, berços para o berçário, sem contar com a mão-de-obra dos membros que fizeram questão de realizar a faxina no local. Foi um marco na vida dos anglicanos após o cisma, como muitos colocaram: *agora estamos no nosso cantinho*. Foi um recomeço na vida desta comunidade. Cada quantia arrecadada, cada doação, cada objeto novo na “nova igreja” e até a compra do carro do pastor, foi motivo de festa, de abraços, de louvores, de

⁵⁰ O interessante é o apego da comunidade ao bairro do Espinheiro. Antes de essa propriedade ser alugada, todos deixaram clara a sua escolha pelo Espinheiro. O fato de uma das primeiras Igrejas Anglicanas ter sido nesse bairro, parece ser uma maneira de manter viva a tradição dos ingleses.

agradecimento a Deus pela nova fase. A satisfação dos anglicanos também passou a ser expressa em camisetas, cuja mensagem era: *“Prefira o que é certo, não o que é oportuno.”* Essas camisetas pareciam demonstrar a indignação dos anglicanos com relação à opção dos carismáticos.



Foto 22 – “Os Anglicanos lavam a ‘Nova Igreja’”



Foto 23 – “A Limpeza dos Banheiros”



Foto 24 – “O Cuidado com o Jardim”



Foto 25 – “Camiseta: Prefira o que é Certo, não o que é Oportuno”

Aos poucos, a antiga casa da rua Alfredo de Medeiros, no Espinheiro, foi ganhando uma aparência de Igreja. Uma Igreja que foi se constituindo a imagem e semelhança dos que dela fazem parte: trabalho voluntário, ação social, colaboração e improviso. O primeiro culto aconteceu na tarde do dia 08 de junho de 2003, que contou com as palavras introdutórias do bispo Dom Robinson Cavalcanti. Até os jovens ajudaram na coleta do ofertório, pois é importante mencionar que a Igreja Anglicana é formada por muitos jovens.



Foto 26 – “Dom Robinson na Catedral Anglicana do Espinheiro”



Foto 27 – “Os jovens ajudam no Ofertório”

Em lugares centrais do novo templo da Catedral Anglicana, encontrei mensagens que encorajavam os fiéis a trabalharem em favor das pessoas fragilizadas e excluídas socialmente⁵¹. O trabalho voluntário passa a ser uma das metas principais no processo de “reconstrução” do anglicanismo juntamente com o Projeto Reedificar, que tem por finalidade a reorganização da Igreja, não só do ponto de vista físico, mas na própria maneira de vivenciar o Anglicanismo. Segundo o Pr. Sérgio,

“é um projeto de recomeço de reconstrução da Catedral. Diante do cisma ou da divisão da Igreja que nós vivemos em setembro do ano passado. O Projeto Reedificar é um projeto amplo, de reestruturação da Igreja. Reestruturação física, estratégica, estabelecimento de pastorais e ministérios, nova missão, nova visão da igreja, novos objetivos, nova forma de ser a Catedral Anglicana da Santíssima Trindade, dando continuidade àquela comunidade que já existe no Recife desde o século passado.”

É importante mencionar que o grupo que ficou com o Pr. Paulo Garcia parece ser mais flexível quanto à mobilidade de escolha, visto que, apesar de eles terem optado pela Igreja Carismática, sempre estavam presentes na Paróquia do Bom Samaritano e, posteriormente, na rua Alfredo de Medeiros, principalmente quando os anglicanos se mudaram para o Espinheiro. A presença dos carismáticos instigava comentários do tipo: “o que é que esse povo está fazendo aqui?”⁵² Mas os carismáticos não davam muita atenção e continuavam a freqüentar. Muitas vezes, alegavam a saudade do Pr. Sérgio. O Pr. Sérgio

⁵¹ Nossa Missão: “Anunciar o amor de Deus revelado em Jesus Cristo, alcançando as pessoas de nossa geração e acolhendo os excluídos e fragilizados.” Missão do CVC Pró-Vida: “Atuar com a comunidade onde está inserida, objetivando a igualdade de direitos e oportunidades a uma vida cidadã para todos, baseados nos princípios da fé cristã.”

⁵² Muitos anglicanos, até hoje, se referem ao Pr. Paulo Garcia como o “Tabajara” e “alma sebosa.” A mesma proporção em que ele é muito amado pelos carismáticos, passa a ser bastante odiado pelo grupo de Dom Robinson.

era muito benquisto na comunidade da Carneiro Vilela, principalmente entre os jovens. Entretanto, esse fato não agradou à cúpula da Igreja Anglicana, pois de acordo com uma orientação pastoral do bispo Dom Robinson, a comunidade teria que fazer a sua escolha e, caso a opção fosse pelo Anglicanismo, os fiéis tinham que se dedicar, exclusivamente, aos trabalhos e cerimônias da Igreja Anglicana. Vejamos a “Orientação Episcopal” do bispo, que foi enviada para vários e-mails, em 10 de janeiro de 2003:

“Nós” e “Eles”: o relacionamento com os cismáticos

“Em relação ao deplorável cisma porque passamos recentemente, há de se reconhecer que nós todos que fazemos a Diocese Anglicana do Recife, temos obtido inequívocas vitórias morais e políticas, enquanto continuamos a travar batalhas jurídicas e no campo da informação.

Conquanto ‘a poeira tenha baixado’ não é possível nos comportarmos como se nada tivesse acontecido e ‘normalizássemos’ o relacionamento com aquela instituição religiosa, como fazemos, ecumenicamente, com outras denominações cristãs. De um lado, o amor, como fruto do Espírito Santo, nos leva a preservar relacionamentos pessoais (famílias e amigos se dividiram no episódio), sarando feridas; por outro lado, nenhuma normalização institucional poderá ser dada sem que tenha ocorrido duas pré-condições inegociáveis:

- a) a devolução da propriedade da Catedral, em nome da justiça, da moral e da honra dos nossos antepassados na fé;*
- b) um pedido formal de desculpas e retratação pelas injúrias cometidas contra o anglicanismo e seus líderes, com ampla publicidade.*

Diante do exposto, como vosso pastor e Bispo, com ênfase, orientamos a todos os clérigos, ministros leigos, candidatos, postulantes às Sagradas Ordens e lideranças leigas que:

- 1. Não aceitem trabalhar ou ministrar em qualquer evento patrocinado por Paróquias, Missões e movimentos da chamada ‘Igreja Episcopal Carismática’;*

2. *Não convidem ministros e lideranças daquela agremiação cismática para trabalhar ou ministrar em nossas Paróquias, Missões ou movimentos;*
3. *Que se evite comparecer ao templo ilegal e imoralmente ocupado da Rua Carneiro Vilela. Soldados em folga não passeiam em territórios nacionais ocupados pelos inimigos.*

O amor deve caminhar conjuntamente com a Verdade e a Dignidade.

Muita coisa vem sendo esclarecida nesse episódio. Evitamos comentar para não agravar o escândalo nem prejudicar o processo de esclarecimentos. Como diria minha avó: 'há coisas do arco da velha...'

Certezas absolutas já temos:

1. *Toda retórica foi cortina de fumaça;*
2. *O eufemismo das 'dificuldades de relacionamento' apenas traduziam insubmissão às Autoridades e infração às Normas.*

Nas férias, todos, façamos uma avaliação pessoal, crescamos e redediquemos nossa vida ao Senhor da Igreja, à Igreja do Senhor e ao ramo da Igreja que nos comprometemos a viver e servir."

Através dessa Carta Pastoral, o bispo deixa clara a sua indignação e orienta os fiéis para que eles tomem uma posição com relação à escolha da denominação religiosa. Caso escolham ficar na Igreja Anglicana é preciso que estejam convictos e que se dediquem a obras unicamente anglicanas. Esta orientação indica a sua tendência que se verifica a partir de uma escolha leal, de uma postura fixa. Sua postura não nega o *ethos* de inclusividade, visto que a Igreja Anglicana continua a respeitar todas as outras denominações religiosas, porém a Carta do bispo parece ressaltar um pedido de escolha em relação à Comunidade Religiosa a qual o fiel irá seguir, ou seja, a que ele vai se dedicar.

Mas não foram apenas as cartas do bispo que expressavam indignação com relação às atitudes do Pr. Paulo Garcia, pois muitos fiéis anglicanos, além de não concordar com os posicionamentos do líder Garcia, enviaram vários depoimentos pela Internet. A insatisfação dos anglicanos foi geral e a comunicação via e-mails funcionou como um canal adequado para o desabafo e o esclarecimento entre os membros da comunidade anglicana, além de garantir o anonimato dos que preferiram manter-se nesta posição.

Diante da realidade exposta, após o cisma da Igreja Anglicana, identifiquei três fases fundamentais: 1) a indefinição do grupo anglicano em relação ao ambiente em que aconteciam os cultos; 2) o acolhimento da Paróquia do Bom Samaritano a este grupo; e 3) a mudança para o próprio templo no bairro do Espinheiro. Atualmente, segundo a visão do Pr. Sérgio Andrade, a Catedral se expressa da seguinte maneira:

“Eu creio que estamos passando por um processo de reedificação, como eu disse, não é uma situação fácil, mas nós acreditamos que estamos bem. Hoje, somos cerca de 250 pessoas adultas, 40 crianças e, cremos que já vivemos, praticamente, dentro da normalidade. Há muito o que fazer, mas até aqui nos ajudou o Senhor.”

Todos esses acontecimentos foram resumidos na letra de uma música, que se chama *Hino da Vitória*. Quando os anglicanos cantam, se emocionam e, cada vez mais, tentam se unir para enfrentar a cisão de acordo com as características que coloquei acima: identidade, *ethos*, liturgia, trabalho social, liderança e reedificação. Eis a letra da música:

*“Quem é o homem
Que teve o poder
De andar sobre o mar
Quem é Ele que*

*Pode fazer o mar se calar
No momento em que
A tempestade
Vier te afogar
Ele vem com toda
A autoridade
E manda acalmar
Quem é o homem que teve
O poder de fazer Israel
Caminhar por entre as águas
Do Mar Vermelho*

*Fez caminho no meio do mar
Para o povo de Israel passar
Do outro lado
Com os pés enxutos
Puderam cantar
O hino da vitória
Quando estiver frente ao mar
E não puder atravessar
Chame este homem com fé
Tudo Ele pode fazer
Só Ele abre o mar
Não tenha medo irmão
Se atrás vem faraó
Deus vai te atravessar
E você vai entoar
O hino da vitória
Toda vez que o Mar Vermelho
Tiver que passar
Chame logo este homem
Para te ajudar
É nas horas mais difíceis
Que Ele mais te vê
Pode chamar este homem
Que Ele tem poder
Se passares pelo fogo
Não vai te queimar
Se nas águas tu passares
Não vão te afogar
Faça como Israel
Que o mar atravessou
E no nome do Senhor*

Do outro lado cantou...”

4.5 Quem são os Episcopais Carismáticos

Esse grupo é constituído pelos fiéis que optaram seguir o Pr. Paulo Garcia, ou seja, os que escolheram ficar na Igreja Episcopal Carismática, da Rua Carneiro Vilela. Da mesma forma que o anterior, realizei 17 entrevistas e, para cada entrevista, eles responderam um formulário. Fez parte dessa população 5 homens e 12 mulheres; dentre eles, apenas 3 pessoas apresentaram idade inferior a 40 anos o que indica um público mais velho. Com relação ao nível de escolaridade, 8 fiéis têm nível superior, 5 pessoas possuem o segundo grau completo, 3 se apresentaram com o nível superior incompleto e 1 com o primeiro grau completo.

No que se refere ao estado civil, a realidade apresentada foi a seguinte: 8 casados, 3 divorciados, 2 solteiros, 1 separado, 2 viúvos e 1 não se enquadrou em nenhuma das alternativas. Com relação ao bairro que residem, a maior parte mora no bairro dos Aflitos, bem próximo à Rua Carneiro Vilela. O restante variou entre Afogados, Boa Vista, Casa Forte, Encruzilhada, Jardim São Paulo, Madalena, Parnamirim e Peixinhos. Este é um dado relevante, na medida em que o fato de residir perto da igreja foi um critério significativo ao optar pela Igreja Episcopal Carismática.

Quanto ao perfil sócio-econômico, 13 pessoas residem em casa própria, 16 possuem telefone convencional e 11 têm celular. A situação de trabalho expressou-se da seguinte maneira: 11 autônomos, 3 aposentados, 2 desempregados e 1 pensionista. A média geral de

salários mínimos por pessoa é de 8,5; enquanto que a renda familiar sobe para 13 salários mínimos.

Assim como os anglicanos, nesse grupo, a maior parte dos fiéis — 8 deles — é oriunda da Igreja Católica, enquanto havia 6 evangélicos (4 presbiterianos, 1 batista e 1 não especificado), 1 afro, 1 espírita e 1 ateu. Ao serem questionados se, atualmente, estão freqüentando outra igreja além da carismática, 14 responderam que não e os outros 3 freqüentam a Igreja Presbiteriana e a Episcopal Anglicana de Piedade. Observa-se assim um passado religioso semelhante, entre os anglicanos e os carismáticos.

Quanto à trajetória de afiliação, esse grupo também passou a freqüentar a igreja após a participação em algum movimento, seja Cursilho, Encontro de Jovens, Encontro de Casais, a partir do casamento de alguém da família e conferências de outros pastores. Eis outro dado semelhante ao grupo dos anglicanos.

Das 17 pessoas entrevistadas, 12 responderam que não tinham nenhum problema na época em que se filiaram à Igreja Anglicana e 5 responderam que estavam com problemas; dentre esses cinco membros, 4 conseguiram resolver e 1 alegou o seguinte: “*estou aguardando essa bênção, que em breve vem. Receberei em nome de Jesus.*” Entretanto, 16 fiéis responderam que já foram abençoados.

No que se refere ao local onde foram realizadas as entrevistas, 4 foram feitas no “grupo familiar”⁵³, 4 na própria residência dos entrevistados, 4 no SEARA (Serviço de Atendimento Comunitário), 3 na Igreja Carismática e 2 no trabalho da pessoa. Nesse grupo, as entrevistas também foram gravadas com a permissão dos meus interlocutores.

⁵³ Este é um ministério da Igreja que muitas famílias se reúnem na segunda-feira à noite na residência de alguma família, para orar, louvar e estudar a Bíblia. A Igreja Anglicana também continuou com este trabalho, só que o nome mudou para “igreja em família.”

Ao contrário dos anglicanos, os episcopais carismáticos estão mais distantes dos trabalhos sociais, do voluntariado. O trabalho deles está mais voltado para a participação dos próprios movimentos da Igreja, pois a maioria trabalha em atividades como cantina, brechó, berçário, escolinha dominical, cursilhos e grupos familiares. A Igreja Anglicana passa a ser criticada pelos carismáticos porque mistura religião com política:

“A administração anglicana hoje tem, não é? Não sou contra ao ‘movimento dos sem terra’, mas sou contra a algumas posturas da Anglicana, não é? Eu vi pastores lá de calcinha no meio da canela e sapatilha, de camisa vermelha com propaganda dos sem-terra. Isso é muito bonito, mas pra quem está do lado de lá. Eu acho que eles poderiam proteger, defender, manter uma certa distância. Mas, eles mantêm uma aproximação agressiva. Já teve culto do bispo participar e o movimento dos sem-terra está do lado de fora para entrar na igreja, não é? Nada contra. Acho até que ele deveria defender o movimento dos sem terra, mas sem esse envolvimento, não é? Sem essa tamanha intimidade; a ponto de entrarem na igreja para atrapalhar o culto. Leva pra igreja quando estiver vazia, quando não tiver culto, sem inflamação. Porque ali não é lugar pra se fazer política, ali não é lugar pra aparecer, ali não é lugar pra se auto-promover, não é? Então, essas ações que eu vi foram grandes pecados.” (Sexo masculino, 45 anos, viúvo e representante comercial)

Se nos Episcopais Anglicanos o predomínio maior é no trabalho comunitário, nos Episcopais Carismáticos a tendência marcante é o testemunho de curas em suas vidas, de transformação e de conversão. Nas entrevistas dos carismáticos, houve um predomínio de testemunhos mais emocionados. Uma simples prova desse fato foi à quantidade de fitas que gastei para entrevistá-los, o dobro do pessoal da Igreja Anglicana. Em outras palavras, durante as entrevistas, os carismáticos se emocionavam com maior facilidade, falavam mais, não tiveram nenhuma dificuldade em expor para mim a sua vida pessoal e a forma

como Deus tem agido para abençoar suas famílias e amigos. O discurso dos carismáticos foi carregado de emoção e avivamento. O nome “Espírito Santo” é citado com bastante frequência e intimidade. Ao serem entrevistadas, muitas vezes as pessoas perdiam noção do tempo, ficando o horário que era preciso e, sempre estavam dispostas a colaborar com alguma informação para a pesquisa. Vejamos o testemunho de uma das minhas interlocutoras com relação a sua escolha pela Igreja Carismática:

“Eu optei pela Episcopal Carismática porque, eu achei que o motivo pelo qual o Pr. Paulo estava se separando da Igreja Anglicana, era um motivo que eu estava achando que ele estava com a razão, estava certo. Ele estava dentro daquilo que eu creio que é o correto, que é os ensinamentos bíblicos, entendeu? Ele tem sido muito fiel nisso, ele tem sido muito fiel a isso aí. Desde que eu conheço o Pr. Paulo Garcia, ele nunca se afastou... Então, eu achei que por esse motivo, muito mais que justo. As causas que chegaram a isso, são muitas, né? Porque houve assim, houve muita coisa que ele se desentendeu com o, como é que eu quero chamar? [Dom Robinson] é... [da Diocese Central] é da Diocese, pronto. Isso já vinha há muito tempo. Pr. Paulo, como ele mesmo já chegou a dizer: ‘chutando de barriga’, evitando que chegasse até que chegou, né?”

Ao ser questionada quanto à importância da Igreja na sua vida, ela chora e compara a “igreja de Paulo Garcia” com a igreja da qual ela fazia parte, que era a Igreja Presbiteriana:

“Na minha vida ela é muito importante, eu amo essa igreja. Porque foi aqui... Eu não posso nem dizer... que foi aqui que eu encontrei a felicidade, eu até me emociono, porque tudo o que eu mais queria na minha vida era ver a conversão do meu marido e foi aqui que eu encontrei isso, entendeu? Quando ele chegou doente (chora), desenganado (pausa), ele encontrou muito amor (pausa), tomou a minha igreja, me sinto muito muito mais assim... realizada aqui de que na igreja que eu participava na minha vida, tá entendendo? Que

era a Presbiteriana, mas eu me sentia muito assim (pausa) separada, não tinha, não sei se é porque eu era só, não é? Meu marido não me acompanhava, não participava de nada e por conta disso, eu me sentia muito isolada, sozinha e... Eu sou sincera mesmo, eu cheguei já até a comentar isso várias vezes. Não é falando, não é criticando, mas durante a doença dele, eu não tive o apoio, eu não tive o carinho, eu não tive a mão amiga, que eu deveria ter tido, entendesse? Quando as pessoas passavam por mim nem perguntavam como é que ele estava, entendeu? E então, aqui foi diferente...” (Sexo feminino, 64 anos, casada e do lar)

Essa mesma pessoa se queixou da formalidade do bispo Dom Robinson, do pouco contato com a comunidade, chegando a compará-lo com a postura do Pr. Paulo Garcia, que é bem diferente. Outra queixa foi em relação ao fato de, após o cisma, a Igreja estar com mais liberdade de expressão religiosa, ou seja, mais de acordo com as características do pessoal carismático:

“É como eu te falei, eu acho que há mais liberdade de ação, de tudo, tá entendendo? A igreja tá mais livre, mais solta, entendeu? Foi bom, foi bom, eu acho que foi muito bom. As poucas, eu não tive muita... Eu posso dizer, não tive nenhuma aproximação com o bispo, mas o pouco que eu... o pouco tempo que eu tive, né? Eu achei que havia assim uma... ele não era assim, tá entendendo? Não era de perto. De passar, de ficar, de saber como é que está... ser mais próximo. É isso, ser mais próximo das ‘ovelhas’, porque de qualquer maneira conta, né? Afinal de contas ele é o bispo. Mas eu estou muito feliz, graças a Deus!”

O fato de residir próximo à Igreja, o entrosamento afetivo com a comunidade e a admiração pelo Pr. Paulo Garcia foram motivos importantes alegados por esse grupo para optar pela Igreja Carismática:

“... Eu já tava na igreja, certo? E eu sempre me identifiquei ali na igreja. Se o pastor ficou lá, então a minha opção foi de ficar na carismática. O pastor em si e a comunidade, entendeu? A comunidade que eu tenho encontro de familiar com familiar. Então, eu já tava acostumada e sair pra outra, não achei correto. E o pastor Paulo também pra mim, ele ainda tem muita coisa... foi através dele que eu comecei o meu caminho na igreja, a palavra dele, foi isso.”
(Sexo feminino, 47 anos, casada e do lar)

“A igreja aqui, o templo aqui já era anglicano. Quando, ele passou pra carismática, eu continuei aonde estava, porque não gosto de tá mudando: eu já vim da Igreja Católica, aí vim pra Episcopal, aí ela sai e fica Carismática. Então, eu fiquei onde estava. Não tinha motivos assim... eu, pelo menos, não tinha um motivo aparente. Pra mim, foi a comodidade de ficar aonde eu estava, pouco dependia da denominação da igreja. Tá certo? Pra mim, o bairro mais perto de casa, tudo pra mim. Eu gosto das pessoas que estavam na igreja, me dei bem com todo mundo, me senti amada dentro da igreja e aí eu continuei, certo?” (Sexo feminino, 57 anos, solteira e aposentada)

O depoimento desta minha interlocutora me chamou atenção para dois pontos: 1) ela não se deu conta de que, mais uma vez, mudou de denominação religiosa, pois, de católica, passou à anglicana, e, finalmente, à carismática; e 2) como muitos autores já revelaram, para Hervieu-Lérger (1993), os fiéis da contemporaneidade não se prendem a uma tradição religiosa; para eles o envolvimento afetivo com a comunidade passa a ser mais relevante, como por exemplo, o fato de sentir-se amada e acolhida pelo grupo.

O troca-troca de igrejas é marcante no atual cenário sócio-religioso brasileiro. As pessoas escolhem uma determinada igreja de acordo com a sua comodidade, se aquela igreja será capaz de atender as demandas subjetivas, ou seja, responder aos seus conflitos pessoais. O importante é sentir-se bem, é fazer parte de um grupo que atenda às carências e particularidades de uma vida repleta de problemas. Tais comunidades também fazem com que os fiéis sintam-se mais úteis, mais importantes, à medida que são convocados a

trabalhar em alguns serviços da igreja; a vida vai tomando um outro sentido. Sendo assim, observo que os fiéis da Igreja Episcopal Crismática se enquadraram muito bem nessa situação. Vejamos um depoimento:

“Depois que eu entrei na Igreja Episcopal a minha vida mudou. É... eu sou neta de pastor presbiteriano, fui educada em colégios evangélicos presbiterianos, fiz parte de uma Igreja Presbiteriana. Mas, quando eu fui chamada para ir para o Cursilho, eu fiz o Cursilho, freqüentei as decúrias. Depois, comecei a ser chamada para trabalhar em cursilho. E eu comecei me envolvendo, comecei a dirigir decúria, comecei me envolvendo com a Igreja e isso aconteceu de tal maneira muito... de uma maneira assim que... Esse movimento meu com a Igreja Episcopal foi a maneira que Deus usou pra mudar a minha vida, fazer as mudanças que a minha vida estava precisando. Claro que eu ainda preciso de mudanças como todo mundo precisa, diariamente, mudar. Mas, acontece que pra mim foi fundamental eu ter me envolvido com a Igreja Episcopal. Porque a minha vida, eu classifico ela de duas maneiras: antes da Igreja Episcopal e depois. E depois, a minha vida mudou, totalmente, em relação a minha vida espiritual, a minha vida social, é... Enfim, mudou pra melhor. Eu posso dizer que sou uma pessoa muito feliz, porque eu estou aqui nessa comunidade. Não quero dizer que nas outras comunidades não sejam assim, mas foi aqui que Deus me colocou... Minha vida mudou radicalmente. Eu tenho um filho que é presbiteriano, e daqueles de ‘pé junto’, como se diz. Mas ele fala: ‘Mãe, a Igreja Episcopal entre as outras denominações, ela 80% vive o amor mais do que as outras denominações. As outras podem até ter mais doutrina, porque o sistema é diferente.’ E a Igreja Episcopal, agora, essa que está agora, a gente está vendo que é uma igreja mais bíblica, tem mais estudos.” (Sexo feminino, 62 anos, divorciada e do lar)

Além desses motivos, algumas pessoas alegaram que não concordaram com os ritos realizados na Igreja Anglicana do Canadá e dos Estados Unidos, que se referem ao casamento de homossexuais e a cerimônia do divórcio. O depoimento dessa interlocutora demonstra um certo moralismo com relação aos ritos do anglicanismo. É importante

ressaltar que apesar dos carismáticos terem uma tendência de comportamento religioso mais “avivado”, eles alegaram não concordar com a “permissividade” Igreja Anglicana.

Vejamos:

“Agora, realmente, eu não aceito, não aceito de jeito nenhum, casamento de homossexuais, lésbicas. Isso é um absurdo uma coisa dessa. Porque na Bíblia está escrito de Gênesis a Apocalipse. Isso é uma abominação para o Senhor. Aliás, não precisa nem isso. Deus não fez o homem, fisicamente, para se relacionar com outro homem. Deus fez homem e mulher diferente para se relacionar. Ah! Eu sou pela felicidade. Que felicidade? O homem com homem não é felicidade e, a mulher com mulher não é felicidade. Isso é um desvio que tem que ser tratado. Porque Deus não fez o homem para transar com outro homem.” (Sexo feminino, 62 anos, divorciada e do lar)

A liderança do Pr. Paulo Garcia, seu carisma e a sua capacidade de congregar foram características muito enfatizadas nesse grupo:

“Eu acho que todos os movimentos políticos-religiosos, eles carecem de um líder, de uma pessoa que, realmente, gera influência entre os frequentadores, os participantes. E a figura de Paulo Garcia é uma figura que congrega, que atrai, não é? Ele é um líder, realmente, espiritual muito forte... Tem muita gente naquela igreja, que não é carismática, é ‘paulete’. A figura do pastor é muito importante... Ele (Paulo Garcia) se portou heroicamente, porque você ser alvo de difamação e esculhambação... É muito ruim, não é? Então, muitas pessoas não estão preparadas para passar por esta provação. Então, eu acho que ele mostrou muita coerência, muita dignidade.” (Sexo masculino, 45 anos, viúvo e representante comercial)

As primeiras entrevistas com os carismáticos foram realizadas no SEARA (Serviço de Atendimento Comunitário). Este serviço foi organizado a partir da AME (Associação das Mulheres Episcopais), que está ligada à Igreja Episcopal Carismática. O

objetivo é prestar serviços às famílias carentes, tais como doações de cestas básicas, enxovais, brechó, assistência jurídica, médica, odontológica, psicológica, evangelização, dentre outros. Só que este grupo teve uma curta duração: foi inaugurado no dia 08 de março de 2003 e durou pouco mais que quatro meses. O SEARA deixou de existir e em seu lugar há a seguinte placa: *Igreja Episcopal Carismática do Brasil – Centro Diocesano Austin Randolph Adler* Este é um dado relevante na medida em que confirma que a ênfase maior deste grupo está relacionada aos aspectos avivados, de uma relação íntima e individual com Deus; além de uma tendência a rejeitar o racionalismo e a tradição religiosa.



Foto 28 – “Carismáticas no Brechó”



Foto 29 – “O Grupo Carismático numa reunião do ‘grupo familiar’”

Além desse aspecto de avivamento, do gosto pela festa, pela emoção, pelos dons espirituais e da admiração voltada para o Pr. Paulo Garcia, há uma outra característica que é o fato de a Igreja Carismática promover uma *Feira de Oportunidades*. Nessa feira, várias pessoas da Igreja têm a oportunidade de expor suas habilidades artísticas e vender o seu material: tapeçaria, culinária, cerâmica, utensílios de palha, até produtos importados, sendo 10% da venda arrecadada para as obras sociais da Igreja. Este evento também conta com apresentações teatrais das pessoas da própria Igreja. Vejamos algumas fotografias:



Foto 30 – “A Feira de Oportunidades”



Foto 31 – “Apresentação Teatral”

Não só as *Feiras de Oportunidades*, mas as palestras que são realizadas nas noites de quarta-feira, a partir das 19h, lotam todo o Templo da Carneiro Vilela. A finalidade é tratar algum tema da atualidade, tendo como princípio básico a leitura da Bíblia. Os encontros são denominados “cultos carismáticos”. Os temas variam e são abordados em palestras, a saber: *Qualidade de vida* (ministrada pela Dr^a. Maria Goretti Albuquerque, coordenadora do Programa Vigilantes do Peso), *Depressão, o esgotamento da alma* (ministrada pelo Pr. Martorelli Dantas) e *Reencarnação e Karma — quais as razões do sofrimento humano?* (ministrada pelo Pr. Martorelli Dantas). São temas que despertam a atenção de vários fiéis, seja qual for a denominação religiosa, chegando até fazer com que muitos deles se filiem à Igreja Episcopal Carismática. Em um desses encontros, a mensagem central era: “*A nossa fé não se baseia em nossa Razão. A nossa fé se baseia na Revelação.*”

Portanto, a partir dos dados coletados de ambos os grupos (anglicanos e carismáticos), observei que tanto o perfil sócio-econômico como o passado religioso converge. Entretanto, há uma característica crucial que diferencia os anglicanos e os carismáticos, que diz respeito às experiências de vida. Ou seja, ao mencionar sua trajetória na Igreja, a maioria dos carismáticos fazia questão de citar alguma manifestação de cura em suas vidas. Já o discurso dos anglicanos está ligado à identidade religiosa, aos estudos sobre a história da Igreja e à crítica a Paulo Garcia. Para os anglicanos, o líder Garcia é apenas um bom orador. Isso não quer dizer que os Episcopais Anglicanos não tenham testemunhos de curas em suas vidas ou que não se emocionem ao falar do Espírito Santo, mas o fato é que no momento deles serem abordados por ocasião das entrevistas, o predomínio de seus

discursos demonstrou mais racionalidade e uma forte ligação aos valores da tradição anglicana.

Ao identificarmos as principais características de ambos os grupos: os episcopais anglicanos e os episcopais carismáticos; chamo atenção para a polifonia. Antes de acontecer a divisão da comunidade (setembro de 2002), esses dois grupos conviviam no mesmo espaço, que era no templo da Rua Carneiro Vilela. Como já revelei anteriormente, um grupo mais avivado, com maior manifestação emocional (carismáticos) que se chocava com um outro que era mais racional, mais ligado aos valores e doutrinas da Igreja Anglicana (anglicanos). Em outras palavras, percebi que o aspecto polifônico teve uma marca bastante expressiva na minha pesquisa, seja antes de haver a cisão, quando os grupos conviviam lado a lado, seja num momento posterior, quando houve a formação de uma nova igreja.

John Burdick (1998) chamou atenção para esse aspecto da pluralidade, o qual foi denominado, no seu trabalho de campo, de polifonia. A sua pesquisa aconteceu na década de 1980, num bairro da Periferia Urbana do Rio de Janeiro, São Jorge. Nesta realidade, Burdick observou o porquê da diminuição dos fiéis católicos e o aumento de adeptos no pentecostalismo e na umbanda. Ele nos chamou atenção para um ponto muito relevante, quando se trata de um grande número de adeptos religiosos e como os discursos e práticas religiosas são apreendidas e compreendidas de modos diferentes por públicos diferentes. Para este antropólogo, o significado da religião está relacionado ao perfil religioso dos adeptos. É como se houvesse, para cada perfil psicológico, uma prática religiosa adequada, uma forma de expressar a devoção a Deus de acordo com o gosto e o desenvolvimento emocional de cada um. Ou seja, as pessoas se aliam a um determinado grupo religioso que

seja capaz de atender as suas expectativas internas, ao seu perfil psicológico, que não poderá estar desvinculado da história de vida que cada um traz consigo. Como afirma o próprio autor:

“Pela explicitação tanto das exegeses quanto das histórias de vida, revelamos, então, a série de significados que determinada prática significativa possa ter sobre a subjetividade e chegamos mais perto da compreensão do grau em que os participantes de grupos religiosos põem pessoalmente em primeiro plano aqueles significados que fazem eco com suas experiências de vida particulares.” (Burdick, 1998: 18)

Como foi possível verificar, os discursos de cada grupo possuem uma peculiaridade, que, no caso dos anglicanos, se expressa através de uma tendência de responsabilidade para com o social, enfatizando uma consciência voltada para as obras sociais. Em contrapartida, os carismáticos se expressam a partir de uma relação muito pessoais e individuais com Deus, que é exemplificada nos seus depoimentos de cura.

Maria das Dores Machado e Cecília Mariz (1997) realizaram um estudo comparativo entre os discursos das mulheres nos grupos pentecostais, nas Comunidades Eclesiais de Base e nos grupos carismáticos católicos do Rio de Janeiro. Sem entrar na discussão das diferenças entre as camadas sócio-econômicas e, nos estudos de gênero, percebo uma semelhança entre os discursos das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e o discurso dos anglicanos que tive contato, cuja ênfase é a consciência social através da mensagem bíblica; assim como os depoimentos dos episcopais carismáticos convergem com os testemunhos de cura, conversão e mudança de vida dos pentecostais e dos católicos carismáticos.

Maggie (2001), também abordou o tema da cisão num ambiente religioso, identificando também o aspecto polifônico no terreiro de umbanda: os que se identificaram com o código burocrático e os que aderiram às leis do santo. Apesar da distância doutrinária e religiosa do seu campo de pesquisa e do meu, pois o drama retratado por esta autora aconteceu na religião afro-brasileira, ambos os grupos abordaram o drama de um cisma e sua conseqüente transformação nas relações de grupo. O estudo de Maggie foi realizado na Tenda Espírita Caboclo Serra Negra, localizado no bairro do Andaraí, no Rio de Janeiro, no período compreendido entre junho e setembro de 1972. Nesses quatro meses, a autora observou a vida desse terreiro, desde a sua inauguração até seu fechamento.

Nesta perspectiva, realizei um contraponto com a minha pesquisa, visto que, em ambas as situações, foi possível a participação e a observação de um conflito num ambiente religioso: as rupturas, os pactos, a formação de novos grupos, as opiniões a respeito dos fatos, além da identificação dos dois líderes mais representativos na trama social.

Por se tratar de dois ambientes sagrados, as descrições dadas aos fatos não poderiam deixar de remeter à influência divina, seja com relação aos orixás, seja trazendo Deus ou o Espírito Santo como inspiradores, por excelência, no esclarecimento dos fatos ocorridos. Tanto a Demanda⁵⁴, como o desvio da Palavra de Deus, foram descritos pelos participantes dos dois grupos como propulsores do cisma. Eles representaram, simbolicamente, a relação conflituosa entre o Pai-de-Santo e o Presidente, como também entre Dom Robinson e o Pr. Garcia.

O terreiro estudado por Maggie foi se transformando durante a sua curta existência, desde o número de integrantes até a própria assiduidade aos cultos. Ela

⁵⁴ Demanda: “*Guerra de orixá, batalha ou briga de santo*”. (Maggie, 1972: 143)

observou, desde a sua criação até a sua morte, todos os acontecimentos, os rumores e os depoimentos dos membros. Tanto nesse conflito, como no cisma da Comunidade Anglicana, foi possível observarmos as representações polifônicas: os mais “avivados” e os mais “racionais”. Sendo que, em ambos os casos, a polifonia expressa nos grupos religiosos provocou uma cisão: a comunidade foi separada. Porém, há determinadas instituições religiosas em que é possível se manter uma tolerância de discursos polifônicos, onde o convívio é possível. Nesse sentido, chamo atenção para a pesquisa de De Theije (2002), cujo cenário foi a Paróquia de São Vicente, situada na diocese de Garanhuns, no Estado de Pernambuco. O seu estudo demonstrou que nessa Paróquia a ordem religiosa local é bem diversificada, pois CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e Grupos de Oração (apesar de esse atrair mais pessoas) não têm problemas em combinar os diversos discursos religiosos. Talvez a diferença entre a Igreja Anglicana e as outras denominações religiosas, no que se refere à cisão da primeira e o convívio polifônico da segunda, esteja relacionado à organização institucional de ambas. Muitos autores têm chamado atenção para a organização de grupos religiosos como elemento importante na eficácia de sua expansão ou de seu declínio/retração (ver Prandi, 2003 e Mariz, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer de todos os capítulos, tive como finalidade principal contextualizar a Igreja Episcopal Anglicana no aspecto macro-religioso brasileiro. Um contexto que se apresenta como plural, dinâmico, efervescente e mercadológico. A Igreja Anglicana, assim como outras tradições religiosas, participam de uma realidade competitiva. Contudo, acredito que o fato de ser inclusiva e *compreensiva* em muito favoreceu a desnaturalização de seu *ethos*. Nesse sentido, deparei-me com um paradoxo, visto que tais características trazem como essência a “unidade na diversidade”. Essa afirmação, ao mesmo tempo em que permitiu a polifonia na Catedral Anglicana, também possibilitou uma quebra, uma divisão.

As transformações ocorridas no anglicanismo (de capelania da comunidade inglesa à igreja ampliada para a “massa”) foram reforçadas pelos dados trazidos pela família *Paterson* e o Dr. Paulo Medeiros. As entrevistas que realizei com esses interlocutores me apontaram para uma “metamorfose anglicana”, como foi possível verificar através da abolição do LOC, do “culto das bandeiras”, do “culto da colheita” e do desuso do órgão de tubos. Essas atividades não estavam sendo mais “eficientes” para atender a um novo perfil de fiel, visto que este também foi sendo moldado.

Em muitos momentos, durante a conversa com a família *Paterson*, foi possível observar suas descrições, suas emoções e reflexões, como se o passado fosse outra vez revivido. Como afirmou Antônio Montenegro (2001):

“Reconstrói as marcas de um outro tempo com uma emoção renovada, como se a cada momento vivesse uma peleja final, apesar da trilha do presente permear o caminhar pelos caminhos das marcas do passado.” (Montenegro, 2001: 01)

As características da Igreja Anglicana foram reconstruídas, foram re-significadas a partir das vivências atuais. Se, no início, eu estava preocupada em resgatar, em recuperar os dados “daquela época”, ao longo da entrevista e após o contato com o estudo da memória, fui percebendo que trabalhar com memória não significa apresentar um registro imutável de um determinado período, visto que esse período é reconstruído; ou seja, não existe uma memória pura, pois ela é sempre influenciada pelo presente. É sempre uma memória da memória, visto que esta será sempre re-significada. Isto quer dizer que a narrativa apresentada pelos membros da família *Paterson* foi seletiva, não se tratou de uma “entrevista” sobre memória, mas de um discurso.

Segundo Montenegro (2001) há dois tipos de narradores: 1) o que reconstrói o passado revive, ou seja, volta-se para o passado relatando todas as emoções da época; e 2) o narrador que é sempre muito racional, visto que valoriza muito mais os valores e símbolos de um determinado tempo. Identifico a família *Paterson* fazendo parte deste primeiro tipo de narrativa justamente pelo aspecto das emoções estarem tão presentes em seu discurso. Já a entrevista com o Dr. Medeiros se apresentou de maneira diferente. Ele demonstrou grande desconforto com relação às mudanças da Igreja Anglicana, chegando a mencionar uma descaracterização em relação ao anglicanismo, devido ao personalismo do Pr. Paulo Garcia. Acredito que ele se enquadra no segundo tipo de narrador. Não estou afirmando que com isto ele não demonstre emoção, só que a sua emoção parece ter sido melhor expressa através da desvinculação de Paulo Garcia com a identidade anglicana. Ambos (*Paterson* e

Dr. Medeiros) reconstruíram o passado através de suas vivências no presente; só que o ex-pastor Medeiros criticou o personalismo de Paulo Garcia e Anthea *Paterson* demonstrou uma certa ambigüidade no seu discurso, pois, mesmo lamentando algumas transformações na Igreja Anglicana, também enfatizou a influência do líder Garcia na expansão do anglicanismo no Nordeste.

O dom da oratória, a capacidade de *falar de perto*, como ressaltou uma das minhas interlocutoras, além da sensibilidade de tocar nas subjetividades dos fiéis anglicanos, mostraram-se como estratégias eficientes no momento do cisma. Todas essas características, como o leitor teve a oportunidade de observar, eu as apresentei a partir das cerimônias do *Catch the Fire*, das feirinhas de oportunidade, pelos movimentos: Cursilhos, Encontro de Jovens, Encontro de Casais com Cristo, Acampamento Juvenil etc. Se no início esses encontros passam a se revelar como verdadeiros “divisores de água” na vida do membro convertido, num momento posterior eles passam a fazer sentido no dia-a-dia dos fiéis, devido aos envolvimento com os trabalhos, a organização dos eventos e o poder de levar as bem-aventuranças aos outros que ainda não tiveram a oportunidade de ter um encontro íntimo com Deus.

Após o cisma da Catedral Anglicana, a comunidade foi dividida em dois grupos: os anglicanos que identifiquei como os mais racionais e os ligados aos aspectos da identidade e liturgia anglicana, e, os carismáticos, como os mais “avivados”, com forte ênfase na experiência com o Espírito Santo. De acordo com as duas realidades, não percebi diferenças quanto ao perfil sócio-econômico e a história de afiliação desses dois grupos. De forma que a explicação para a escolha religiosa (conversão) não se localizou na classe social, renda ou profissão. Como sugeriram os dados da minha pesquisa, a explicação

estaria nas diferentes trajetórias e experiências dos indivíduos. Os aspectos mais relevantes quanto ao perfil de ambos são o gosto e a inclinação dos anglicanos em trabalhar nas obras sociais e dos carismáticos nas atividades ligadas à Igreja. Os Episcopais Carismáticos se revelaram a partir de um discurso voltado para a cura, um discurso que trazia no seu âmago sofrimentos, desilusões e perdas, mas que puderam ser recuperados a partir da filiação à Igreja; ou seja, a partir de uma experiência forte com o Espírito Santo, essas pessoas perceberam um novo sentido para a vida, uma transformação que foi possível ser vivida através, não só de uma experiência particular, como também de um discurso encorajador, um discurso atrativo de um líder forte e amoroso para com sua comunidade. A escolha ou conversão desse grupo (carismáticos) reforça o processo de desinstitucionalização de Hervieu-Lérger (1993) e o primado da experiência como forma de crença. Já os episcopais anglicanos levantaram muitas críticas direcionadas ao líder Garcia, não acreditaram no motivo que ele alegou para se desvincular da Igreja Anglicana. Os anglicanos se direcionam para um trabalho de reedificação, seja da própria construção do novo templo como para um projeto de aliciamiento da identidade e valores anglicanos, ou seja, é como se eles estivessem mais resistentes à mudança e ao discurso animador dos grandes líderes carismáticos. Suas preocupações se voltam mais para uma visão progressista e de apoio à tradição anglicana, se caracterizando como uma forma de crença diferente do grupo anteriormente citado. Como analisou Frei Betto (1981):

“Não basta uma libertação pessoal e interior do homem que não transforme as estruturas eivadas de pecado em que ele vive e pelas quais se sente condicionado. Por isso esta libertação tem necessariamente um alcance político, dentro de um contexto econômico e social” (Betto, 1981: 14)

A diferença que observei nesses dois grupos se deu a partir do conteúdo de seus discursos. A oposição de comportamentos que se deu entre a entrega espiritual e o trabalho social. Mas, mais uma vez, faço questão de não colocar uma “parede rígida” no que se refere às características dos dois grupos. Visto que o fato dos carismáticos enfatizarem as experiências com o Espírito Santo, não nega o comportamento emocional, a alegria nos cultos e o envolvimento afetivo da comunidade anglicana. Até porque os anglicanos fazem parte de grupo bem menor, onde todos se conhecem, onde todos se uniram para a organização da “Igreja Nova” e escolheram uma música que representa toda esse processo de reedificação.

Ainda com relação à demarcação do perfil de cada grupo religioso, não podemos nos esquecer que os carismáticos não deixam de ser um grupo político, pois a opção deles se deu a partir de um posicionamento com os representantes políticos “de direita”. Em outras palavras, a tendência dos anglicanos em se identificarem com as propostas mais progressistas e “de esquerda” não desconsidera o caráter político do grupo que ficou com o Pr. Paulo Garcia. O que vai diferenciá-los apenas é a ênfase em determinadas propostas de trabalho.

Um aspecto comum fez, inicialmente, partes de ambos os grupos que é o fato deles terem pertencido à mesma Igreja e sob o mesmo discurso religioso. Como pude demonstrar, a Igreja da Carneiro Vilela era bem freqüentada do ponto de vista sócio-econômico de seus fiéis, sendo a maior parte de classes média e alta. Ou seja, a história de conversão dessas pessoas foi além das suas dificuldades materiais. O fato de se deixar levar por discursos encorajadores e com promessas de cura, pelo menos na minha pesquisa não

está vinculado ao nível de escolaridade e ao perfil sócio-econômico. A população do meu campo etnográfico, em termos da sociedade mais ampla, é tida como “elite” na realidade brasileira, por ter curso superior e uma renda familiar acima de 13 salários mínimos. Este fato observado na minha pesquisa reforça ainda mais a religiosidade contemporânea no Brasil. Não se trata apenas de planos estratégicos realizados por líderes religiosos para manter sua igreja sempre cheia, mas de uma realidade comum, de uma atmosfera espiritual e uma característica facilmente encontrada em várias Igrejas Históricas que passa a ser fortalecida pelo significativo aumento de fiéis nas Igrejas Neopentecostais. Em outras palavras, as modificações que foram implementadas na Igreja Anglicana ao longo da liderança do Pr. Paulo Garcia, atenderam ao desejo interno dos fiéis; tais desejos são contextualizados e sinalizados numa demanda maior que está relacionada à “sede” dos fiéis brasileiros pelo “avivamento” espiritual. A popularidade do líder Garcia e o crescimento do anglicanismo estão inseridos neste cenário competitivo e, conseqüentemente, mercadológico.

Hervieu-Lérger (1993), ao apresentar um estudo sobre *La Religion pour Mémoire*, expõe um desafio para a contemporaneidade, pois está cada vez mais difícil garantir a configuração religiosa que é marcada pelo “imperativo da continuidade” numa sociedade movida pelo “imperativo da mudança”. Para ela, a crise da tradição religiosa na modernidade é a crise de sua transmissão e do passado como referência para explicar o presente. Sendo assim, novas opções são apresentadas para os indivíduos, cujas características principais é o apego às religiões a partir de vínculos emocionais e a valorização da experiência com o sagrado. Fazendo com que as várias denominações

religiosas se coloquem numa posição de mercado, como mencionou Guerra (2000), a lógica passa a ser a mesma das empresas seculares para atrair um maior número de fiéis.

O fiel brasileiro passa a ser um nômade da fé, a escolha de uma igreja passa a ser alterada a partir do momento em que uma outra denominação surge se mostrando “mais completa” e capaz de atender com maior eficácia às subjetividades dos errantes brasileiros. Autores como o sociólogo Zygmunt Bauman (1997) e o psicanalista Joel Birman (2001) revelam o mal-estar na contemporaneidade, mal-estar esse que se apresenta não só na religião mas em outros aspectos da vida como nas relações humanas, nas abordagens psicoterápicas, no olhar clínico para com o paciente que traz uma demanda pós-moderna, na escolha de uma profissão etc. Toda essa dinâmica social nos coloca, enquanto cientistas sociais, pensar a cultura como móvel, além de nos fazer repensar até que ponto os antigos e tradicionais paradigmas clássicos da antropologia poderão nos ajudar.

A partir da pesquisa que apresentei, faço questão de deixar para o leitor as reflexões do meu campo etnográfico que está relacionado essencialmente à mudança de comportamento dos fiéis brasileiros, suas instabilidades, suas insatisfações e suas exigências para a escolha de uma religião capaz de atendê-los, de servi-los da melhor maneira possível. Essa exigência passa a ser comparada ao mesmo nível de exigência dos consumidores contemporâneos: maior quantidade de serviços, comodidade, discurso encorajador, eficiência etc, fazendo com que a grande quantidade de igrejas se coloque numa posição de competição. Com tal análise, não foi o meu interesse reduzir a religião ao aspecto mercadológico, mas contribuir para esta linha de pensamento que tem sido amplamente debatida e pesquisada por outros antropólogos e sociólogos brasileiros.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- (Autor não identificado). (2000). *Paulo Ruiz Garcia: 30 anos de pastorado — 1970-2000*. Recife: EBGE.
- ANTONIAZZI, Alberto et alli. (1994). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes.
- AQUINO, Rev. Jorge. (2000). *Anglicanismo: uma introdução*. Recife: Perfilgráfica.
- _____. (Org.). (2002). *Dioecese Anglicana do Recife: ritos ocasionais*. Recife: Comissão diocesana de Liturgia.
- BAUMAN, Zygmunt. (1997). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BECKER, Howard S. (1999). *Método de pesquisa em ciências sociais*. 4^a. ed. São Paulo: Hucitec.
- BERGER, Peter L. (1985). *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas.
- BERGSON, H. (1999). *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes.
- BETTO, Frei. (1981). *O que é comunidade eclesial de base*. São Paulo: Brasiliense. v. 19. Coleção Primeiros Passos.
- BIRMAN, Joel. (2001). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 3^a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- BIRMAN, Patricia (2001). Conexões políticas e bricolagens religiosas: questões sobre o pentecostalismo a partir de alguns contrapontos. In: SANCHIS, Pierre. (Org.). *Fieis & Cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. pp. 59-86.
- BORHEIM, G. (1997). O conceito de tradição. In: BORHEIM, G. et alli. *Cultura brasileira: tradição/contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (1994). A crise das instituições tradicionais produtoras de sentido. In: MOREIRA, Alberto, ZICMAN, Renée (Orgs.). *Misticismo e novas religiões*. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes. pp. 23-66.
- BURDICK, John. (1993). *Procurando Deus no Brasil: a Igreja católica progressista no Brasil na arena das religiões urbanas brasileiras*. Rio de Janeiro: MAUAD.
- CALVINO, Ítalo. (2002). *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. (1997). *Teatro templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. 2ª. ed. São Paulo: Vozes.
- CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. (1995). *Emoção, Magia, Ética e Racionalização: as múltiplas faces da Igreja Universal do Reino de Deus*. Dissertação de Mestrado. Recife: Mestrado em Antropologia. UFPE.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. (2003). Sociologia da Religião: enfoques teóricos. *A sociologia da religião de Danièle Hervieu-Léger: entre a memória e a emoção*. TEIXEIRA, Faustino (Org.). Petrópolis: Vozes. pp. 249-267.
- CÉSAR, Elben M. Lenz. (2000). *História da Evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa: Ultimato.
- CLIFFORD, James. (1998). Sobre a autoridade etnográfica. In: _____. *A experiência etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ. pp. 17-62.

- DURKHEIM, Émile. (2000). *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes.
- FREYRE, Gilberto. (2000). *Ingleses no Brasil*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Topbooks.
- GUERRA, Lemuel, Dourado. (2000). *Competição, demanda e a dinâmica da esfera da religião no Nordeste do Brasil*. Tese de Doutorado. Recife: Doutorado em Sociologia.
- HALBWACHS, M. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. (1993). *La religion pour mémoire*. Paris: Les Éditions du Cerf.
- LARAIA, Roque de Barros. (2000). *Cultura: um conceito antropológico*. 13ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LEWIS, Ioan M. (1971). *Êxtase religioso: um estudo antropológico da possessão por espírito e do xamanismo*. Perspectiva: São Paulo. Série Debates.
- MACHADO, Maria das Dores C., MARIZ, Cecília L. (1997). *Mulheres e prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos*. RBSC. v. 12, n. 34. junho/97.
- MAFRA, Clara. (2001). *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Coleção Descobrendo o Brasil.
- MAGGIE, Yvonne. (2001). *Fetichismo, Feitiço, magia e religião*. In: ESTERCI, Neide, FRY, Peter, GOLDENBERG, Mirian (Orgs.). *Fazendo Antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A. pp. 55-74.
- _____. (2001). *Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. (2002). 5ª. ed. *Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- MARIANO, Ricardo. (1999). *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola.
- MARIZ, Cecília Loreto. (1995). *A caminhada do louvor*. Projeto de Pesquisa. (mimeo).
- _____. (2001). Católicos da libertação, católicos renovados, neopentecostais. In: *Pentecostalismo, Renovação Carismática e Comunidades Eclesiais de Base*. CADEROS CERIS. Ano I. n. 2. Outubro/2001. pp. 17-42.
- _____. (2003). A renovação carismática católica: uma igreja dentro da Igreja. In: *Civitas*. v. 3, junho, 2003.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. (2003). Bailando com o Senhor: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). *Revista de Antropologia*. v. 46. n. 1. pp. 9-40.
- MAUSS, Marcel. (1909). A prece. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso. (Org.). *Marcelo Mauss: Antropologia*. São Paulo: Ática, 1979. v. 11. Coleção Grandes Cientistas Sociais. pp. 102-146.
- _____. (1964). Noção de Técnica Corporal. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP. v. 2. p. 211-233.
- MEDEIROS, Bartolomeu F. de. (1995). *Entre almas, santos e entidades outras no Rio: os mediadores*. Rio de Janeiro: Museu Nacional. (mimeo).
- MELLO, José Antonio Gonsalves. (1972). *Ingleses em Pernambuco: história do Cemitério Britânico do Recife e da participação dos ingleses e outros estrangeiros na vida e na*

- cultura de Pernambuco, no período de 1813 a 1909. Recife: Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). (2002). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21^a. ed. Petrópolis: Vozes.
- MIRANDA, Júlia. (1999). *Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso e do político*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- MOTTA, Roberto Mauro Cortez. (1991). *Edjé Balé: alguns aspectos do sacrifício no Xangô de Pernambuco*. Tese de concurso para professor titular de Antropologia no Departamento de Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE. Recife: UFPE.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. (1998). *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Papalelo 15; São Paulo: UNESP.
- PATRIOTA, Karla. (1999). *Igreja Episcopal Anglicana do Brasil*. (mimeo)
- _____. (s/a). *Quadro atual do Cristianismo na América Latina*. (mimeo).
- PRANDI, R. (2003). Religiões afro-brasileiros e seus seguidores. In: *Civitas*. v. 3, junho, 2003.
- SANCHIS, Pierre. (1997). O campo religioso contemporâneo no Brasil. ORO, Ari Pedro, STEIL, Carlos Alberto (Orgs.). In: *Globalização e religião*. 2^a. ed. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. pp. 103-115.
- SANTOS, Valdevino Rodrigues dos. (2002). *Tempos de exaltação: um estudo sobre a música e a glossolalia na igreja do evangelho quadrangular*. São Paulo: Annablume.

- SIEPIESRKI, Paulo Donizeti. (2002). A inserção e expansão do pentecostalismo no Brasil. In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). *História das religiões no Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE. v. II. pp. 541-582.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. (2000). *O antropólogo e sua magia*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.
- SILVANO, Filomena. (2001). *Antropologia do espaço: uma introdução*. 2ª. ed. Oeiras: Celta.
- SOARES, Aldenor Alves. (2002). *Sociologia de um anglicanismo tupiniquim: a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) na encruzilhada 'igreja/seita'*. Dissertação de Mestrado. Recife: Mestrado em Sociologia.
- THEIJE, Marjo de. (2002). *Tudo o que é de Deus é bom: uma antropologia do catolicismo liberacionista em Garanhuns, Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana.
- VELHO, Gilberto. (1980). *O desafio da cidade*. São Paulo: Campus.
- _____. (1982). *A utopia urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- VELOSO, Carlos et alli. (1987). *Iconografia do Espírito Santo*. Centro de Estudos de Arte e Arqueologia.
- ZALUAR, Alba. (1997). Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: CARDOSO, Ruth (Orgs.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. São Paulo: Paz e Terra. 107-125.

ANEXOS

ANEXO 1

ENTREVISTA N^o _____

01) Trajetória da afiliação

- a) Como ingressou na Igreja Episcopal?
- b) Por que a Igreja Episcopal Anglicana ou Carismática?
- c) Há quanto tempo você a frequenta?
- d) Com que frequência você vai à Igreja (atividades das quais participa)?
- e) Além de você, há mais alguém da sua família?
- f) Qual o culto de que você mais gosta? Fale sobre ele.
- g) Qual a importância da Igreja Episcopal na sua vida?
- h) O que mudou na sua vida?

02) Qual a sua opinião sobre a vinda de Randy Clack, Kleber Lucas, Silas Malafaia, Carlos Alberto Figueredo e outros?

03) O que mudou após a ruptura do Pr. Paulo Garcia do Anglicanismo?

04) Como você definiria a Igreja Episcopal Anglicana antes da ruptura do Pr. Paulo Garcia?

05) Como era a convivência na Carneiro Vilela?

06) O que você acha da ruptura do Pr. Paulo Garcia com o Anglicanismo?

ANEXO 2

FORMULÁRIO Nº _____

Data: _____

Lugar: _____

01 – DADOS PESSOAIS

a) Idade: _____

b) Escolaridade: _____

c) Profissão: _____

d) Sexo: F () M ()

e) Estado Civil: solteiro ()

casado ()

viúvo ()

divorciado ()

outros ()

f) Filhos: sim () não ()

g) Bairro em que reside: _____

02 – PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO

a) Casa Própria: sim () não ()

b) Telefone convencional: sim () não ()

c) Celular: sim () não ()

d) Situação de trabalho: empregado ()

desempregado ()

pensionista ()

aposentado ()

autônomo ()

e) Salário: _____ (número de mínimos)

f) Renda familiar: _____ (número de mínimos)

03 – PERFIL SÓCIO-RELIGIOSO

a) Religião anterior: _____

b) Igreja: _____

c) Além da Igreja Episcopal Carismática ou Anglicana, você frequenta outra religião ou outra Igreja? Sim () Não () Qual? _____

d) Quando ouviu falar da Igreja Episcopal Anglicana pela primeira vez?

e) Quando foi à Igreja Episcopal Anglicana pela primeira vez?

f) Havia algum problema na época em que entrou para a Igreja Episcopal Anglicana ou Carismática? Sim () Não ()

g) Se sim, conseguiu resolver esse problema? Sim () Não ()

h) Já recebeu alguma “bênção” na Igreja Episcopal Anglicana ou Carismática?

Sim () Não ()